

PORTO ALEGRE 250 ANOS

Holfeldt - [RUDIGER.pdf](#)

ANIVERSÁRIO POA 1872 –

CRONICAS SELECIONADAS

Paulo Timm 2022 : 250 ANOS

– Org. Paulo Timm e Adeli Sell

Clássicos

1. Antonio Alvarez Pereira Coruja - Antigualhas
2. Apolinário Porto Alegre – a definir
3. Aquiles Porto Alegre
4. Theodemiro Tostes – Sua excelência, o jazz
- 5 – Athos Damasceno – Sacadas, sacadinhas, sacadões
5. Nilo Ruschel – Rua da Praia
6. Carlos Reverbel - A Cidade e o Rio
7. Moacyr Scliar - Os mistérios de Porto Alegre
8. Sérgio da Costa Franco – Tempos de Mar Grosso

Contemporâneos

1. Sergius Gonzaga – Cidade dos Livros e dos Filmes

2. Carlos Augusto Bisson – Nós, os porto-alegrenses
3. Luiz Fernando Veríssimo – Bola de cristal
4. José Viegas – Porto Alegre
5. O mercado é um patrimônio cultural da cidade
6. Clóvis Heberle – A fábula do sorriso
7. Marcelo Carneiro da Cunha - A culpa é do Fischer
8. Juremir Machado da Silva – a definir
9. Junior Bonfim - Olhai as árvores da cidade
10. Charles Monteiro – a definir
11. Adeli Sell
12. Paulo Timm

Personagens Populares

Qorpo Santo

Barão de Itararé

Príncipe Custódio

Bataclan

Paulo José

Personagens marcantes da Vida Pública

José Marcelino de Figueiredo – Fundador de POA 1772

1752- 1780 – Ocupação e Proeminência –

A importância de José Marcelino de Figueiredo, “O Governador do Fim do Mundo”, segundo Sinval Medina – Portal Ed. SP, 2021

“Mesmo empenhado na reconquista do território pelas armas, o senhor governador (Marcelino de Figueiredo) entendia ser o povoamento por súditos leais o meio mais eficaz de garantir a soberania d El Rei naqueles domínios. (...) Semeava estâncias, distribuindo terras e gado aos pioneiros, transformando-os em defensores da fronteira. (...) Ao lutar por suas terras, propriedades e famílias, os vizinhos prestavam ao mesmo tempo inestimável serviço à Coroa. (...) A política de concessão de sesmarias adotada por Jose Marcelino era generosa. A distribuição de estâncias não se restringia aos ricos e poderosos: também alcançava os aventureiros paulistas, os desbravadores lagunenses, e os filhos dos açorianos já afeiçoados aos costumes locais. (pg 303)

Gomes Jardim – Farroupilha que cercou POA 1835

Júlio de Castilhos – Fundador da Era republicana que promoveu o Modelo Gaúcho de Desenvolvimento – 1903

Getúlio Vargas – Comandante civil da Revolução de 3 out 1930

Leonel Brizola – Líder da Legalidade – 1961

Olívio Dutra – Prefeito de POA, criador do Forum Social Mundial

PARTE I – Clássicos

- 1. Antonio Alvarez Pereira Coruja – Antigualhas**
- 2. Apolinário Porto Alegre – a definir**
- 3. Aquiles Porto Alegre – A revolução**
- 4. Theodomiro Tostes – Sua excelência, o jazz**
- 5. Nilo Ruschel – Rua da Praia**
- 6. Carlos Reverbel - A Cidade e o Rio**
- 7. Moacyr Scliar - Os mistérios de Porto Alegre**
- 8. Sérgio da Costa Franco – Gravatas de contrabando**

3. Theodomiro Tostes

SUA EXCELENCIA, O JAZZ

Theodomiro Tostes em Bazar e Outras Crônicas – Tania F. Carvalhal org.
FPC/IEE -1994

Desordenado, louco, tumultuoso, ele é bem a representação dinâmica de toda a alma moderna. O grito fortíssimo de um galo, um barulho de lata, uma buzina, um chocalhar de grãos de chumbo, virgulam uma frase musical suave e melódica, beliscando irreversivelmente a mais sentimental das choradeiras.

Ah! tudo em música, meu caro, por que não? Os nossos olhos já não piscam assustados, quando penetra em nosso ouvido um som esganiçado de locomotiva. Todos os barulhos, os que mais ferem, os que mais excitam a nossa sensibilidade, já nos são familiares. Cantam em nosso ouvido uma harmonia nova.

A superexcitação é hoje o ritmo da vida. Nós queremos ruído: a fecunda alegria das oficinas e das fábricas, a algazarra das ruas, o bimbalar dos sinos, as onomatopéias líricas do trem, a confusão, a desordem, tudo reunido numa harmonia única. A harmonia da vida. O tumulto musical do século novo.

E o jazz-band é assim: reflete na babel de mil linguagens musicais a confusão febril destes dias que dançam a última criação coreográfica da vida. A dança da loucura. Para o futuro. Doidamente.

E a vida é mais alegre, mais divertida e multiforme. A nossa alma arlequinal (cada losango é uma alma diferente) tem no jazz-band um símbolo, uma perfeita representação. Háverá sequência mais absurda e arlequinal que a de

um jazz-band moderno? A lânguida moleza de um tango milongón, dança de olheiras fundas e quenturas andaluzas de carícias, sucede o ritmo marcial de um paso-doble, um-dois, ou a trepidação frenética do Black, americana e superexcitante. À valsa lente – alma de poeta saudosista- segue um maxixe chocalhante, brasileiríssimo , canalha. Arlequinal. Arlequinal. Como a alma de nós todos.

Nós mudamos de alma a cada instante. Temos agora uma alma fútil, superficial, quase vazia. É a alma fox-blue. Temos daí a pouco a alma ordeira, sentimos necessidade de disciplina e método. É a alma one-step. Uma coisa qualquer acorda em nós lembrança antiga. Um pedaço de vida. Uma mulher. A nossa alma toca valsa-lenta. Açucaradamente. Uma noite contente. Uma vontade de desordem. De ferir a moral. De vira-a-frege. Alma samba-maxixe. Alma auri-verde. Alma que bamboleia e se remexe com um corpo opulento e langue de mulata.

É assim como eu Dio. Cada um de nós tem tantas almas, quantos minutos tem um dia. Todo homem moderno é um jazz-band infatigável de almas. Ninguém é assim: unicamente isto ou aquilo. Não há almas sentimentais. Nem frívolas. Nem graves. Nem maliciosas ou malandras. Há tudo isto num todo. Alma complexa. Numero 1, número 2, número 3...

3. Aquiles Porto Alegre

A CIDADE RISONHA DE AQUILES PORTO ALEGRE

Cyro Martini – A Cidade Risonha de Aquiles Porto Alegre, no Século XIX –
Martins Livreiro Ed.Ltda – POA -2013

Aquiles, na crônica sobre Ernesto Paiva , 1920, assinalou que o *golpe de Estado do General Deodoro*, dissolvendo o Congresso Nacional , impressionou o espírito já exaltado dos políticos da província, em virtude do quê o mês de novembro de 1891 foi fértil em acontecimentos que iniciaram a hecatombe que enlutou a terra gaúcha. Ernesto, que não tolerava violências, anteviu as graves conseqüências desse fato. Todavia, como simples cidadão, deixou-se ficar na expectativa. Com os olhos fitos no Palácio, esperava a ação do governo. Essa, para seu espírito de rio-grandense altivo, tinha que ser de protesto ao ato prepotente do Chefe do Governo da União. Os fatos correram vertiginosamente. Ao povo, que queria lançar seu grito de revolta contra o golpe de Estado, o governo impunha uma mordança. Foi então que Ernesto, com a única força de seu prestígio individual, pois que não ocupava nenhuma posição

global, organizou e chefiou, do dia para a noite, a revolução popular, que foi ao palácio depor o patriarca: *o grande Julio de Castilhos – adjetivação de Aquiles – vendo-o acompanhado pela cidade em peso, preferiu renunciar ao governo, a ordenar o espingardeamento do povo.* Organizada a junta governativa, constituída pelo General Barreto Leite, Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, Dr. João de Barros Cassal e General Manoel Luiz da Rocha Osório, Ernesto, que tinha sido o cabeça do movimento, deu por finda sua missão, voltando para seus negócios, não aceitando os cargos que lhe foram oferecidos; só depois de muito instado consentiu em aceitar a nomeação, que lhe era quase imposta, de delegado de polícia, com a condição de ser substituído, logo que o governo pudesse dispensar seu concurso. Destacou-se como leiloeiro. Na política, foi filiado ao Partido Liberal. Exerceu cargos de eleição, juiz de paz, e de nomeação. Como entender que Aquiles tenha qualificado de grande a Júlio de Castilhos, que perseguiu seu irmão Apolinário? Após a saída de Castilhos, estabeleceu-se o governo, que o órgão do Partido Republicano Rio-grandense – A Federação – denominava de governicho. Para os liderados de Castilhos instalara-se um *governicho sem maior valor.* Neste governo, que teve duração efêmera, Apolinário ocupou cargos públicos. Castilhos acabou reassumindo o governo. Sobreveio, posteriormente, um período sangrento nas terras gaúchas, na qual travaram lutas cruéis os liderados de Castilhos contra os de Gaspar Martins. Castilhos saiu vitorioso. Então, o território de Porto Alegre, conforme Lei Orgânica do Município, de 1º. de outubro de 1892, compreendia a capital do Estado e seus subúrbios, as ilhas fronteiras e as freguesias de Belém e Pedras Brancas, fazendo-lhe fronteira os municípios de Viamão, Gravatá, São Jerônimo e Dores de Camaquã, (pg.191-193)

4. A CIDADE E O RIO

Carlos Reverbel em Barco de Papel – Ed. Globo – POA 1979 pg12-14

Tenho para mim que Porto Alegre e o Guaíba vem em estado de beligerância, são inimigos figadais.

Trata-se, aliás, de uma guerra extremamente injusta, tão injusta quanto a invasão da Rússia por Napoleão, cujo tiro, por sinal, lhe saiu pela culatra, dando ensejo a que o velho Tolstoi escrevesse o maior romance de todas as literaturas, em todas as épocas: Guerra e Paz.

O rio estava em seu lugar, como manda o figurino. Eis senão quando a cidade resolveu invadi-lo, na base do fato consumado, isto é, sem aviso prévio, nem indenização por tempo de serviço. Começaram, então, os intempestivos e abusivos aterros, ou seja, a ocupação do rio, a mão armada, pela cidade.

Não tendo como defender-se, na medida das agressões de que passou a ser vítima, desde o início do século, o rio vem conseguindo, a muito custo, promover algumas enchentes., nem sempre com resultados satisfatórios, a não ser em 1941, quando teve ensejo, ninguém sabe por que cargas d'água, de providenciar um inundaçãõ quase diluviana.

Deve-se, e, embora se mantenha entretanto, reconhecer que, graças a esta tática o rio ainda não se entregou, embora se mantenha em retirada e com pouca munição, a exemplo das tropas de Honório Lemes, na revolução de 23.

A primeira pessoa que me chamou a atenção para esta guerra inglória foi um homem das Alterosas, o meu saudoso amigo José Mesquita de Carvalho.

Indagava o bom mineiro:

“Onde já se viu uma cidade como Porto Alegre, com tanta terra de sobre, adotar uma política holandesa para o seu crescimento urbano, invadindo o rio, como os súditos de Guilhermina que, sem outra alternativa, são obrigados a invadir desesperadamente o mar?”

Fiquei com a pergunta atravessada na memória, sem encontrar nenhuma resposta, mesmo porque, naquela época, já se cogitava da afinal desvirtuada Avenida Beira-Rio, conforme idealizara Loureiro da Silva, mas nem se sonhava com o aterrador novo aterro do Guaíba.

O imperialismo da cidade, no engolimento do rio, só encontra paralelo nas antigas conquistas da Grã-Bretanha, faltando-lhe, por enquanto, apenas os poemas de Rudyard Kipling, para mascarar a situação.

A idéia de Loureiro da Silva era apenas fazer uma avenida ao longo da margem do rio, para facilitar o trânsito e valorizar a zona sul, como área residencial, conservando-se, assim, a então maravilhosa enseada, com o esmerado favor que Deus lhe dera, sobretudo desde o Cristal até a outrora donirosa Praia de Belas.

Terminaram fazendo um aterro “holandês”, o que corresponde a uma caríssima, antinatural e inflacionária “fabricação” de terra firme, em prejuízo do rio e, principalmente, da paisagem, isto num lugar em que pode faltar tudo, menos terra.

Quando começou o aterro, eu tive de entrevistar, na lida de repórter, um professor norte-americano que dera com os costados nestas plagas. O estrangeiro era antropolista ilustre, tendo sido interrogado, obviamente, sobre a matéria de sua especialidade. Mas como é de velha e provinciana praxe, nessas ocasiões, eu não poderia encerrar a entrevista sem perguntar-lhe sobre sua impressão a respeito da nossa cidade.

Ele não se fez de rogado. E depois de informar que havia percorrido a orla do Guaíba, tomando, assim, conhecimento das obras do aterro recém-iniciado, limitou-se a dizer, secamente:

“Vocês estão estragando, em Porto Alegre, uma das paisagens mais bonitas do mundo.”

Depois de breve pausa, lascou o seguinte desaforo, que eu tive de engolir em seco:

“É pena que não se possa comprar paisagem e transportá-la para países que saibam admirá-las e preservá-las, conservando-as na sua beleza natural.”

4.Os mistérios de Porto Alegre

Moacyr Scliar

Porto-alegrense de nascimento (figura rara; como em outras cidades brasileiras, a população de Porto Alegre é formada principalmente por gente vinda do interior) e um apaixonado pela capital gaúcha, sempre fiz dela temas de artigos e crônicas — além de cenário para ficção. Há alguns anos, a RBS pediu-me uma coletânea de meus textos sobre o tema. A organização não deu muito trabalho; a escolha do título, sim. Acabei optando por *Os mistérios de Porto Alegre*. No começo, nem sabia bem o porquê, mas ao longo dos anos fui concluindo que a escolha até podia ser fruto de uma súbita, e bem-vinda, intuição.

Porto Alegre é uma cidade misteriosa. Não no sentido gótico, sinistro, do termo. Os mistérios de Porto Alegre são, bem, mistérios porto-alegrenses: pequenos, encantadores mistérios. São historinhas, são lugares, é o jeito de ser de uma cidade fundada por sessenta casais açorianos — quando? Bem, aí está o primeiro mistério. Durante décadas, discutiu-se o ano da fundação de Porto Alegre, falava-se em 1744, falava-se em 1772. Essa última data acabou prevalecendo, acho que mais por exaustão do que por qualquer outro motivo.

Os açorianos inspiraram o primeiro nome da cidade, Porto dos Casais. Porto, porque a cidade fica às margens do Guaíba (outra discussão: o Guaíba é um rio? É um lago, formado pela confluência dos cinco rios que nele desembocam? E um estuário?). O rio condiciona muito a vida porto-alegrense. Pelo rio chegavam os pequenos navios, trazendo os emigrantes (esta é uma cidade de alemães, italianos, de eslavos) ou as frutas do vale do Taquari. O rio substitui o mar que está longe; e, finalmente, o rio é responsável pelo panorama que se avista dos numerosos morros sobre os quais se derrama a cidade, panorama que é particularmente bonito ao crepúsculo, quando o sol incendeia as águas e o céu — fazendo com que Mario Quintana escrevesse, extasiado: "Céus de Porto Alegre, como farei para levar-vos para o céu?".

A beleza misteriosa de Porto Alegre. Esta não é uma cidade que se desvenda de súbito ao visitante, que se revela numa pujante beleza natural, como o Rio ou Salvador. Porto Alegre a gente tem de descobrir aos poucos; é uma metrópole, sim, mas uma metrópole provinciana, tímida. Começa-se pelo centro, pela Rua da Praia, naturalmente. Depois caminha-se pela Praça da Alfândega e os estranhos, fascinantes prédios que a guarnecem. O *art-nouveau* porto-alegrense foi obra de construtores alemães e resultou de um insólito sincretismo, uma combinação de elementos europeus e brasileiros. Aliás, essa combinação pode ser vista em outros lugares. Na Biblioteca Pública, há esfinges e arabescos, símbolos positivistas e ferro trabalhado. No Parque Farroupilha, inaugurado em 1935 para comemorar o centenário da Guerra dos Farrapos, há um templo japonês em miniatura, um pseudo vulcão, um minizôo. Essa mistura chega às raias do *kitsch*, mas fala muito de Porto Alegre. Como falam seus bairros: o Alto da Bronze, com seus casarões antigos; Moinhos de Vento, com suas residências aristocráticas; Petrópolis, o bairro da classe média; e o Bom Fim, onde nasci e me criei, e que era, em minha infância, uma aldeia judaica da Europa Oriental perdida, como uma espécie de Chinatown, no meio da cidade: as ruas cheias de gente, os vendedores ambulantes apregoando suas mercadorias, as gordas matronas falando mal da vida alheia ou correndo atrás de seus magros rebentos com um prato de comida.

E grande parte dos mistérios de Porto Alegre está no seu imaginário, nas histórias que fizeram o encanto da minha meninice, embora muitas delas façam

parte deste inconsciente coletivo que parece ser comum a muitas cidades. Assim, por exemplo, a lenda do cabaré das normalistas. Diziam que as comportadas moças, saindo da escola onde estudavam, não iam para casa, mas seguiam para um misterioso cabaré onde mudavam de roupa e, muito maquiadas, entregavam-se por inteiro à sua lascívia. O endereço desse excitante estabelecimento era um segredo ao alcance apenas de uns poucos eleitos. Falava-se de um ou dois choferes de praça que, por muito dinheiro, conduziram até lá os seus passageiros. Confesso que nem tentei, mesmo porque bordéis não faltavam à cidade; num estado povoado (ao menos no início de sua história) por homens que conquistaram a terra aos espanhóis, havia falta de mulheres, uma necessidade suprida pelos cabarés e pelas casas de tolerância.

Descobrir os mistérios de Porto Alegre: eis a tarefa que me propus, desde a infância, e que não concluí — e nem vou concluir. Diferente de Teseu, e à semelhança de Walter Benjamin, gosto de me perder nos labirintos da memória e da fantasia, que, em minha imaginação, se confundem com as ruas de Porto Alegre. E, sem pressa de chegar, eu os percorro quase que diariamente. Guia-me não o fio de Ariadne que socorreu o herói grego, mas o fio da emoção, que nunca se desfaz.

4.

Última atualização (Sáb, 28 de agosto de 2010 11:40)

Sergio da costa Franco

TEMPO DE MAR GROSSO - Em "Em Paz com ávida"- Estante de Literatura - ARI/CORAG

O costume porto-alegrense de desertar da cidade em janeiro e fevereiro parece ser muito antigo. Nas "Antigualhas" do cronista Pereira Coruja, que, evocava lembranças anteriores à Revolução Farroupilha (pois em 1837 Coruja emigrou para o Rio de Janeiro), ele já aludia a carreiros "que conduziam da Cidreira umas famílias que tinham ido aos banhos de mar

grosso”. A primeira edição do livro daquele cronista é de 1881, o que só por si assegura a antiguidade do costume, mesmo que Coruja, influenciado por informações posteriores à sua mudança haja incorrido em algum anacronismo. E se me permitem o bairrismo de cidreirense, fica por ele e com ele demonstrada a absoluta prioridade cronológica de Cidreira como foco de lazer e repouso do moradores da Capital gaúcha.

Em jornal de cem anos atrás, já li narrativa em capítulos de uma excursão a Cidreira – jornada de muitos dias em carretas, com boiada por diante para reforço e revezamento da tração. E no relatório de viagem científica de Roquete Pinto, em 1906, já está a informação de que na mesma praia encontrara ranchos de palha de veranistas de Porto Alegre.

O que impressiona nesses dados históricos é o poder atrativo que o oceano foi capaz de exercer a mais de cem quilômetros de distância e apesar do obstáculo de campos desertos, de alagadiços e de areais quase invencíveis. E se viagens tão complicadas e penosas ainda fossem compensadas pela oferta de mares mansos, de águas tépidas e de costas verdejantes, muito bem. Mas ninguém ignora que a costa rio-grandense é uma costa de degredo, um castigo da natureza e um protesto de Netuno que só a mão paciente do homem tem conseguido aplacar um pouquinho, semeando florestas e cultivando gramados e jardins. Cabe lembrar que, por aqueles tempos, em contraste, o Guaíba ainda era um límpido lago, que oferecia ao porto-alegrense uma sequência formidável de praias. Não faltava, contudo, os que trocassem a suave tranqüilidade da Tristeza ou de Belém Novo, pela inclemência do vento Nordeste e as tempestades de areia. Eram, naturalmente, os antecessores dos atuais sofredores do “camping” selvagem, que abrem caminho dão turismo bem-comportado.

(16.01.1983)

Parte II

1.CIDADE DOS LIVROS E DOS FILMES

Sergius Gonzaga in **Confissões de um adolescente interiorano**

E como se mergulhássemos num conto de Jorge L. Borges. Um soturno hall de entrada onde se deixava a pasta ou o arquivo e depois a biblioteca, mais escura que o devido, com suas mesas lustradas e suas velhas cadeiras estofadas. Os fichados eram antigos e um elevadorzinho, meio *belle époque*, trazia os livros pedidos. Tudo era assim, fantástico, mágico, inclusive um funcionário pálido, cadavérico — saído de alguma página de Põe — e que nos vigiava pelo salão.

Havia uma atmosfera pesada e triste por um lado, o quase imperceptível cheiro de mofo, os retratos pintados de escritores mortos, o pé-direito altíssimo, o conjunto vetusto dos móveis. Contudo, por outro lado, havia ricos de adolescentes, logo admoestados pelo personagem cadavérico, um buliço irreprimível, uma vocação para a algaravia e, é claro, a vida regorgitava na paixão de alguns rapazes e moças pelos livros, uma paixão que se realimentava a cada descida do bizarro elevador que despejava diante de nós os frêmitos mais perenes da existência.

Quando se saía da Biblioteca Pública geralmente anoitecera em Porto Alegre e meninos já berravam as manchetes da *Folha da Tarde*.

P. F. Gastai e Flávio Loureiro Chaves andam com rolos de filmes escondidos nos casacões. Flávio parece ter roubado o capote de Gogol. Jefferson de Barros, Enéas de Souza, Hélio Nascimento e Goida desvelam os mistérios de Godard e Antonioni. O grande público morre de tédio ou não vai a esses filmes, mas os diretores — sabíamos todos — eram da "ponta da orelha" e as explicações dos críticos mais geniais ainda. Num curso, no Foto Cine Clube

Gaúcho, Sérgio Silva me diz que os filmes de Bergman são ao mesmo tempo dialéticos e sartrianos. Embasbacado, como três cartuchos de amendoim torrado. Finjo gostar, fingimos todos. O futuro escritor Emanuel Medeiros Vieira costuma soprar caroços de pipoca nas mocinhas intelectuais que, por sua vez, sempre exclamam no fim da sessão: "Que densidade metafísica".

À noite, em frente à Livraria Coletânea, diante do Ópera ou do Guarany, nos reunimos e discutimos a cultura que vem da Europa, os grandes temas da humanidade, os problemas fundamentais da existência. Às vezes, vamos debatendo até o Abrigo, onde esperamos os últimos bondes, os bondes da madrugada.

Na capital provinciana, os postes de luz filtram as brumas e os passos solitários de jovens que sonham com Paris e Nova Iorque.

Frei Lauro Dick pergunta na aula de Literatura sobre nossos hábitos de leitura. Exceção feita a José Ronaldo Falleiro, lemos pouco. O mestre nos chama de idiotas. Nossas orelhas ficam vermelhas, sim, de fato, somos relapsos e como o idiota de Nelson Rodrigues, babamos na gravata. Há que escapar do epíteto: começamos a ler com fúria juvenil.

Na livraria Lima, compro os meus dois primeiros livros: *O encontro marcado* e *Gabriela, cravo e canela*. Deslumbramentos. Erico, José Lins, Campos de Carvalho, Sartre, Martin du Gard, etc. No fim daquele ano, com a surpreendente colaboração de meu pai, famoso pela avareza, compro num sebo, o Nossa Senhora das Dores, a coleção completa de Dostoievski. Em seguida descubro a Coletânea, de Arnaldo Campos, a livraria que amávamos tanto quanto a Revolução. Ali, se lê, debate, questiona. Paulo César Timm, meu guru de então, revela-me os segredos do Imperialismo, da mais-valia, da grandeza do proletariado, futuro coveiro da burguesia, dos sonhos que se constroem no Leste europeu.

As vezes saíamos dali para um cafezinho no Rian ou uma média com pão e manteiga no Matheus. Só decepcionei-me um pouco com o Timm, quando pediu para que eu o acompanhasse ao Stoduto, queria comprar um temo de casimira. Estes desvios pequeno-burgueses eram deveras reprováveis. "Na

sordidez do capitalismo — explica-se ele — somos obrigados a certas concessões/'

Eles construíram Porto Alegre. Com palavras, sons, cores. Os outonos de Eduardo Guimarães, os crepúsculos de Mario Quintana, os locais sagrados de Athos Damasceno. Pelo Centro, passearam personagens do Erico, do Dyonélio, do Scliar. Na Azenha perambula Camilo Mortágua. A fisionomia da cidade permeia os textos de Arnaldo Campos, João Gilberto Noll, Assis Brasil, Caio Fernando de Abreu. Não esquecendo as crônicas do Luis Fernando, do Sérgio da Costa Franco e do Sérgio Jockymann. E a noite porto-alegrense? Sem as referências do Carlos Nobre, do Danilo Ucha e de tantos outros, seria possível entendê-la?

Uma cidade reinventada por escritores. E pelos músicos: Lupi-cínio, Túlio Piva, Nelson Coelho, Nei Lisboa, Vítor Ramil.

Uma cidade de grupos teatrais e de pintores. Invejo a todos, tenho ciúmes deles. Na Feira do Livro, piso humilhado nas flores roxas dos jacarandás por ser incapaz de expressar com palavras as contradições de Porto Alegre.

Entro no Theatro São Pedro ou no Renascença com amargura por não saber representar. Ressentido por não ter aprendido a tocar qualquer instrumento, vou assistir ao show de Plauto Cruz com sua flauta encantatória.

Invejo a todos, cheio de despeito, de rancor mesquinho; mas quando os livros "deles" se abrem, as peças iniciam, Plauto arranca sons de sua flauta, quando a arte "deles" flui, aí então eu sinto um aperto no peito e me comovo com os artistas desta cidade — os que fazem da alegria e da tristeza motivos de criação — e estendo silenciosamente em sua direção um longo afago.

2.Nós, os porto-alegrenses

Carlos Augusto Bíssón

Já é lugar-comum. Porto Alegre não tem as belezas naturais do Rio e de Salvador. Muito menos a grandiosidade e o variadíssimo leque de serviços de São Paulo. E como a ausência de referenciais nítidos faz com que só

conseguimos avaliar a capital do Rio Grande do Sul por comparação, pode-se dizer que, como espaço urbano, Porto Alegre não tem sequer o charme e a organização impecável de Curitiba. Até exageram nossa falta de atrativos. A atriz cinematográfica italiana Valéria Golino (*Rain Man, Top Gang I e II*), que esteve aqui, disse à revista SET que tinha conhecido "a cidade mais feia do Brasil"...

A falta de um perfil definido que tome a cidade chamativa chega a criar situações curiosas. Há quem diga, por exemplo, que a capital gaúcha tem potencialidades turísticas inexploradas. Cidade à beira das águas, Porto Alegre preferiu isolá-las através de um muro em vez de criar uma estrutura de lazer que aproveitasse essa paisagem privilegiada. A maioria de nossos conjuntos arquitetônicos de valor histórico e estético foram postos abaixo pela febre modernizadora dos anos 50, 60 e 70. O que restou (Theatro São Pedro, prédio da Tumelero em frente à rodoviária, etc.) é muito bonito, mas não em número suficiente para atrair visitantes. O mesmo se pode dizer do tão decantado pôr-do-sol nas águas do Guaíba, fenômeno rotineiro num país onde as grandes cidades ficam no litoral. O que fazer, então, para entreter os que nos visitam? Com o objetivo de contribuir para a resolução do impasse provocado pela ausência do que mostrar em Porto Alegre, o vereador Airto Ferronato (PMDB) apresentou projeto de lei, que obriga a inclusão dos cemitérios no roteiro das agências que trazem turistas a Porto Alegre.

Foi, como já disse, uma proposição curiosa, mas não desprovida de mérito — o cemitério de Père Lachaise (Paris) é muito visitado por nele estarem sepultados Chopin, Balzac e Proust, entre outros. Os cemitérios de Porto Alegre são um verdadeiro museu a céu aberto graças à beleza dos túmulos — sobretudo os da Santa Casa, que abrigam personalidades de relevo na história gaúcha, como Júlio de Castilhos, Pinheiro Machado e Maurício Cardoso. Sem dúvida, neles estão e estarão enterrados o que de melhor a cidade tem a oferecer: os próprios porto-alegrenses, seja por nascimento ou adoção.

Excentricidades à parte, quando se diz que a capital tem mistérios que não se desvendam na superficialidade do primeiro olhar, quando se mencionam as milhares de histórias vividas no Centro, no Bom Fim ou na Azenha, não se está

falando de concretude gélida dos monumentos e prédios de Porto Alegre. É o fator humano que está sendo sugerido nessas divagações. A partir disso, o que entra em cena aí é o impalpável, o imponderável e o invisível "cosido pela agulha da imaginação", conforme Machado de Assis em outro contexto, e que não pode ser fotografado e mumificado em estatísticas. É o jeito da cidade expresso em sua gente, na qualidade dos que nela habitam.

E o que é ser porto-alegrense? Alguns já formularam conceitos, outros negam a existência de tal tipo. Como gosto de arriscar opiniões, vou me filiar aos primeiros. Talvez a essência da gente de Porto Alegre esteja num misto de timidez e leve ironia, que cumpre o papel de filtrar a acidez do espírito crítico e a belicosidade do gosto pela polêmica. Um pouco como os textos de Luis Fernando Veríssimo e a poesia de Mario Quintana, não por acaso as duas personalidades mais representativas e festejadas da cidade.

Esse comportamento indubitavelmente contido pode ser a forma de Porto Alegre se diferenciar tanto da propalada (no centro do País) arrogância dos gaúchos — notadamente os da fronteira — quanto dos modelos culturais descarregados por Rio e São Paulo via televisão. Ou, então, é resultado do fato de que em cada três porto-alegrenses que trabalham pelo menos um é funcionário público municipal, estadual ou federal. Daí esse jeito aparentemente acanhado que faz com que pareçamos panacas diante da extroversão dos que nasceram em metrópoles maiores. Na verdade, essa conduta cautelosa é a manha do funcionário público no trato com o poder político, transplantada para o conjunto das relações sociais. Ouvir e parecer submisso traz lá seus rendimentos e ficar calado não diminui o senso de humor. Escolher o que se vai dizer é fundamental, pois pode enterrar ou alavancar possibilidades de ascensão social. O que, nesta cidade de 1.300.000 habitantes, se materializa também através da política partidária.

E como gostamos de política! Como não apreciá-la se em razão dos motivos expostos parecemos tão talhados para ela? Certamente, aqui estão as bases mais aguerridas e ideologicamente posicionadas dos grandes partidos nacionais (PT, PMDB, PPR). Temos um arcabouço cultural invejável se comparado às demais capitais brasileiras, fruto da excelência do nosso sistema educacional do passado. Isto, somado à nossa proximidade geográfica e

intelectual com os países do Prata, nos permite enxergar o Brasil com um distanciamento ímpar, ideal para quem tem a ambição de formular projetos para o País. Lembram de Getúlio e o pessoal que fez a Revolução de 30?

Nós, porto-alegrenses, somos tão cordiais quanto os mineiros e bem mais hospitaleiros do que os agressivos cariocas de hoje — a quem antes invejávamos, pois já vimos o Rio como nossa segunda casa. Mas que ninguém se engane com nossa polidez e a presteza com que oferecemos o chimarrão e convidamos o visitante para um bate-papo em nossa casa. Como disse certa vez o cruz-altense Justino Martins, quando um gaúcho (e porto-alegrense) respira fundo por não gostar do que ouviu e pronuncia aquelas palavras — "Pra te falar com toda a franqueza..." — podem ter certeza que vem patada. E de precisão mortífera.

Queixamo-nos da falta de opções de lazer em Porto Alegre buscando refúgio nos prazeres da mesa e na fantasia. No primeiro caso, lotamos a cidade de churrascarias, pizzarias, lanchonetes e — mais um mistério — restaurantes chineses. Deve haver uns 20 em Porto Alegre, sem nenhuma explicação imigratória do porte da alemã e da italiana que os justifique. No segundo, pode-se mencionar os 38 cinemas da capital, média altíssima de um para cada 35.000 habitantes, o que nem São Paulo conseguiu atingir. Aja mencionada Curitiba tem apenas 15 cinemas, embora sua população seja equivalente à nossa. Copiamos humilhantemente as inovações urbanas propostas pelos paranaenses — corredores de ônibus, calçadão, rua das flores — mas nos vingamos deles pelo peso de nossa tradição cultural. Contudo, se já estamos nos medindo com uma cidade que há vinte anos sequer considerávamos, tal a nossa liderança no sul do País, é porque alguma coisa não está funcionando direito por aqui, apesar do valor de nossa gente.

Será que Porto Alegre não está excessivamente orgulhosa de sua condição de pequena grande metrópole? Hoje, somos apenas a décima primeira cidade brasileira. Temos 250.000 favelados que, ao contrário do que acontece na ex-Cidade Maravilhosa, não estão suficientemente próximos dos bairros de elite para causar indignação e temor, mas prometem se tornar uma realidade socialmente explosiva nos próximos anos. E um quarto de nossa mão-de-obra está desempregada, gerando o curioso fenômeno dos "mordedores" —

pessoas que gentilmente se oferecem para cuidar de nossos carros nas portas dos bares, cinemas e restaurantes, quando poderiam estar nos assaltando.

Talvez, nós, porto-alegrenses, precisamos dar um puxão de orelhas em nós mesmos. Esquecer o Grêmio, o Internacional, as churrasqueadas, cervejadas e os fins-de-semana no sítio (que nos remetem ao nosso irremediavelmente perdido passado rural) e passar a nos perguntar o que pretendemos desta cidade.

E é aqui que retorno ao ponto inicial deste artigo — as dificuldades que a cidade têm em se estabelecer como pólo turístico e cultural no País. Não tenho a pretensão da originalidade ao afirmar que um dos problemas mais instigantes de Porto Alegre é a sua incapacidade de criar um discurso que a justifique como cidade e, a partir daí, definir metas políticas que reforcem este discurso.

Lembro-me de minha infância no Rio, passada na ainda não-degradada Copacabana, e a surpresa com que travei contato com a Ipanema de Tom Jobim, Vinícius de Moraes e do pessoal do *Pasquim*. À mim, criança, me pareceu desértica e destituída de interesse, se comparada ao fervilhar do bairro onde vivia. A Ipanema construída pela chama daqueles artistas era ficcional e é possível que, exatamente por ser inicialmente imaginária, tenha entrado no mapa cultural brasileiro. Evidentemente, as razões para que não sejamos a cidade que pretendemos não passam exclusivamente por aí, mas acredito que já seria um bom começo estabelecermos qual deve ser o caminho trilhado pela capital.

Para onde vamos? Porto Alegre tem quadros de alto nível em todas as atividades profissionais, muitos deles exportados para os mais distantes confins do Brasil. A cidade é uma fonte inesgotável de talentos, mal aproveitados em sua maioria. O Mercosul já está chegando e ainda não definimos o nosso papel na realidade da integração. Talvez caiba à capital dos gaúchos, sobretudo, abrir-se para o País e o exterior, ser mais ambiciosa, como São Paulo, e tão organizada como Curitiba. O que precisamos é de determinação política e vontade de romper com a estagnação. Só assim teremos uma cidade com a qualidade de vida condizente com o padrão de excelência de seus habitantes.

3. Bola de cristal

Luís Fernando Veríssimo

Está tudo difuso. É o que dá usar uma bola de cristal de segunda mão. Comprei de um vidente amador que disse que só a usava nos fins-de-semana. Vejo um rapaz estranhamente familiar parado no que parece ser o abrigo da Praça XV. Ali onde eu esperava o bonde Petrópolis (fim da linha, até João Abbott ou até Boa Vista) e aproveitava para comer um pastel com vitamina de abacate, na minha temerária juventude. O bonde Petrópolis subia a Protásio Alves como um velho subindo a escada, devagar e se queixando da vida. E, no entanto, nunca pensei numa viagem num bonde Petrópolis como perda de tempo. Talvez porque naquele tempo nossa relação com o tempo fosse outra. O tempo tinha outro valor. Você encarava uma viagem num bonde Petrópolis com a mesma filosofia de um construtor da Idade Média contemplando o projeto de uma nova catedral, sabendo que a obra consumiria toda a sua vida e que ele ainda legaria os últimos arremates a seus filhos. Não se desperdiçava a vida numa viagem no bonde Petrópolis, mas chegava-se ao fim da viagem invariavelmente mais velho e mais sábio. Subir a Protásio era como construir uma catedral.

Mas o que o abrigo da Praça XV está fazendo no futuro? E por que esse rapaz na bola de cristal se parece tanto comigo, apesar do topete duro de Gumex? Talvez seja um descendente, e ele more numa Porto Alegre *pós-débâcle* final que decidiu voltar às suas simplicidades, inclusive o bonde, o tempo de sobra e a vitamina de abacate. Foi isso: como todas as cidades do Ocidente, Porto Alegre deu-se conta da sua impossibilidade e fugiu para o passado. Nos meus tempos de topete a cidade devia ter o quê? Seiscentos mil habitantes, se tantos. Depois inchou, cresceu mal e acabou nisso, numa volta ao seu ponto ideal de grande cidade pequena, ou pequena cidade grande, renegando o próprio progresso. Mas voltou como? Fez o que com seu excesso de habitantes? Imagens terríveis passam pela minha cabeça. A guerra civil tantas

vezes prevista. Um rio de sangue descendo a Borges. Até — por que não? — cenas de canibalismo, o controle demográfico mais prático que existe, já que engorda os que sobram e ao mesmo tempo lhes dá mais espaço. Que preço pagamos para recuperar esta tranqüila cena de um adolescente esperando um bonde numa cidade ainda possível?

Mas não. Descubro qual é o problema. Maldita bola de cristal. Ela é tão ruim que, em vez do futuro, está mostrando o passado. O rapaz sou eu mesmo, há 40 anos, e a Porto Alegre é a dos anos 50, que não voltam mais. Decido apelar para a técnica brasileira de consertar qualquer aparelho. O tapa parece funcionar, pois imediatamente surge uma cena do futuro na bola de cristal. A mesma Praça XV só que agora tomada por uma multidão e por barracas de camelôs. A bola de cristal dá uma panorâmica e descubro que todas as ruas da cidade estão tomadas por barracas de camelôs, que vendem de tudo, do chaveirinho ao refrigerador. Não existem mais lojas nas ruas, só lanchonetes e fliperamas. Todo o comércio é feito por camelôs, inclusive o de roupa, com as cabines de provas para mulheres ao ar livre atraindo grande curiosidade popular. Deduzo que as lojas de comércio como nós as conhecemos hoje estão todas nos shopping centers, assim como os cinemas, os teatros, os restaurantes finos, os ginásios de esportes e os bancos. A bola de cristal, como que lendo a minha dedução, corta para dentro de um shopping center não identificado. É um shopping center enorme. Aqui há lojas, sim, e multidões pelos corredores — espremendo-se entre os camelôs. A diferença é que estes camelôs são uniformizados e têm crachá. Nos shopping centers há guardas particulares armados de metralhadora nas portas e corredores para controlar a frequência e em torres externas para dominar os acessos e os arredores. Os carros que chegam nos estacionamentos subterrâneos são revistados para ver se não trazem algum clandestino das classes D para baixo, pois estas são proibidas nos shopping a não ser para o serviço. Pedestres que tentam entrar são executados na hora. Nos ginásios embutidos nos shopping, clubes com nomes americanos disputam campeonatos de basquete e vôlei, os esportes mais populares da cidade desde que o futebol faliu definitivamente e Grêmio e Internacional, rebatizados de Grêmio Raspadinha Porto-alegrense e Raspadinha Clube Internacional, passaram a viver exclusivamente de sorteios.

Mas espera um pouquinho. Esta bola de cristal continua funcionando mal. Ou está, deliberadamente, tentando me enganar. Este futuro é tão exageradamente catastrófico quanto o passado idílico que ela mostrou era falso. Tendemos a escurecer nossos prognósticos na mesma medida em que fantasiemos nossas lembranças. Se o presente está mal é em contraste com um passado de possibilidades perdidas, e o futuro só pode ser pior. Mas a Porto Alegre em que eu esperava o bonde no abrigo não estava no auge de uma qualidade urbana que depois perdeu. Só era ideal na medida em que qualquer lugar em que se tem 15 anos, Gumex no cabelo e tempo para esbanjar é ideal. Era uma cidade limitada culturalmente e na qual os contrastes sociais que depois se agravaram já existiam, só que a gente não notava. Quando passo pela Rua da Praia, hoje, e penso no tempo em que as "boas famílias" iam lá para se encontrar, e a freqüentavam com a superioridade despreocupada de nobres numa alameda da corte, me dou conta que minha nostalgia é por privilégios perdidos, não por outra cidade. Os que freqüentam o Centro, hoje, são os mesmos — multiplicados pelo descaso — que há anos habitavam os arredores da nossa cidade idealizada. Só que agora entraram na sala.

Esta maneira míope de confundir privilégios perdidos com decadência geral talvez afete nossas previsões. A bola de cristal tem o mesmo defeito: leva o preconceito dominante a seus extremos e chama isto de futuro, e de inevitável. Prever que uma elite cada vez mais acuada acabará vivendo em fortalezas de privilégio enquanto a barbárie ocupa a cidade e cresce a seu redor pode ser uma correta avaliação do espírito da elite, mas talvez não o seja do espírito dos "bárbaros". A Porto Alegre possível nascerá da capacidade deles de se organizarem a despeito do preconceito, e das suas privações. Adivinhar o futuro pelo presente tem seus riscos: há alguns anos qualquer profeta juraria que, no ritmo em que ia, Porto Alegre seria uma cidade completamente sem árvores em pouco tempo. Aconteceu o contrário. Alguém, em algum ponto, por alguma razão, tomou uma medida que reverteu a tendência antiverde e o resultado é que Porto Alegre é hoje uma das cidades mais arborizadas do País. Pode muito bem estar se preparando outro futuro, que esta bola de cristal deformada insiste em me sonegar.

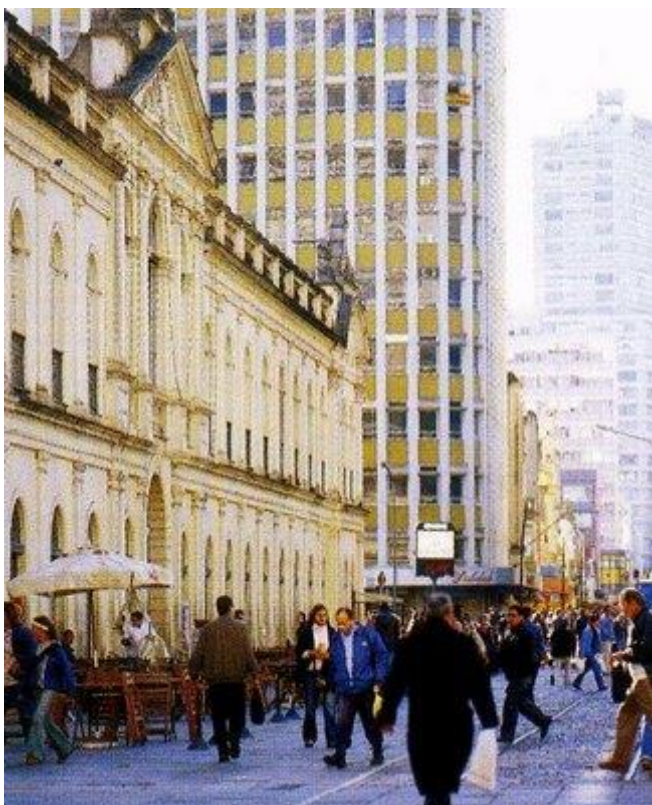
Acho que ela vai levar outro tapa.

4. CRÓNICAS DE FRANCISCO JOSÉ VIEGAS

UM ARMAZÉM DE EMOÇÕES PARA CONSERVAR COM MUITA POEIRA

Setembro 03, 2006

Cidades: (1) Porto Alegre



Uma das minhas casas seria na República, esse bairro central de Porto Alegre. Não de noite, povoada pelas faunas da cidade baixa, vagabundos, maus estudantes da UFRGS, loiras que durante o dia trabalham nas repartições, esquerdistas sem nostalgia, viciados em cinema, fumadores de baseado, professores universitários que arregimentam alunas românticas, todos os géneros e categorias políticas de bebedores. Há também os esfomeados da sopa do bar de esquina, o Van Gogh, deputados municipais, gente que

frequenta reuniões literárias, comentadores de futebol, caminhantes sem destino, bêbedos educados, boémios que contam a história da cidade, advogados cansados, mulheres bonitas, músicos de bares das redondezas, actores desempregados, desempregados que actuam como se não o fossem, agitadores, vendedores de cachorros quentes, adolescentes de vestidos muito decotados, gente de todas as religiões gaúchas, tertúlias nas esplanadas.

Desculpem as frases longas. Ao longo da minha vida escrevi muitas reportagens sobre lugares, cidades, viagens e países. Muitos desses lugares eram tão belos que os abandonava ligeiramente incomodado, entre eufórico e incomodado. Praias gentis protegidas por desfiladeiros, ilhas onde pequenos hotéis construídos em madeira aguardavam luas-de-mel. Cidades cheias de palácios, de ruas onde a História ameaçava o passeante. Países cheios de arte e de glória, bairros habitados por escritores de há trezentos anos, de quando havia literatura. Recebi cartas de leitores incomodados, como eu, por essa beleza incólume e comovente, ou elogios de viajantes fascinados. Sempre expliquei que a vantagem não era minha, mas desses lugares sobre os quais, na verdade, eu devia calar-me para os descrever melhor. Nunca me propuseram escrever sobre Porto Alegre, a cidade mais sem regras que já conheci. Mas eu tinha de escrever sobre Porto Alegre.

Explico. As cidades europeias têm regras – algumas, inclusive, severas de mais. Ou acerca do trânsito, ou sobre a arquitectura e a sua preservação, ou sobre a proibição de fumar. Outras, como Salvador, na Bahia, parece não terem regras - mas elas estão lá: a cidade dos negros, a cidade dos orixás, a cidade dos baianos brancos, a cidade religiosa. Ou Buenos Aires, onde há uma certa anarquia, sim, mas onde existe uma ordem monumental e uma tradição de bairro. Mas Porto Alegre é uma cidade que vive sobre o risco e vive em risco. Plantada diante do Guaíba, o rio que parece o mar (e que tem o seu poeta, Mário Quintana), Porto Alegre é uma cidade europeia como os europeus imaginam que devia ser uma cidade europeia: decorada de cafés, de livrarias, de mercados de rua, de árvores em todas as ruas, de bairros que vivem na penumbra de jardins semiencobertos, que tanto mostra o seu chique antigo em Moinhos de Vento, como o júbilo popular nas alamedas floridas e arborizadas do Brique da Redenção, onde ao fim-de-semana se passeia de chimarrão na mão, tomando o mate e apanhando sol. Há restaurantes para fumadores e

restaurantes para não-fumadores. Esplanadas debaixo dos jacarandás da Alfândega e sotaques espanhóis no Mercado Público, onde se concentra a maior quantidade de lojas de boa comida do hemisfério sul - e onde, ao lado do restaurante Gambrinus, existe o bar Naval para (de acordo com o menu afixado à porta) comer «o violento mocotó» ou a «terrível feijoada». Nesse complexo de ruas, entre a Voluntários da Pátria e a Floriano, a alma popular da cidade floresce como um dos grandes destinos a conhecer.

E Porto Alegre é uma das minhas cidades.

in Outro Hemisfério – Revista Volta ao Mundo – Setembro 2006

5. O Mercado é um patrimônio cultural da cidade

http://www.jornaldomercadopoa.com.br/index.php?view=article&id=119%3Ao-mercado-e-um-patrimonio-cultural-da-cidade&option=com_content&Itemid=41



Rodrigo Lopes*

Ele mora há 29 anos em Porto Alegre, viajou por vários países do mundo como repórter de Zero Hora e confessa que, com o Programa Camarote, da TVCom, que apresenta junto com Kátia Suman, está redescobrimo a cidade. O Mercado é uma dessas descobertas.

Eu acho o Mercado Público o centro da vida social de Porto Alegre. Por aqui circulam pessoas de todas as classes sociais, que vêm simplesmente para atravessar o centro e cruzam o Mercado. Outras para comprar, como o meu pai, que vem na Banca 43 há muitos anos. E tem outras pessoas que vem para sentir os cheiros e sabores. Qualquer mercado é alma de uma cidade. Eu conheço os mercados de Montevideo, de Barcelona e o pior mercado do mundo, a “cozinha do inferno”, de Porto Príncipe, no Haiti, onde estive duas vezes. Sempre que eu chego numa cidade procuro ir no mercado público para conhecer. A lembrança mais remota que eu tenho do Mercado é quando eu vinha aqui com minha prima, Simone Lopes, que é jornalista em São Paulo e a gente vinha buscar passagens escolares, antes da reforma. Eu tinha seis, sete anos. Era aqui no segundo piso, a gente ficava na fila. Era um “frioão” porque não era coberto ainda.

Outra lembrança é também quando eu era pequeno e vinha visitar minha mãe na Junta Comercial. Descia no centro na Praça XV, me assustava com o cheiro do Mercado. Depois é que descobri que o cheiro também faz parte desta coisa pulsante que é o Mercado Público. Depois da reforma me afastei um pouco do Mercado. Hoje acho que entrar aqui virou mais um cartão postal. Me sinto orgulhoso do Mercado, de poder trazer alguém que chega de fora aqui. Claro nos arredores ainda é um pouco perigoso, precisa evoluir na questão da segurança, na reurbanização, a questão do Cais do Porto, para que as pessoas se sintam mais à vontade para vir para o centro. Tem toda uma obra de reformas no entorno do Mercado, toda a cidade do mundo tem o seu mercado e cuida muito bem dele. Aqui se cuidou muito bem da obra, o Mercado é um patrimônio cultural da cidade. Agora tem que ter segurança em volta para que as pessoas possam visitar.

Em termos de alimento, cultura, erva mate só aqui se encontra vários tipos, as feiras deveriam ser semanais. Falta chegar informações às pessoas. Eu mesmo que moro em Porto Alegre há 29 anos não sabia que tinha uma Feira de Gibi, do Vinil. A imprensa poderia abrir mais espaço para isto. Eu venho da Zero Hora, era repórter de mundo, para mim está sendo uma redescoberta de Porto Alegre com esta experiência do “Camarote”, na TVCom. Às vezes eu vejo que conheço Beirute, Tailândia, Barcelona, Estados Unidos e não conheço a cidade em que eu vivo. Sempre optei, depois de viajar, voltar para cá. No “Camarote” em uma semana a gente entrevistou mais de 100 pessoas, e as pessoas estão sentindo isto. Dizem, ah, lá no Mercado, no Gasômetro tem isso, tem aquilo, olha que legal, e eu não sabia que tinha. O diferencial do “Camarote” é isso: sair do estúdio, para estar na rua onde as coisas estão acontecendo. O importante é essa interação com o público. É uma grande estrutura, a idéia é ir também para o interior do estado. Primeiro queremos consolidar Porto Alegre.

*Apresentador – Programa Camarote, TVCom

O Mercado na História



http://www.jornaldomercadopoa.com.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=73&Itemid=102

A enchente de 41, era água que Deus mandava...

Os mais antigos, que viveram tempos mais remotos de Porto Alegre não esquecem, principalmente aqueles que ainda frequentam o Mercado da Grande Enchente de 1941, quando uma boa parte de Porto Alegre foi inundada por uma enchente sem precedentes. O velho Guaíba em maio de 1941, se



esparramou cidade a dentro, com as águas chegando até a Rua da Praia e Praça da Alfândega. Foram semanas de chuva intensa como jamais se viu, inclusive até hoje na capital gaúcha. Está registrado que em abril e maio de 1941 a precipitação somou 791 milímetros na capital. Com isto o centro da cidade ficou debaixo d'água e os barcos se tornaram o principal meio de transporte de Porto Alegre em maio daquele ano, substituindo os automóveis e bondes nas regiões mais atingidas.

A Enchente de 41, como ficou conhecida, deixou toda Porto Alegre em choque. Pudera, foram 22 dias de chuva naquele maio de 1941. A enchente chegou ao seu ponto mais alto no dia 8 de maio, quando a régua da administração portuária alcançou a altura recorde de 4,74 metros na Praça da Harmonia. As águas avançaram pela Borges de Medeiros até o Edifício Guaspari. Também tomaram toda a extensão da Praça da Alfândega e da Rua da Praia até próximo da Rua Uruguai, além da Voluntários da Pátria, incluindo a Estação Ferroviária, a Avenida Farrapos, o Quarto Distrito e boa parte dos bairros Menino Deus, Azenha e Santana. Nunca houve inundação tão grande

e desastrosa. Por isto mesmo até hoje é ela lembrada e como herança, além das memórias, deixou o contestado Muro da Mauá, erigido para evitar outra cheia daquele porte.

O Mercado é um patrimônio cultural da cidade

http://www.jornaldomercadopoa.com.br/index.php?view=article&id=119%3Ao-mercado-e-um-patrimonio-cultural-da-cidade&option=com_content&Itemid=41



Rodrigo Lopes*

Ele mora há 29 anos em Porto Alegre, viajou por vários países do mundo como repórter de Zero Hora e confessa que, com o Programa Camarote, da TVCom, que apresenta junto com Kátia Suman, está redescobrimdo a cidade. O Mercado é uma dessas descobertas.

Eu acho o Mercado Público o centro da vida social de Porto Alegre. Por aqui circulam pessoas de todas as classes sociais, que vêm simplesmente para atravessar o centro e cruzam o Mercado. Outras para comprar, como o meu pai, que vem na Banca 43 há muitos anos. E tem outras pessoas que vem para sentir os cheiros e sabores. Qualquer mercado é alma de uma cidade. Eu conheço os mercados de Montevideo, de Barcelona e o pior mercado do mundo, a “cozinha do inferno”, de Porto Príncipe, no Haiti, onde estive duas vezes. Sempre que eu chego numa cidade procuro ir no mercado público para conhecer. A lembrança mais remota que eu tenho do Mercado é quando eu vinha aqui com minha prima, Simone Lopes, que é jornalista em São Paulo e a gente vinha buscar passagens escolares, antes da reforma. Eu tinha seis, sete anos. Era aqui no segundo piso, a gente ficava na fila. Era um “frioção” porque não era coberto ainda.

Outra lembrança é também quando eu era pequeno e vinha visitar minha mãe na Junta Comercial. Descia no centro na Praça XV, me assustava com o cheiro do Mercado. Depois é que descobri que o cheiro também faz parte desta coisa pulsante que é o Mercado Público. Depois da reforma me afastei um pouco do Mercado. Hoje acho que entrar aqui virou mais um cartão postal. Me sinto orgulhoso do Mercado, de poder trazer alguém que chega de fora aqui. Claro nos arredores ainda é um pouco perigoso, precisa evoluir na questão da segurança, na reurbanização, a questão do Cais do Porto, para que as pessoas se sintam mais à vontade para vir para o centro. Tem toda uma obra de reformas no entorno do Mercado, toda a cidade do mundo tem o seu

mercado e cuida muito bem dele. Aqui se cuidou muito bem da obra, o Mercado é um patrimônio cultural da cidade. Agora tem que ter segurança em volta para que as pessoas possam visitar.

Em termos de alimento, cultura, erva mate só aqui se encontra vários tipos, as feiras deveriam ser semanais. Falta chegar informações às pessoas. Eu mesmo que moro em Porto Alegre há 29 anos não sabia que tinha uma Feira de Gibi, do Vinil. A imprensa poderia abrir mais espaço para isto. Eu venho da Zero Hora, era repórter de mundo, para mim está sendo uma redescoberta de Porto Alegre com esta experiência do “Camarote”, na TVCom. Às vezes eu vejo que conheço Beirute, Tailândia, Barcelona, Estados Unidos e não conheço a cidade em que eu vivo. Sempre optei, depois de viajar, voltar para cá. No “Camarote” em uma semana a gente entrevistou mais de 100 pessoas, e as pessoas estão sentindo isto. Dizem, ah, lá no Mercado, no Gasômetro tem isso, tem aquilo, olha que legal, e eu não sabia que tinha. O diferencial do “Camarote” é isso: sair do estúdio, para estar na rua onde as coisas estão acontecendo. O importante é essa interação com o público. É uma grande estrutura, a idéia é ir também para o interior do estado. Primeiro queremos consolidar Porto Alegre.

*Apresentador – Programa Camarote, TVCom

5. Sacadas, sacadinhas e sacadões

Sacadas e sacadinhas porto-alegrenses. Páginas 43 – 49.

DAMASCENO, Athos. **COLÓQUIOS COM A MINHA CIDADE.**

Editora Globo, 1974. Porto Alegre.

Sacadas e sacadinhas porto-alegrenses

Na paisagem urbana porto-alegrense, tão amável, tão dada, tão acolhedora, o que logo chama a atenção, a ponto de fazer a gente parar sem saber por que, só para ficar olhando, são as sacadas, as sacadinhas, os sacadões, que se grudam a tudo quanto é fachada, quer nas ruas largas (poucas) e movimentadas, quer nos becos tortuosos, calombudos e quietos que tiveram, no passado, os seus momentos de glória, e hoje estão desaparecendo...

Já Saint-Hilaire, ao andar por aqui em 1820, observava que "as

casas de Porto Alegre eram em geral maiores que as das outras cidades do interior do Brasil e que a *maior parte possuía sacadas.*"

Não era possível faltar ao polpudo caderno de notas daquele velho paciente, meticoloso e vivíssimo, ao menos uma referência aos simpáticos gradis de ferro que encontrava por todos os lados, já que sobre eles, como aconteceu, não iria escrever mais nada.

Foi uma lástima que se tivesse limitado apenas à simples alusão.

Porque as sacadas e sacadinhas porto-alegrenses mereciam, sem dúvida, mais algumas palavras – tão bonitas e bem trabalhadas são todas elas, mesmo as mais modestas.

O gosto do português recém-vindo não era um sentimento muito pra dentro – era, ao contrário, bem pra fora, um gosto particular de ficar na superfície, agarrado mais à aparência das coisas do que à intimidade delas.

Esse gosto é sobretudo evidente na casa que ele foi logo construindo aqui, na arquitetura ingênua e arbitrária de que lançou mão, sujeito, é certo, à escassez e limitação dos materiais de que podia dispor por estas bandas, mas sempre inspirado no chão distante da península.

Ao levantar os muros da mofina guarita de porta e janela ou ao lançar os sólidos alicerces do sobradão rotundo, não pensava nem de longe na distribuição cômoda e inteligente de salas, quartos e varandas. Botava, isso sim, todo o seu interesse na fachada que ele antevia, através do seu colorido sonho de proprietário, enfeitada de pinhas e jarras nas cimalthas e engalanada de florões e azulejos ao longo de faixas e barra.

Planta baixa era coisa secundária para quem construísse e estamos persuadidos de que era ela, mais do que secundária, desconhecida, até.

O essencial, ao invés, era a planta alta, a fachada, com beriquetes e guarnições de toda ordem e feitio – desde as palmetas retorcidas às colunas de encaixe com folhas de acanto no topo.

Aí, então, é que entrava a sacada, a sacadinha ou o sacadão,

para completar, para coroar a boniteza da *máquina de moral*".

Todo o capricho, todo o esmero se concentrava na grade rendilhada desses balcões de ferro – teimosa reminiscência de Portugal e, sobretudo, incorrigível anseio de mostrar, ostensivamente, para os outros que quem vivia por detrás da parede pomposa era gente de cabedais e, portanto, de respeito...

O *bakkein*, que foi para o grego um meio de defesa das suas cidades, o *balcus*, que foi para o romano uma solução ao problema do clima áspero, engoliu um itinerário acidentado, atravessando a Idade Média já meio desvirtuado, para consolidar em definitivo o seu caráter de mero ornamento até nas pequenas habitações do período barroco.

Menestrais e trovadores, ao tempo das castelãs de cabelos cor de barba de milho, já abriam o peito para esses puxados de torre, cantando –os mais como formosos do que como úteis.

Do gargarejo romântico daquela época ao maneirismo do século XVII foi um pulo, e a sacada acabou virando puro enfeite.

Em Portugal, de certo, entrou com essa função e com essa função se instalou.

Lá, como de resto em outros pontos da Europa, apurou-se de todo jeito, enriquecendo-se de formas e motivos decorativos que não se pode deixar de admirar, mesmo naquelas em que o rococó de má tradição meteu o bedelho para estragar.

Famosas são as sacadas italianas, sobretudo as de Milão, apontadas como exemplo de ótimos trabalhos de serralharia.

O português, mais sólido, mais tradicionalista, mais fechado, do que os seus vizinhos, resistiu bastante às inovações intempestivas e ao refinamento de certas imaginações arrojadas demais, como, aliás, já resistira às seduções ardentes dos árabes que tantas presenças deixaram entre os ibéricos – na língua, nos costumes, na música, na cozinha, – em tudo.

Ele soube amarrar a cara para as graças de que tanto os romanos como os muçulmanos eram portadores.

Entregou-se, mas não muito, ficando com os bons elementos que a nova arte decorativa trazia, sem contudo deixar arrastar-se na

maré grossa das invenções sensacionais.

Incorporou à sua arquitetura muita coisa de uns e de outros. Gostou mesmo das sacadas, gelosias, balcões, varandas e alpendres, mas gostou de tudo isso com pé atrás, assimilando a contribuição estrangeira, com equilíbrio, e atenuando bastante o fogo de palha das novidades momentosas.

Essa é, sem dúvida, uma das boas virtudes do português.

E nela está precisamente a grande razão pela qual ainda enche o peito e respira fundo, apesar da enorme redução que sofreu no seu raio de ação e influência no mundo.

A sacada, que o português tomou com tanta discrição ao nobre e austero acervo arquitetônico dos romanos, teve larga aplicação no Reino. E dali se transferiu para as colônias, nelas conservando os traços expressivos e capitais da adaptação conveniente.

Porto Alegre é dona ainda hoje de respeitáveis exemplares da herança. E, se é certo que podemos orgulhar-nos de todo o material decorativo que recebemos, como azulejos, pinhas jarras e estatuetas, não falando nas caprichosas vidraças a que se atribuiu geralmente tão pouca importância - não é menos certo que a sacada de ferro está em primeiro lugar como elemento ornamental de irrecusável efeito.

O número delas aí pela cidade – número que tende infelizmente, a reduzir-se cada vez mais – está exigindo um levantamento em regra, um inventário rigoroso, a fim de que se não perca ou esqueça o que sobrou de melhor e mais aproveitável na nossa atrapalhada arquitetura urbana.

Além do número, há ainda a variedade.

Muito esmero, muita imaginação, muita graça na cachola dos pacientes serralheiros portugueses!

Nas rumorosas zonas comerciais da cidade, como nos sossegados bairros residenciais, hão de encontrar-se sacadas que são verdadeiras obras de arte.

Caprichosas, delicadas, esplêndidas rendas de ferro dócil – aqui o desenho se inspira na sonora lira de Orpheu; ali os jarrões nanicos se fazem cercar de um miúdo tecido de flores rosuladas; mais adiante

abrem-se em leque as delgadas flechas do Sagitário, compondo um atraente motivo com as rosetas espiralantes que lhe ficam em torno.

Combinações não raro engenhosíssimas, recortam-se muitas delas em formas de apurado senso estético e entrelaçam-se, na trama cerrada, linhas que sugerem folhas oblongas, elípticas ou ovais – folhas orbiculares, lunadas e espatuladas, algumas espessas e imbricadas, outras reflexas com os ângulos agudos para baixo, e outras mais, ao pé das sagitadas e cordiformes, lembrando o maneiroso movimento das gavinhas.

De permeio, outros tantos arranjos bem sentidos tirados às amáveis matrizes da flora infatigável e generosa: – cálices de sépalos escamosos, corolas de pétalas crespas, hastes finas e retas, estames e pistilos salpicados, cachos e cachos, pequenas cúpulas e tulipas, arremedos de umbelas e carimbos...

À maneira de moldura, embaixo e em cima – folhas d'água e flores de lódão; óvulos e palmetas; ondas e caneluras; pérolas e entrelaçados exóticos. E, quase sempre, as gregas clássicas.

Olhem, examinem, estudem bem essas grades todas, procurem demorar a atenção na leveza da sua trama, no cuidado das suas combinações no apuro das curvas graciosas, no requinte de certos detalhes – e não de admirar-se do carinho que era posto na obra e de como o ferro era obediente às exigências da concepção.

Mesmo as sacadinhas singelas, as modestas, as de simples varões perfilados, são dignas de menção. Tipo balaustradas, apresentam elas, aqui e além, a forma, a feição de pequenas colunas dóricas, jônicas, coríntias, toscanas – o fuste guarnecido a meio de anéis espaçados, colaretes ou florões.

Gilberto Freyre reparou logo, aqui, na parecença, no parentesco do nosso sobrado com os do Norte.

A semelhança é, realmente, flagrante, e de um modo geral não há diferenças grandes entre uns e outros.

Seria, todavia, interessante lembrar a influência mourisca muito apresentada lá e cá entre nós inexistente.

Há pouco, Luiz da Câmara Cascudo, comentando uma

conferência de José Mariano Filho, escreveu que o *português no Brasil se defendeu do sol, recorrendo às soluções bonitas dos árabes, como já fizera, em necessidade memor, na santa terrinha.*

E acrescenta que ele se socorreu do *mucharabi, cercando-o de gelosias, reixas, entrecruzamento de taliscas de madeira, rodeando-o de enfeites, arabescos, desenhos com inegalável efeito decorativo.*

Ora, desses recursos não nos valemos nós aqui, nem como elementos de pura ornamentação.

A sacada nossa conhecida não é a varanda árabe pra refrescar o lar. Não é o puxado mourisco, de saliência atrevida, pra criar a amável penumbra das sestas amolentadoras. Não é a gelosia do muçulmano ciumento, de gradis cerrados e zelosos, pra ninguém espiar pra dentro.

A nossa sacada é, isto sim, o gradil romano, o *balconi* italiano que o português recebeu do Lacio, a princípio, para nos transmitir, depois.

Mesmo porque o nosso clima não justificaria o expediente. Temos um sol duro no verão, sabe-se. Em compensação, o nosso inverno é áspero e as outras duas estações – outono e primavera – bem definidas, são amenas demais para nos levar, em matéria de moradia, às soluções a que estão sujeitas as regiões tórridas.

Aliás, repita-se ainda uma vez, a sacadinha porto-alegrense não formulou nenhuma pergunta ao clima, nem sequer lhe deu qualquer resposta.

Ela foi simplesmente, e ainda é, a graça dependurada na fachada e o brasão, o rico brasão dos importantes, isto é, dos dinheirudos.

Os nossos mestres de obra, certamente, nunca pensaram, por intuição sequer, em diminuir os cheios exagerados, apelando, com inteligência, para as aberturas amplas, como se fazia na Europa, ou nas Arábias, quando o calor derreava as gentes.

As sacadinhas com que o açoriano, tranqüilamente aboletado nestas latitudes, tratou de embonecar, no princípio do século XIX, o

muralhão do seu escorrido sobrado, foi – digam lá o que disserem os mais imaginosos entendidos do assunto – simples reflexo do seu precavido pé-de-meia, então barrigudo já de mistelas e patacas.

Que sacadas, sacadinhas e sacadões representassem, além de mero expediente decorativo, uma solução deliberada a qualquer problema atinente à arquitetura urbana – como o do calor, da luz, dos ventos ou do que quer que seja – duvido muito.

Nada nos autoriza a atribuir aos nossos rombudos e ingênuos pedreiros de outrora noções da intrincada técnica arquitetônica, em tantos passos relacionada a conhecimentos de urbanismo, higiene, estética e a mais outras artes e ciências mirabolantes de que talvez jamais tivessem ouvido falar sequer.

Em última análise, o aparecimento da sacada, em Porto Alegre, como de resto em quase todas as cidades rio-grandenses de origem genuinamente portuguesa, está muito mais ligado ao desenvolvimento, à evolução social e econômica de tais núcleos, do que a idéias e princípios presumíveis no bestunto inocente dos construtores de então.

Mais tarde, sim, foi que a sacada deixou de ser apenas formosa e pimpona, para ser também prestativa, e serviçal, e proveitosa.

Aí, então, tomou conta da vidinha provinciana, desdobrando-se nas mais variadas utilidades e imperando sozinha, pra dentro e pra fora, na casa e na rua.

Sem exagero, pode-se dizer que a crônica da sacada é a crônica da cidade – tão misturada está ela com os fatos e acontecimentos –importantes e miúdos, corriqueiros e sensacionais – do burgo açorita.

De manhã, de tarde ou noite, a sacada era a Cidade esfervilhando de vida – de rica e intensa vida.

Pois, como já se adiantou, as sacadas de repente passaram a ser tudo. E para tudo serviam.

6. A FÁBULA DA CIDADE SORRISO*

Clóvis Heberle, jornalista - <http://clovisheberle.blogspot.com/>

Publicado em Ferro e Mais Ferro - 25 de julho 2011- www.previdi.com.br

Porto Alegre cresceu e se tornou capital da Província de São Pedro por sua excelente localização: era ponto de chegada e partida de quem navegava pelos cinco rios que desaguam no rio Guaíba, e por quem buscava a saída para o mar pelo porto de Rio Grande, na Lagoa dos Patos.

No século 20, ferrovias e rodovias foram construídas, o Rio Grande do Sul se industrializou, a capital cresceu e se modernizou. Se tornou conhecida como Cidade Sorriso. Em seu porto atracavam navios vindos de todo mundo, e era possível embarcar num Ita para o Rio de Janeiro ou para as capitais nordestinas.

Barcos subiam e desciam os rios Jacuí, Taquari, Caí, Sinos e Gravataí com cargas de todos os tipos. Comprar laranjas, bergamotas e produtos da colônia na Doca das Frutas era tão costumeiro quanto percorrer o Mercado Público em busca de peixes, carnes e tantos outros produtos. Bem perto dali havia lojas, joalherias, bares, confeitarias e cinemas - Ópera, Imperial, Guarani, Carlos Gomes, Cacique. Era uma festa. As garotas se produziam para percorrer a rua da Praia - o "footing" fazia parte dos hábitos dos portoalegrenses.

Os bondes interligavam o centro aos arrabaldes: Navegantes, São João, Floresta, Auxiliadora, Petrópolis, Partenon, Glória, Teresópolis, Menino Deus. Uma linha circular, a Gasômetro, percorria toda a área central da cidade. No início da década de 70, foi preciso optar. Extinguir os bondes e substituí-los por ônibus, movidos a óleo diesel? Preservar os prédios construídos nas últimas décadas ou botá-los abaixo para a construção de edifícios, transformando o Centro numa selva de concreto?

Felizmente a população, os vereadores e os prefeitos não cederam às pressões dos espertalhões, dos especuladores imobiliários e de todos aqueles que só viam os seus interesses econômicos.

A maior vitória do espírito público ocorreu quando surgiu um projeto de proteção contra as cheias do Guaíba e evitar o que acontecera em 1941, quando as águas invadiram a parte baixa ao longo da zona portuária. Fruto de uma mente megalomaniaca, pretendia a construção de um muro de concreto com portões hermeticamente fecháveis ao longo da avenida Mauá. Foram levantadas dúvidas sobre a eficácia do sistema - houve quem argumentasse com a velha e boa lei dos vasos comunicantes, pois se as águas subissem até as bordas do cais, entrariam também pelos canos de esgotos e pelo arroio Dilúvio para invadir o outro lado do muro. O argumento definitivo para a sua rejeição foi de que o muro separaria definitivamente a cidade do seu rio. Daí para a frente, o bom senso prevaleceu. A navegação fluvial passou a ser valorizada. Aliscafos semelhantes aos que ligam Montevidéu a Buenos Aires substituíram os barcos a vapor para o transporte de passageiros entre Porto

Alegre e Rio Grande, com escalas em todas as cidades do trajeto - Guaíba, Barra do Ribeiro, Tapes, São Lourenço e Pelotas.

Quanto ao muro: os recursos para a sua construção foram usados num projeto de canalização e tratamento dos esgotos cloacais, que reduziram a poluição das águas do Guaíba. O arroio Dilúvio voltou a ter águas cristalinas, e suas margens serviram para ciclovias.

No verão, as belas praias do Guaíba eram uma opção para aqueles que não queriam ou não podiam ir até o Litoral. O entardecer tinha um encanto especial com a urbanização de toda a orla do rio. O trecho do porto entre o portão central e a Usina do Gasômetro, transformado numa área de lazer, ganhou bares, cinemas, teatros e restaurantes.

Quando as construtoras passaram a demolir os antigos casarões do centro histórico, houve um movimento pela sua preservação, com o apoio dos jornais, tevês e rádios.

Enquanto as outras capitais brasileiras extinguíam os bondes, tapando seus trilhos com asfalto para a passagem de carros e ônibus, a capital gaúcha não só manteve o serviço, como o integrou aos ônibus dos bairros mais distantes e dos municípios vizinhos. Em cada fim de linha dos bondes foram construídas estações de transbordo. Com a prioridade a um transporte coletivo de qualidade e baixo custo, que mais tarde incluiu um metrô para a região metropolitana, foram abandonados projetos de viadutos e túneis destinados a facilitar o acesso de carros ao centro, já que isto só traria mais poluição, mais transtornos. Em vez de carros, pedestres, bicicletas e bondes nas ruas. Porto Alegre se manteve como era até os anos 60: charmosa, limpa, agradável. A Cidade Sorriso.

** Esta fábula é uma homenagem a Leandro Telles, que por duas décadas lutou, junto com alguns poucos sonhadores, pela preservação dos prédios históricos da cidade. Obstinado, percorria as redações denunciando a destruição dos velhos casarões da área central para a construção de edifícios, mesmo que muitas vezes fosse recebido pelos jornalistas com indiferença e até com má vontade.*

Num dos episódios mais conhecidos de sua militância, enfrentou pároco da capela do Bom Fim que anunciara a sua demolição. Com o apoio dos moradores do bairro, o templo acabou sendo restaurado. Hoje Leandro se dedica apenas ao seu estande no Brique da Redenção.

7.A culpa é do Fischer

Marcelo Carneiro da Cunha

15/11/11 | 18:48 – www.sul21.com.br

Pois quem transita pelos meios acadêmico-culturais de Porto Alegre talvez conheça a expressão “fischerpresença”. O criador da expressão é

desconhecido, como quase tudo que vale a pena a gente citar nesse mundo, mas ela descreve bem a sensação de quem se acostumou a sempre – mais do que sempre, porque isso seria algo apenas onipresente, – dar de cara com alguma das formas assumidas pelo Luis Augusto Fischer.

Exemplos concretos de fischerpresença? Lembram dos encontros no Centro Cultural Renascença, lá no começo dos anos 90, que provaram a possibilidade de reunir escritores e enormes platéias em plenas manhãs de sábado?

E quem classificou as formas e processos de produção da literatura feita no RS, denominando a atual de “literatura de apartamento alugado”, descrevendo brilhantemente a classe que tinha se tornado hegemônica na produção literária daqui? E também aproveitou para escrever que estávamos produzindo, “muita literatura mediana”, de novo acertando em cheio?

Quem combateu todo o poder financeiro, político e cultural paulista e seu plano de dominação global nos artigos intitulados “Contra São Paulo”, que renderam um saboroso debate com Marcelo Coelho na Folha de São Paulo, provavelmente o único e último ocorrido entre um intelectual de primeira linha nosso e um veículo de primeira linha deles? Quem faz do Sarau Elétrico o ambiente com tal amplitude intelectual que nos seus bons dias vira a melhor coisa que acontece em Porto Alegre? Ah, o Dicionário de Porto-Alegre?

Tudo isso, e mais várias coisas, são culpa do Fischer. E, no entanto, ele é mais culpado do que isso. Ele é culpado por, praticamente sozinho, ter criado a solução que vai tirar a humanidade da armadilha demográfica em que ela se enfiou nas últimas décadas.

Pois que um problema do mundo, em um mundo que quase não os tem, é que as pessoas pararam de querer ter filhos, pelo menos mais do que dois. Isso também significa que a gente, basicamente, vai virar panda e sem o benefício dos brotinhos de bambu.

Todos sabem que, ou as mulheres têm, em média, 2,1 filhos, ou babaus, passamos para o ponto abaixo da linha de reposição. A linha de reposição é aquela que garante que cada mulher terá o número suficiente de filhos para repor os pai e mãe que ele vem substituir, mais 0,1 para dar uma sobrinha, o que sempre é bom quando o assunto é demografia. Há algum tempo, até mesmo o Brasil passou para baixo da linha de reposição, o que também significa que, caso a música nativista não acabe com a nossa raça antes, a falta de peças de reposição acaba.

Acabaria, porque então veio o Fischer para resolver mais essa parada. Ele, sozinho, está convencendo um enorme número de homens na segunda idade, aquela acima dos 45 e antes de que algo grave aconteça, a terem filhos. Todo um exército de reserva, até então desconectado desse grave drama global está sendo convocada para contribuir com muita experiência e animação, mesmo que com alguma dificuldade com excessos lombares, a evitar o desaparecimento da humanidade. Missão e tanto, e à qual estão respondendo com um “Sir, yes, sir” devido, exclusivamente, ao exemplo fischeriano.

Fischer nos provou com sobra, primeiro com o Benjamim, depois com a Dora, que sim, era possível, yes, we can, e bem antes do Obama se aproveitar de mais esse fischerismo.

Pais na faixa dos cinquenta trazem tantas vantagens que é um espanto que isso não tenha sido pensando antes. Bom, até o século 19 a gente morria muito cedo, pode ter sido por isso, quem sabe. Mas hoje não, graças à ciência a gente vai firme, ou mais ou menos, até bem depois dos 80, indo de van ver peças de atores globais e nos sentindo ótimos. Se isso pode, filho também pode.

Pais na faixa dos cinquenta ouviram os Beatles, Pink Floyd e Chico no original, fresquinhos. Bebês desses pais jamais irão ser submetidos a tranqueiras como Legião Urbana ou, horror, Los Hermanos. Essas crianças jamais irão parar no SOE por motivos de más influências musicais. Melhor, eles não vão saber o que é um SOE.

Nessa idade, esses homens já passaram por tudo o que existe e, portanto, compreendem as mulheres e seus jeitos incompreensíveis. Não se metem em brigas sem solução, acertam o tempo e o tamanho dos problemas. Jamais explodem, o que também pode ser por falta de energia. De qualquer maneira, jamais explodem, e nada é melhor para um bebê do que estabilidade. Homens na faixa dos 50 são especialistas em estabilidade, ou não teriam chegado tão longe.

Essa classe inteira, por bom-senso ou falta de oportunidade, permaneceu assim, intacta e sem filhos por tempo demais e o Fischer veio para acabar com mais esse mito.

Os exemplos de homens que estão aderindo à causa são demasiados para que eu os mencione aqui, mas as hordas crescem. Eu mesmo, olhando para o Manuel aqui ao lado, seis dias de idade e não parecendo especialmente curioso com o ruído das teclas, sou mais uma feliz vítima da influência fischeriana. Conheço muitos outros, e já começo a contaminar alguns.

E nesse exato instante, em que a breve estabilidade é temporariamente rompida e Manuel resolve mostrar quem manda, ou quem chora mais alto – o que quer dizer a mesma coisa -, penso que sei muito bem de quem é a culpa, e em como se faz para agradecer por isso, por afinal estar participando dessa experiência enriquecedora como nenhuma outra.

Ao Fischer, o meu muito obrigado.

<http://sul21.com.br/jornal/2011/11/a-culpa-e-do-fischer/>

8. OLHA! AS ÁRVORES DA CIDADE...

Junior Bonfim

Fonte - <http://fjv-cronicas.blogspot.com/2006/09/cidades-1-porto-alegre.html>

Existem notícias que nos deixam incomodados e às vezes penetram, como afiadas peixeiras, a melancia da nossa alma.

Há alguns dias a Professora Lindalva F. Carvalho e Machado lançou um libelo contra o assassinato de um majestoso flamboyant, com registro de 25 anos de idade, que enfeitava a Praça da Rodoviária de Crateús.

Ali está sendo construída uma pista de skate, esporte em ascensão no meio adolescente e juvenil. Sem objeções à realização da obra. Com todas as perorações a favor da preservação da árvore.

O brado da professora fez eco no mais recôndito de muita gente. Até porque essa prática ganha dínamos de reincidência freqüente e todos se quedam silentes. Há algum tempo golpearam árvore na Rua Frei Vidal, depois na Rua Firmino Rosa, em seguida na Rua Desembargador Olavo Frota, agora defronte à Rodoviária.

Essa escalada predatória precisa ser estancada. É óbvio que há um longo e paciente magistério de humanização, de combate ao embrutecimento, que necessita ser posto em prática. Sobremodo, é imperioso que o iniciemos.

Fomos orientados a olhar o mundo apenas como espaço onde homens e mulheres devem reinar. Crescemos rotulando de avançada a pessoa que cultua a democracia – o poder nas mãos do povo. Porém, há um estágio superior que precisa ser almejado: a biocracia – o poder nas mãos de todos os seres vivos. Ou seja, este planeta que habitamos não é propriedade exclusiva dos animais humanos, ditos racionais. É o lar sagrado de todos os outros seres vivos, da totalidade das espécies (inclusive animais ‘irracionais’, planetas e plantas). São Francisco, o mais ecológico dos homens canonizados, tinha essa compreensão de fraternidade cósmica muito clara. Poeta, glorificava o Deus da Natureza louvando “o irmão Sol, pela luz do dia; a irmã Lua e as irmãs Estrelas, claras irmãs silenciosas e luminosas, suspensas no ar; a irmã Nuvem, pela fina chuva que consola; o irmão Vento, que rebrama e rola; pela preciosa, bondosa água, irmã útil e bela, que brota humilde; pela maravilha que rebrilha no Lume, o irmão ardente, tão forte, que amanhece a noite escura, e tão amável, que alumia a gente (...) Louvado seja pelos seus amores, pela irmã madre Terra e seus primores, Árvores, frutos, ervas, pão e flores”.

Sei que são muitos os que consideram fora de propósito gastar tempo e tinta, papel e palavra com a defesa de um tema oriundo da e dessa Natureza.

Entendo e respeito quem julga ser coisa sem importância cortar árvores. Eu também já pensei assim. Sucede que o mundo, assim como nós, evolui e deve evoluir.

As árvores, filhas primorosas da mãe Terra, exalam vida. Quem planta, cuida ou zela por uma árvore sabe que há um elo sentimental que une esses dois viventes seres. Pouca gente raciocinou que aquelas frondosas e centenárias árvores da Rua Desembargador Olavo Frota estavam umbilicalmente ligadas à história daquela via urbana e dos seus habitantes. Constituíam patrimônio público. Se fôssemos aspergidos com o óleo da sensibilidade e entendêssemos que as árvores, tal e qual cada um de nós, têm palpitação vital – certamente as olharíamos de outra maneira.

Felizmente, há registros de que é crescente o número de cidades que têm adotado métodos e medidas para preservação, manejo e expansão das árvores, de acordo com as demandas técnicas e as manifestações de interesse das comunidades locais, implementando o seu Plano Diretor de Arborização Urbana.

Eis uma ação digna de justo registro, destacada loa. Em Porto Alegre, por exemplo, foi feito um inventário das árvores da cidade. Lá existe mais de um milhão e trezentas mil árvores em vias públicas, cuja distribuição beneficia um número de pessoas ainda maior que o atingido pelos parques e praças.

Alguém já imaginou se soubéssemos quantos exemplares arbóreos habitam a nossa Urbe? Se existisse um inventário, uma ficha histórica de cada um, distinguindo as espécies nativas das exóticas, compondo um quadro real da diversidade desses organismos vivos?

A sabedoria dos nossos ancestrais, oralmente transmitida, reza que não há mal que não traga um bem. A maldade demolidora do formoso flamboyant que enfeitava a Praça da Rodoviária suscitou o correto clamor da Professora Lindalva. Que ele sacuda as estruturas da nossa insensibilidade. Que sirva de sirene nos ouvidos das autoridades. Que repique solene, como um permanente sino de catedral, na consciência de cada um: “Olhai as árvores da cidade...”

Fonte - <http://gazetacrateus.com.br/v2010/sem-categoria/cronica-da-cidade-8/>

9. Juremir Machado da Silva

10. Caminhada Literária: personagens e autores nas ruas de Porto Alegre

http://www.jornaldomercadopoa.com.br/index.php?view=article&id=158%3Acaminhada-literaria-personagens-e-autores-nas-ruas-de-porto-alegre-&option=com_content&Itemid=113 11 de agosto de 2010

Um dos roteiros do programa de julho foi um passeio pelo mundo literário de

escritores gaúchos, em pleno centro de Porto Alegre. Orientada por Luis Augusto Fischer, professor de literatura brasileira da UFRGS e pelo arquiteto Glênio Bohrer, coordenador do Programa Viva o Centro, a caminhada com aproximadamente 200 pessoas, percorreu ruas e praças fundindo história, ficção e memórias literárias dos dois últimos séculos da cidade.

Diante do busto do escritor Alcides Maya, na praça ao lado do antigo Cinema Capitólio, o professor Luís Augusto Fischer começou a sua aula-passeio. "Era uma figura central na cultura gaúcha. Na sua época, só para se ter uma idéia, era mais importante que Simões Lopes Neto", disse Fischer sobre o escritor que foi, também, o primeiro gaúcho a fazer parte da Academia Brasileira de Letras. Depois o grupo, puxado por Fischer e o arquiteto Glênio Bohrer enfrentou o frio de uma tranquila manhã de sábado e seguiu a caminhada, interrompida logo a seguir, no início das escadarias do Viaduto Otávio Rocha, esquina com a rua Fernando Machado. A parada serviu para o professor falar um pouco da famosa Rua do Arvoredo, onde morava o temível açougueiro que, reza a lenda, fazia linguiça de carne humana aí por volta de 1860, história que já rendeu calhamaços de papel e um conhecido romance de Luís Antônio Assis Brasil, "Cães da Província". Seguindo pelas escadarias, no alto da Duque, nova parada. Desta vez para que Fischer e Glênio falassem um pouco da antiga geografia da cidade que era dividida pela atual Duque de Caxias. Ali eles lembraram que na parte de baixo ficava a parte mais pobre e a no outro lado a elite portoalegrense. Para exemplificar melhor estas diferenças, Fischer citou uma crônica de Apolinário Porto Alegre onde ele cita o que para o professor seria uma antecipação das brigas de gangues: o confronto entre os grupos Tintu-reiros e Bagadus. Na breve explanação o

atento público ficou sabendo também da existência de inúmeros becos na região, sendo o mais famoso o Beco do Poço.



Viaduto Otávio Rocha

Com a construção do Viaduto, iniciado em 1938 e concluído em 1932, tem início na cidade um processo de desenvolvimento, tanto urbano como econômico. Este crescimento fez com que surgissem os primeiros grandes prédios na região, principalmente na Duque de Caxias. Na famosa rua, onde hoje está o Colégio Sevigné funcionou a primeira Escola Normal da cidade, que teve entre tantas alunas célebres, a escritora Luciana de Abreu, uma mulher revolucionária para sua época. Ali também funcionou a primeira Faculdade de Direito, em 1910. Numa região que

respira história política, social e literária, um pouco mais na frente, nova parada. Desta vez na peculiar Rua 24 de Maio, remanescente da época dos "becos". Ali a parada foi para falar do historiador, crítico e ensaísta Gui-lhermino César, mineiro que adotou o Rio Grande do Sul. Menos de 500 metros à frente, uma rápida parada na chamada Praça do Portão, onde está hoje a estátua do Conde de Porto Alegre, trazida da Praça da Matriz. O local servia como uma espécie de forte e proteção à cidade das ações dos aventureiros, salteadores e invasores. Dela também se controlava a chegada dos barcos e navios no Guaíba, segundo um morador da região. Nas suas proximidades, a Confeitaria Rocco, com seu inconfundível estilo, que serviu de palco para a vida social e política da cidade por várias décadas, a partir de 1910.

Qorpo Santo

Da antiga Praça do Portão para a Praça Dom Feliciano foi um pulo. Ali, Fischer deliciou-se em contar histórias de Quorpo Santo (um "maluco beleza" da época, na definição dele) que esteve internado em determinada época da sua vida na Santa Casa de Misericórdia para ter examinado seu estado mental, em 1860, aproximadamente. Qorpo Santo acabou indo para o Rio de Janeiro onde também não foi vaticinado como "louco" e voltou a Porto Alegre. Aqui escreveu crônicas e 17 peças de teatro, uma dramaturgia que, para críticos importantes como Yan Michalsky, é considerada precursora do Teatro do Absurdo, de Beckett e o Ionesco. O professor também mostrou onde ficava a famosa Roda dos Expostos da Santa Casa, onde ficavam as crianças rejeitadas e abandonadas no século XIX - uma delas a própria Luciana de Abreu. Quem pôs fim nesse cruel processo foi o médico Mario Totta, que também escreveu o livro "Estriquinina", junto com o cronista Paulinho da Azu-renha. Por ironia, o monumento do médico-escritor na mesma Praça Dom Feliciano está em estado lastimável, sem o busto de Totta e com sua base agredida por pichações - como a maioria dos monumentos de Porto Alegre. A praça também era o local de encontro dos poetas simbolistas da cidade, uma geração que deu Álvaro Moreyra e Eduardo Guimaraens, entre outros.

Tempos de Erico Verissimo e Mario Quintana

Descendo a rua da Praia, antigo reduto de footing e desfile das famílias em tardes provincianas, o roteiro parou junto à Galeria Chaves, um marco na cidade com sua arquitetura renas-centista e uma espécie de pré-shopping Center. E, quase junto à ela, a antiga Editora e Livraria do Globo, hoje transformada em um ponto comercial. Na Globo, outra geração de escritores. Ali trabalharam Erico Verissimo, nos anos 30, como editor e Mario Quintana, como revisor. "Erico foi o primeiro a escrever sobre Porto Alegre, era um escritor urbano antes de O Tempo e o Vento", disse Fischer. A editora e livraria também era um ponto de referência e encontro de políticos, como Getúlio Vargas. Cruzando a Galeria Chaves, que está passando por uma grande reforma, com seus arcos romanos e colunas jônicas, o grupo chega ao fim de seu passeio cultural, justamente na Praça XV, entre o Chalé da Praça XV e o antigo Abrigo dos Bondes. "A história da cidade pode ser contada por suas praças", disse Fischer, lembrando que a Praça XV começou como Praça Cond'Eu, depois passou para Praça Paraíso (em função das prostitutas, no início do século XIX) e, finalmente, para o nome atual. Ali, informou o professor, era um ponto de confluência, principalmente da colônia alemã que predominava no norte da cidade. Os germânicos ricos (que moravam na av. Independência) e os mais pobres, da Floresta em diante, costumavam se reunir nas imediações, principalmente no Chalé e no Bar Naval, no Mercado Público, para derrubar incontáveis chopos. Nas proximidades, o Mercado Público, cenário de algumas páginas de "Os Ratos", clássico romance de Dyonélio Machado. Para fechar dentro de um clima de literatura, o professor encerrou a caminhada lendo o trecho final de um conto do livro "Pedras de Calcutá", de Caio Fernando Abreu, onde duas personagens que se reencontram depois de muito tempo no centro, acabam tomando um chope no velho Chalé da Praça XV.



VIVA O CENTRO

Resgatando a dignidade do Centro Glenio

Bohrer, coordenador do programa, informa que o Viva o Centro existe, neste formato, desde 2005. Ele vê com boas perspectivas o futuro do Centro Histórico. Cita a reforma do Cine Imperial, prédio que abrigará também o Centro Cultural da Caixa Econômica Federal, as obras da Praça XV que estão começando, a recuperação do Largo Glenio Peres (em parceria com a Coca-Cola), a Praça Farroupilha e o próprio Camelódromo. Todas são ações, segundo ele, para trazer um convívio mais humanizado na área central. “O centro vinha numa curva descendente, estava muito mal falado e temido, mas a partir de agora as pessoas estão com outro olhar, inclusive com muita gente voltando a morar aqui”, disse ele. Como prova dessa revitalização Glênio cita também recentes investimentos na região, como a Petisqueira, lojas Pompéia e a recuperação da Galeria Chaves, todos de altos valores, que demonstram a valorização do Centro. Ele também lembra a importância do Programa Monumenta, do futuro projeto do Cais do Porto e aposta nos Portais da Cidade como um fator decisivo para a qualificação de toda a área trazendo, inclusive, pessoas que não costumam vir ao Centro.

Saiba: Viva o Centro a Pé

O Programa é realizado duas vezes por mês, saindo sempre das proximidades do Caminho dos Antiquários, às 10 horas da manhã e faz parte do Programa de Revitalização do Centro. Normalmente é conduzido por especialistas em história e arquitetura. Para acompanhar a caminhada solicite-se 1 kg de alimento não perecível e as inscrições para o programa pode ser feitas neste e-mail vivaocentroape@gmail.com .

Mais informações: 33331873 – 3333. 3289

Porto Alegre — um desabafo

<http://www.sul21.com.br/jornal/porto-alegre-um-desabafo-por-jonatha-arruda/> -
27/mar/2015, 0h41min

Jonatha Arruda



Porto Alegre está de aniversário hoje. A cidade onde há dezoito anos me exilei e vivo como um estranho recebe algumas homenagens de suas mais variadas personagens. Cidadãos estranhos estes porto-alegrenses, quando aqui cheguei sequer sabiam me dar uma informação sobre como chegar ao museu de arte e nada sabiam sobre a sua orquestra. Ainda não sabem...o mesmo porto-alegrense que enche o peito para falar do pôr-do-sol no Guaíba é incapaz de olhar para seu mais famoso parque e ver que este está tomado de fezes, camisinhas usadas, ladrões e estupradores. É incapaz de observar que seus monumentos estão destruídos ou violados, sua iluminação quebrada e suas árvores apodrecidas. Qualquer chuva torna o parque intransitável, desde a doação das terras que compreendiam do colégio Júlio de Castilhos até a praça da Santa Casa, jamais se pensou em uma drenagem adequada para o pântano que o doador se livrou; seus toietes são pontos de tráfico e prostituição. Recentemente, tal abandono resultou em uma das mais lamentáveis e inesquecíveis tragédias urbanas que já ouvi falar daqui, um estupro a luz do dia, em um horário impensável para tal atrocidade, dada a facilidade para delitos de toda espécie naqueles sublimes e maltratados espaços.

O porto-alegrense não conhece sua cidade, não a vive. Seu sistema de transportes públicos é uma fraude, horrendo, que o faz esperar por horas até a perda de compromissos, em que cidadãos de todo tipo viajam como gado, aos gritos de cobradores e motoristas histéricos para que se espremam e cedam espaço ao outro, um espaço que não existe. Suas calçadas são irregulares e impróprias para idosos e cadeirantes, nenhum sapato sobrevive mais de seis meses, tamanha quantidade de buracos e desníveis. Quase não há rampas de acesso e quando há, são um tal milagre de engenharia, inconcebível para o mais são dos engenheiros. Seu trânsito é a cada dia o que mais cresce no país e seu governo municipal ao invés de propor formas alternativas de transporte e aumentar o número de ciclovias, manda alargar vias já colapsadas, priorizando ainda mais um modelo de caos e desordem.

Não há segurança, vândalos escalam os mais altos prédios para pichar, monumentos históricos como a Praça da Matriz estão destruídos, o bairro Cidade Baixa tem um sistema de esgoto tão precário e antigo que não há dia que seus odores não inundem bares e restaurantes, redutos maravilhosos que perdem em qualidade dadas estas mazelas não sanadas, e, se chove, a inundação é certa. O maravilhoso Riacho Dilúvio, hoje uma sanga onde o porto-alegrense lança

seus dejetos, outrora fora navegável, com fotos que denunciam sua salubridade por entre pescarias e tardes de natação pelos padres da escola marista Champagnat. O porto-alegrense de uma maneira geral é avesso à história e a cultura, sua orquestra, hoje uma das mais antigas do país vaga como mendiga, de espaço em espaço para realizar seus concertos, sem lugar nem mesmo para seus ensaios, seu viaduto Borges de Medeiros está abandonado, sem projeto de restauração, seu mercado público, parcialmente destruído em um incêndio há quase dois anos, agoniza uma reforma interminável, que sabe-se lá quando terá termo.

Ah, o Guaíba, sua bela orla é cenário de torturas, assassinatos, desova, prostituição e tráfico de drogas. O mato toma conta, dando-lhe ainda mais o ar tétrico e perigoso, desaconselhável para esportes depois das 18:00. Os poucos espaços de arte e cultura, são oásis em meio ao deserto, inacessíveis pela precariedade dos transportes coletivos como a Fundação Iberê Camargo e Instituto Ling, os demais situados no centro da cidade, sobrevivem com orçamentos absurdos, surreais eu diria, por vezes sem ar condicionado ou mesmo sem espaço próprio como o Museu de Arte Contemporânea. O porto-alegrense não olha de verdade para sua cidade, não a cuida, não cobra para que a cuidem, só se abriga nela, abriga seu mundinho medíocre nela, até os problemas dela baterem em sua porta, sufocá-lo e ele perceber que a sua morada é o lugar onde se vive, é maior e que só é bom, quando se torna uma extensão saudável de seu lar, do contrário, ele não vive ou conhece sua cidade, é apenas mais um bichinho que sai em um breve passeio e volta depressa para casa, para se enjaular.

.oOo.

Jonatha Arruda é bacharelando em História da Arte.

Parte III - Personagens

1. BARÃO DO ITARARÉ

Leandro Konder publicou um pequeno e interessante livro sobre o grande humorista. Há dois ou três anos saiu uma biografia mais ambiciosa ("Entre sem bater" era seu título, se não me falha a memória)

Ernani Ssó

15/05/13 | 05:57

<http://www.sul21.com.br/jornal/2013/05/barao-de-itarare-dois-em-um-o-humorista-e-o-personagem/comment-page-1/#comment-150956>

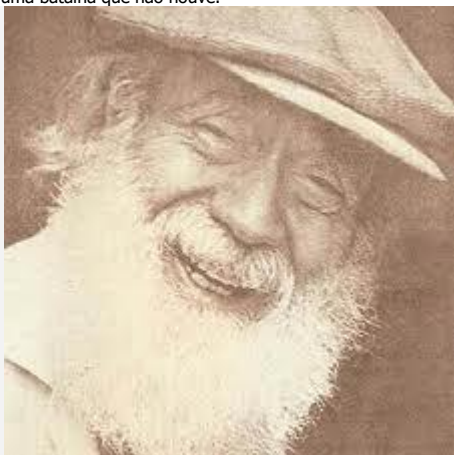
Barão de Itararé — dois em um, o humorista e o personagem

Em 1926, no dia 13 de maio, o Barão de Itararé lançava A Manhã, que era a caricatura dos jornais da época e por tabela da própria época. Esse tipo de jornalismo nunca fora feito em lugar nenhum. Só muito mais tarde, nos Estados Unidos, no Mad de Harvey Kurtzman e no National Lampoon. Como não preciso

de uma data redonda pra lembrar, aqui estou eu, cercado por uma grande imprensa sustentada pelos pilares da desinformação, da pechincha, da burrice, sem esquecermos das crases erradas. Mais: cercado pela ausência de grandes herdeiros do quintafrino, como o Barão se referia ao seu hebdomadário, que saía às quintas-feiras.



"Se fosse possível, eu retirava tudo o que disse", o Barão de Itararé afirmou, em 1965. Pode ser apenas mais uma provocação, mas é bom ver um homem que foi em cana mais de uma vez pelo que disse negar a própria importância, ao setenta anos, quando estava fora de perigo. São atitudes como essa, mais do que a obra, que mantêm o encanto desse nobre que se auto-atribuiu o título em honra pela bravura demonstrada no campo de uma batalha que não houve.



Fernando Apparício de Brinkerhoff Torelly, nome digno de um barão, nasceu em 29 de janeiro de 1895, numa diligência a caminho da fazenda do avô, no Uruguai. Não se sabe exatamente onde. O que importa é que o futuro jornalista, poeta, matemático, cientista, político e Marechal-almirante e Brigadeiro do Ar Comprimido gostou do mundo: havia sol e cigarras.

Aos dois anos, perdeu a mãe. Foi criado no Uruguai, pelas tias, na fazenda do avô. Aos sete, voltou para Rio Grande, para morar com o pai, João da Silva Torelly, que o botou no mau caminho. Era homem violento, maragato doente. Odiava tanto os chimangos que não permitia ao filho nem cumprimentar um amanuense, para ficarmos no mais baixo dos funcionários do governo. "Meu pai era mais louco que eu", Apparício Torelly dizia. Entre 1905 e 1911, Apparício esteve no internato Nossa Senhora da Conceição, dos jesuítas alemães, em São Leopoldo. Não estudava muito, mas prestava atenção às aulas e tinha boa memória. Em 1909, lançou seu primeiro jornal, *O Capim Seco*. Era inteiramente escrito à mão. Era clandestino. Era satírico. Primeiro jornal, primeiro problema com as autoridades: toda a tiragem de um exemplar foi apreendida. É que a matéria de capa era uma gozação com o padre-reitor.

No colégio, Apparício fazia teatro, imitando os alemães da colônia para eles mesmos. Também se dedicou à música: cantou no coro e tocou flauta, trompa e trombone. No esporte, o futebol. Seu time foi campeão no ginásio e chegou a vencer uma formação do Grêmio de Porto Alegre.

Quando deixou o colégio, foi para Porto Alegre. Queria fazer Direito, mas o pai aconselhou Medicina: "Meu filho, para que um advogado tenha boa clientela, é preciso muito talento. A um médico basta assinar receitas e atestados de óbito".

A passagem de Apparício Torelly pela faculdade tem inúmeras histórias de irreverência. Quase todas lendas, algumas espalhadas pelo próprio Torelly. Até 1918, estudou Medicina, ou melhor, leu os livros e confiou na memória. Quase não ia às aulas. Preferia frequentar o Clube dos Caçadores, uma mistura de cabaré e casa de jogo, mesmo andando sempre na pindaíba. Ao pai de uma namorada, que o acusou de não ter futuro, disse que futuro ele tinha, o que não tinha era presente.

Colaborava no jornal *Última Hora*, de Porto Alegre. Colaborava também em revistas pequenas, como *Kodak* e *A Máscara*. Os poemas escritos nesse tempo foram reunidos no volume *Pontas de Cigarro*, de 1916. Os "versos diversos" não eram sobre as angústias da adolescência, fase que, mais tarde, o autor definiria como a época em que o garoto pensa que não será tão cretino como o pai. Eram sátiras sobre a falta de grana, doença causada pelo micróbio da pindaíba, o conhecido *ariadococcus promptiferus pindahibensis*.

Em 1917, fundou dois semanários de humor: *O Chico* e *O Maneca*. No ano seguinte, abandonou a Medicina. Começava um período que chamou de maragateada: viagens pelo interior, em campanhas pelas suas idéias. Fundava e afundava jornais, além de dar conferências em teatros e cinemas. Digamos conferências, mas o certo é que o homem discursava, cantava e dançava.

Para se ter uma ideia, deixemos o futuro barão lembrar uma performance em Bagé, frente à melhor sociedade, quando se fingiu engasgado: "Depois de dizer que quisera ter o dom da oratória, que quisera ser um Demóstenes, gaguejando, vi que a platéia estava aflita. As mulheres se abanavam, apertadas em espartilhos. E eu dava a impressão de que não podia dizer nada, que não conseguiria dizer absolutamente nada. Eu... eu... quisera, quisera... Quando todos pareciam explodir de nervosos, eu cantei: 'Eu quisera ser a rola, a rolinha do sertão/ pra poder fazer um ninho, na palma da sua mão'".

Em 1923, em Bagé, foi diretor do jornal *Diário do Comércio*. Em 1924, em São Gabriel, do *A Razão*. Mesmo maragato, não os poupava de críticas. Achava que nem chimangos nem maragatos tinham razão.

Em 1925, por causa de uma crise de hemiplegia, foi aconselhado pelo médico a procurar um clima quente. Assim "tomei um Ita no sul". Chegou ao Rio de Janeiro com cem contos de réis, que logo tratou de perder no jogo, tendo de ir procurar emprego. Acabou no jornal *O Globo*, assinando como Apporelly, nome que mais tarde simplificou para A por L.

Ainda nesse ano, escreveu um drama humorístico chamado *A Jacada* e trocou *O Globo* pelo *A Manhã*, onde tinha uma coluna: "Amanhã tem mais". Não teve por muito tempo. Foi posto na rua. Em 1926, como vingança, fundou *A Manhã*.



A redação era na rua 13 de Maio. O primeiro exemplar saiu no dia 13 de maio. No expediente se lia: rua 13 do corrente. Lia-se também não ter expediente, porque um jornal sério não vive de expedientes. Era um órgão de ataque... de risos. Saía às quintas-feiras, por isso se chamava um vibrante quinta ferino. Mas às vezes saía às sextas, porque uma grande folha não podia ficar presa à folhinha. No seu primeiro ano, *A Manhã* fechou as contas com um lucro de dez mil contos de réis.

A Manhã se especializou em publicar asneiras atribuídas a políticos, apenas parodiando seus nomes. Levou isso tão longe que logo o jornal era o "órgão oficial" do governo, já que o *Diário Oficial* não elogiava o presidente Washington Luís o suficiente. É pouco? O próprio presidente, assinando-se Vaz Antão Luís, se tornou colunista, ou melhor, era um colunista que acumulava as funções de presidente. *A Manhã* tendonava desempenhar condignamente "sua árdua missão, com a graça de Deus e de outros ilustres colaboradores".

A Manhã era a caricatura dos jornais da época e por tabela da própria época. Esse tipo de jornalismo nunca tinha sido feito. Só mais tarde, nos Estados Unidos, surgiram o *Mad* de Harvey Kurtzman e o *National Lampoon*. Mas essa irreverência custou algumas cadeias e empastelamentos. Não só. O governo se valia da Justiça como pressão. Apporelly vivia sendo intimado por dívidas de multas e impostos pelo uso de papel não destinado à imprensa.

Em 1928, Apporelly deixou o jornalismo de lado e investiu tudo o que tinha num laboratório montado em sua casa. É que a Inglaterra instituirá um prêmio para o descobridor da causa da aftosa. Apporelly suspeitava de um vírus. Há vagas notícias de que chegou a industrializar uma vacina. No ano seguinte, Chateaubriand o convidou para publicar *A Manhã* como encarte do *Diário da Noite*, que seria o órgão oficial da Aliança Liberal, partido de Getúlio Vargas. Nas quintas-feiras, quando saía o encarte, a tiragem do *Diário da Noite* aumentava drasticamente. Chegou a 125 mil, quando Getúlio anunciou o programa da Aliança Liberal, na Esplanada do Castelo.

Em 1930, *A Manhã* se desligou do *Diário da Noite*. Em outubro, Getúlio tomou o poder. Nessa época de incertezas diárias, Apporelly deu uma das manchetes mais famosas do jornalismo brasileiro: HAJA O QUE HOUVER, ACONTEÇA O QUE ACONTECER, ESTAREMOS COM O VENCEDOR. E com grande senso de oportunidade, o diretor d'*A Manhã* se fez barão, poderoso que gostava de se ver "rodeado de cupinchas e aderentes, ostentando no peito as mais variadas condecorações", que iam desde "artísticas tampinhas de cervejas nacionais, até fichas lavradas de companhias de ônibus e de cassinos clandestinos". Esse personagem se tornou tão vivo que suplantou Apporelly, que às vezes se referia ele na terceira pessoa, às vezes na primeira, na mesma fala.

O "respeitável fidalgo", apesar de fazer um jornal sozinho, ainda teve tempo para escrever uma revista chamada *O meu pedaço*, em parceria com Raul Pederneiras. Estreou no Rio de Janeiro, em 24 de junho de 1931.

Em 1932, houve o levante armado, em São Paulo, conhecido como Revolução Constitucionalista. O Barão, sem se impressionar, publicava coisas do tipo: O GERAL GÁS MORTEIRO TOMOU PARATI E EVACUOU PEDREGULHOS. Falava, claro, do general Góes Monteiro, senhor chegado a uma birita. Por coisas assim, o barão foi em cana e advertido a tomar cuidado com sua "linguinha de prata". Diz que ficou sensibilizado com a admiração dos tiras por sua figura, admiração tão grande que ele precisou pousar de frente e de perfil para o fotógrafo da polícia.

Em 1933, publicou *Caldo Verde*, assinado por Fernandes Albaralhão. Tratava-se de uma antologia de poemas com sotaque português saídos n'*A Manhã*. Nesse ano, Hitler assanhou a Europa e outros lugares. Aqui esse assanhamento se chamou integralismo. O Barão, mal de ouvido, entendeu o lema "a Deus, Pátria e Família" como "adeus, Pátria e Família". Aderiu. Mas, a se dar conta do engano, "voltou a ocupar um lugar decente na sociedade".



Em 1934, o barão se viu dirigindo um diário, *Jornal do Povo*, que anunciou dez reportagens sobre a vida de João Cândido, líder da revolta dos marinheiros, em 1910. Saíram duas. No dia 19 de outubro, seis oficiais da Marinha sequestraram o Barão. Disseram que ia morrer e que podia escrever um bilhete de despedida para a família. Recusou. Foi levado para a Barra da Tijuca, ou Alto da Boa Vista. Depois de apanhar, teve a cabeça raspada e foi abandonado, só de cuecas. Há quem diga que pintado de vermelho.

O sequestro teve cobertura da imprensa e causou as consternações de praxe, até entre oficiais da Marinha. Os culpados permaneceram impunes. Parece que nem se chegou a anunciar um "rigoroso inquérito".

Fechado o *Jornal do Povo*, o barão reabriu *A Manha*. Na porta da redação, um cartaz de aviso às autoridades: ENTRE SEM BATER.

Em 1935, o barão participou da criação da Aliança Nacional Libertadora. Logo foi fechada. Em novembro, os comunistas, vendo o jogo cada vez mais complicado, se desesperaram e arriscaram um salto da casa Inferno diretamente para a casa Céu. Essa perigosa amarelinha, a Intentona, acabou mal. O Barão não participou das conspirações, nem tocou em armas, mas na onda de terror que veio em seguida, *A Manha* deixou de circular e "eu com ela". Ficou um ano e meio preso. No navio D. Pedro I deixou crescer uma barba de D. Pedro II.

Em 1936, foi parar no presídio da Frei Caneca, no Rio. Segundo Graciliano Ramos, a chegada do homem foi a mais rumorosa. Era um sucesso mesmo atrás das grades. Ainda segundo Graciliano, para combater o tédio o barão planejava uma biografia do seu personagem, um volume mais grosso que um tijolo. Não parava de falar nela. Mas jamais a escreveu. Pelo menos no papel, como afirmou o humorista Fortuna: "porque dia a dia ele não fez outra coisa. Nas sucessões das aventuras do nosso querido diretor até chegar a Barão, o Apparício Torelly atinge a verdadeira criação literária. O ponto alto dessa criação deu-se quando ele a transpôs para o plano da realidade, encarnando a sua própria personagem, quando de fato estava distanciado dela, pois era o símbolo e síntese de todos os poderosos que satirizava. E isto não há como compilar. É a criação viva dentro da própria vida".

Anistia, segundo o dicionário do Barão, é um ato pelo qual o governo resolve perdoar generosamente as injustiças que ele mesmo cometeu. Pela metade de 1937, o Barão se viu na rua por falta de provas. Mal teve tempo de se acostumar: em novembro, o Estado Novo. O Barão foi para uma das ilhas-prisões da Baía da Guanabara. Foi solto três meses depois.

Tentou relançar *A Manha*, mas, por prudência, preferiu alvos de fora, como Hitler, Mussolini, Franco e Salazar. Mas logo desistiu e voltou às pesquisas sobre aftosa. *A Manha* só voltou mesmo em 1945, graças à associação com o jornalista Arnon de Melo. Agora o ilustre fidalgo estava na companhia de vários colaboradores: José Lins do Rego, Carlos Lacerda, Rubem Braga, Aurélio Buarque de Holanda, Álvaro Moreyra, Sérgio Milliet e muitos outros.

Em outubro, adeus Estado Novo. Um pouco antes, quando havia apenas rumores, *A Manha* deu talvez sua melhor manchete: HÁ ALGO NO AR ALÉM DOS AVIÕES DE CARREIRA. Essa frase se tornou o anúncio nacional das crises.

A Manha rachou. Udenistas para um lado, o Barão, que era PCB, pra outro. Aproveitando a popularidade do nobre fidalgo, os comunistas o lançaram como vereador nas eleições suplementares de 1947. Foi o oitavo vereador mais votado. Em 1965, o barão comentava: "A passagem pelo Conselho Municipal foi uma das grandes coisas que me aconteceram na vida, contra a minha vontade. E eu quero fazer tétrico silêncio sobre esse assunto, tenho uma grande vergonha".

Como vereador, defendeu o direito de voto para os analfabetos e denunciou, entre outras coisas, o esbulho sofrido pelos índios, situação não muito diferente hoje. Teve alguns apertes que se tornaram famosos, como um sobre Filinto Müller. Numa discussão sobre influência dos capitais norteamericanos na economia brasileira, um vereador resolveu citar o ex-chefe de polícia do Estado Novo e perguntou se os nobres colegas sabiam a posição dele. O Barão, na bucha: "Eu sei! É três dedos abaixo do rabo do cachorro". Sobre Müller, *A Manha* noticiara que ele mandara fazer um exame de sangue, em Poços de Caldas, para saber se tinha sífilis. O resultado? "Três cruzes... suásticas."

Em 1947, o Tribunal Superior cassou o registro do PCB. Em 1948, o Congresso aprovou o projeto Ivo d'Aquino. Deputados e vereadores comunistas foram cassados. O Barão preparou a malinha com o mínimo necessário para uma viagem rápida e seguiu direto para a central... de Polícia. Foram três meses de retiro espiritual, num navio, na Baía da Guanabara.

Em 1949, o barão publicou seu *Almanhaque*. O segundo saiu em 1955 e o terceiro no ano seguinte. Eram antologias do material publicado n'A *Manha*.

Em 1950, em agosto, surgiu novamente *A Manha*, que se aguentou até junho de 1958. Mesmo tendo trabalhado uma vida como humorista, o barão considerava a influência do humor "levemente benéfica e bastante entorpecente".

Longe do jornalismo, vivia de modo franciscano, num apartamento atulhado de livros. Eram tantos livros que, quando um quarto ficava lotado, ele passava a dormir em outro. Todo o dinheiro que tinha vinha de uma pensão dada pela Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro. Morreu em 1971, aos 76 anos, com apenas 61, porque descontou quinze anos: o tempo perdido na faculdade de Medicina, o tempo que passou preso e o tempo, uns três anos, que perseguiu mulheres bonitas sem resultado.

Ernani Ssô é o escritor que veio do frio: nasceu em Bom Jesus, numa tarde de neve. Em 73, entrou pro jornalismo porque queria ser escritor. Saiu em 74 pelo mesmo motivo. Humor e imaginação são seus amuletos.

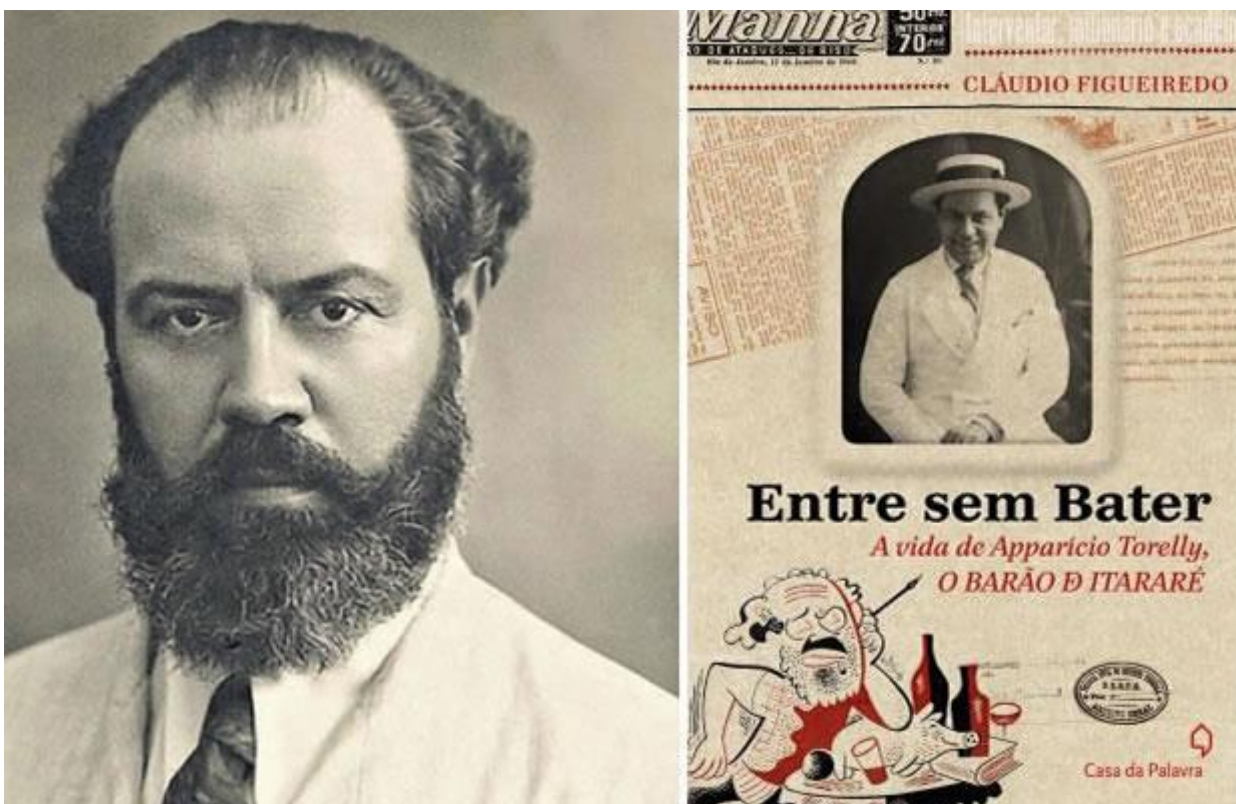
BARÃO DE ITARARÉ

Logo depois da foto do Barão, divirtam-se com suas frases geniais.

Na foto à direita, a frase “entre sem bater” tem uma história: um dia, por motivos políticos, entraram uns policiais no escritório do Barão de Itararé e lhe desceram a porrada “para ele aprender a ser mais respeitoso com as autoridades”. No dia seguinte, usando de inteligente duplo sentido, ele pôs o aviso na porta.

O gênio também usava o pseudônimo de Aporelly, mistura de Apparício com Torelly, e Barão de Itararé é uma gozação em que ele criou um título nobiliárquico em cima de uma batalha que não aconteceu.

"O que se leva desta vida é a vida que a gente leva", uma das frases antológicas de Barão de Itararé!



Frases impagáveis do Barão de Itararé

O uísque é uma cachaça metida a besta.

O que se leva desta vida é a vida que a gente leva.

A criança diz o que faz, o velho diz o que fez e o idiota o que vai fazer.

Os homens nascem iguais, mas no dia seguinte já são diferentes.

Dize-me com quem andas e eu te direi se vou contigo.

A força é o mais desagradável dos instrumentos de corda.

Sábio é o homem que chega a ter consciência da sua ignorância.

Não é triste mudar de idéias, triste é não ter idéias para mudar.

Mantenha a cabeça fria, se quiser idéias frescas.

O tambor faz muito barulho, mas é vazio por dentro.

Genro é um homem casado com uma mulher, cuja mãe se mete em tudo.

Neurastenia é doença de gente rica. Pobre neurastênico é malcriado.

De onde menos se espera, daí é que não sai nada.

Quem dá aos pobres ou empresta, adeus.

Pobre, quando mete a mão no bolso, só tira os cinco dedos.

O banco é uma instituição que empresta dinheiro à gente, se a gente apresentar provas suficientes de que não precisa de dinheiro.

Tudo seria fácil, se não fossem as dificuldades.

A televisão é a maior maravilha da ciência a serviço da imbecilidade humana.

Este mundo é redondo, mas está ficando muito chato.

Precisa-se de uma boa datilógrafa. Se for boa mesmo, não precisa ser datilógrafa.

O fígado faz muito mal à bebida.

O casamento é uma tragédia em dois atos: um civil e um religioso.

A alma humana, como os bolsos da batina de padre, tem mistérios insondáveis.

Eu Cavo, Tu Cavas, Ele Cava, Nós Cavamos, Vós Cavais, Eles Cavam. Não é bonito, nem rima, mas é profundo...

Tudo é relativo: o tempo que dura um minuto depende de que lado da porta do banheiro você está.

Nunca desista do seu sonho. Se acabou numa padaria, procure em outra!

Devo tanto que, se eu chamar alguém de “meu bem”, o banco toma!

Viva cada dia como se fosse o último. Um dia você acerta...

Tempo é dinheiro. Paguemos, portanto, as nossas dívidas com o tempo.

As duas cobras que estão no anel do médico significam que o médico cobra duas vezes, isto é, se cura, cobra, e se mata, cobra.

O voto deve ser rigorosamente secreto. Só assim, afinal, o eleitor não terá vergonha de votar no seu candidato.

Em todas as famílias há sempre um imbecil. É horrível, portanto, a situação do filho único.

Negociata é um bom negócio para o qual não fomos convidados.

Quem não muda de caminho é trem.

A moral dos políticos é como elevador: sobe e desce. Mas em geral enguiça por falta de energia, ou então não funciona definitivamente, deixando desesperados os infelizes que confiam nele.

Quem ama o feio é porque o bonito não aparece

O Brasil é feito por nós. Está na hora de desatar esses nós.

Pobre quando come frango, um dos dois está doente.

A sombra do branco é igual a do preto.

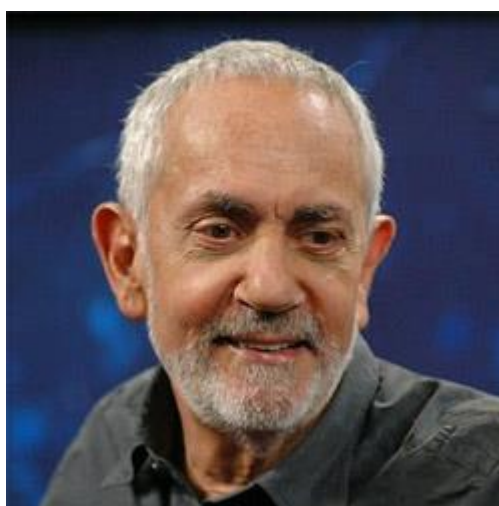
A pessoa que se vende sempre recebe mais do que vale.

Quem inventou o trabalho não tinha o que fazer,

Senso de humor é o sentimento que faz você rir daquilo que o deixaria louco da vida se acontecesse com você.

2. Paulo José

MINHA HOMENAGEM À PORTO ALEGRE COM O GRANDE PAULO JOSÉ



O ator Paulo José, gaúcho de Lavras do Sul, é cidadão de Porto Alegre. Em seu discurso, ao receber a honraria...

“Eu me lembro do meu primeiro encontro com Porto Alegre. A família vinha de Bagé, de carro, era noite. Eu cochilava no banco traseiro. Acordei quando entrávamos na Avenida Borges de Medeiros, ao lado da Avenida Praia de Belas, e aí eu vi imponente, monumental, maior do que a Igreja Nossa Senhora Auxiliadora e a de São Sebastião juntas, mais alto do que a Ponte Seca, mais bonito do que a casa do meu avô, o Viaduto Otávio Rocha. Depois, pela vida afora, vi outros espaços monumentais impressionantes: a Piazza San Marco, em Veneza, o Arco do Triunfo, o Coliseu de Roma, o Parliament House com o Big Ben, mas nenhum deles me fez o coração disparar como aquela visão dos meus oito anos. O Viaduto Otávio Rocha foi o meu primeiro alumbramento. Eu me lembro que o Pão dos Pobres ficava nas margens do Guaíba, lá onde a cidade acabava. Eu me lembro que a lancheria das lojas Americanas era o ponto chique da cidade. Eu me lembro que tinha até banana split. Eu me lembro que eu sabia de cor todas as transversais da Avenida Independência, do Colégio Rosário à Praça Júlio de Castilhos: Rua Barros Cassal, Rua

Thomaz Flores, Rua Garibaldi, Rua Santo Antônio, Rua João Telles. Eu me lembro da Pantaleão Teles, da Cabo Rocha, American Boite, Maipu, Gruta Azul. Eu me lembro do conjunto Norberto Baldauf, da Orquestra Espetáculo Cassino de Sevilha, do Conjunto Farroupilha, dos Quitandinha Serenaders: “Felicidade foi-se embora e a saudade no meu peito ainda chora...” Lembro da tristeza da minha mãe quando emprestei o violão do meu irmão para um baiano que estava passando uns tempos aqui em Porto Alegre. Eu me lembro que o meu violão nunca mais voltou e que o baiano se chamava João Gilberto.

Lembro do Hino Rosariense. Lembro que Maria Della Costa era garota da capa da revista O Globo, e tinha as pernas mais lindas do mundo. Lembro dos festivais Tom & Jerry nas manhãs de domingo no cinema Avenida, das matinês do Cinema Victória, dos cinemas Rex, Roxi, Imperial, Cacique. Lembro do mezanino do Cinema Cacique, que servia a última novidade em gelados, o Peach Melba. Lembro que todo o mundo detestava os filmes do Cecil B. de Mille, exceto o público.

Lembro que no abrigo dos bondes da Praça XV podia-se beber o caldo da salda de frutas, sem frutas, apenas seus vestígios. Aquela água era néctar dos deuses. Lembro do Vicente Rao, do Bataclan, do brique Ao Belchior, do Senhor Joaquim da Cunha, do Farolito e do China Gorda.

...

Lembro que a deusa da minha rua era a Maria Thereza Goulart, que não era ainda Goulart. Ela morava no edifício Glória e recebia visitas misteriosas de um João, este, sim, Goulart, que era invejado por toda a garotada da Barros Cassal.

Eu me lembro do tempo em que futebol se jogava com goleiro, com dois beques, três na linha-média e cinco no ataque e que, em geral, faziam-se gols. Eu me lembro do time do Inter, imbatível, nos anos 50: La Paz, Florindo e Oreco, Paulinho, Salvador e Odorico, Luizinho, Bodinho, Larry e Canhotinho.

Eu me lembro de um tempo sem malícia, quando o estádio dos Eucaliptos torcia, gritando em coro: Co-Co-Colorado, Co-Co-Colorado, Co-Co-Colorado. Eu me lembro do Café Andradas, onde a gente ia matar aula e encontrava o Henrique Fuhro. O Abujamra, que anunciava tragicamente: “O homem é uma paixão inútil!...Mais um café, Macedo”.

Eu me lembro do Bar Matheus, na Praça da Alfândega, da Pavesa, do Treviso, da cadeira pendurada na parede, onde sentou Chico Viola. Da sopa, do mocotó levanta-defunto do mercado Público, do sanduíche-aberto do Bar Líder, daquela mostarda amarela do Galeto do Marreta e, por fim, do cachorro-quente da praça do Colégio Nossa Senhora do Rosário, sem favor nenhum, o melhor do mundo.

“O sabonete Cinta-Azul tem o prazer de apresentar um novo filme de caubói Bat Masterson, Bat Masterson”.

“Phimatosan, quando você tossir, Phimatosan, se a tosse repetir”.

“Ela é linda, ah! É noiva, oh! Usa Ponds, Aaah!”.

...

Eu me lembro que: “Até a pé nós iremos, para o que der e vier...”. Eu me lembro de que não foi exatamente a pé, mas atravessando o mundo, de avião, que o Grêmio conquistou o Campeonato Mundial de Clubes. Do show de bola do Renato, Mário Sérgio e demais heróis tricolores. “Até o Japão nós iremos, para o que der e vier, mas o certo é que nós estaremos.”

Eu me lembro que: “O pensamento parece uma coisa à toa, mas como é que a gente voa quando começa a pensar...”

Eu me lembro do Programa Maurício Sobrinho, do Clube do Guri e de uma caloura que diziam ser a nova Ângela Maria. Eu me lembro que ela morava na zona Norte e se chamava Elis Regina. Eu me lembro de uns versos:

“Elis, quando ela canta me lembra de um pássaro,

Mas não é um pássaro cantando,

Me lembra um pássaro voando”.

Eu me lembro de uns quintanares: “Olho o mapa da cidade

como quem examinasse

A anatomia de um corpo

(É nem fosse o meu corpo).

Sinto uma dor infinita

Das ruas de Porto Alegre

Onde jamais passarei...

Há tanta esquina esquisita,

Tanta nuança de paredes

Há tanta moça bonita

Nas rua que não andei

(E há uma rua encantada

Que nem em sonhos sonhei...)

Quando for, um dias desses,

Poeira ou folha levada

No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso
Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade do meu andar
(Deste já longo andar!)

E daí?

MonteiroSou de Porto e daí?

Sou de Porto e daí?
Você sabe como identificar um Porto-Alegrense?

- 1 – Divide o domingo entre antes e depois da passadinha no Brique ou no Parcão.
- 2 – A partir de julho, deixa de comprar livros para aproveitar os descontos e os balaíos da Feira do Livro.
- 3 – Odeia o muro da Mauá.
- 4 – Fala mal das praias gaúchas, mas nunca recusa convite para passar o fim de semana em Imbé ou Atlântida.
- 5 – Desfila em qualquer rua de qualquer cidade com cuia e garrafa térmica como se fosse coisa "trinormal".
- 6 – Ama ou odeia o PT. Não tem meio termo.
- 7 – Acredita que a última batalha não será entre o bem e o mal ou entre a luz e as trevas, mas entre Gremistas e Colorados.
- 8 – Em uma tarde consegue mostrar todos os pontos turísticos da cidade aos amigos que vêm de fora.
- 9 – Acha que Porto Alegre tem quase todos os defeitos de uma cidade grande e mais algumas desvantagens de uma cidade pequena, mas parte para a briga com qualquer estrangeiro que ouse dizer uma barbaridade dessas.
- 10 – Acredita piamente que existe uma comprovação científica para o fato de o pôr-do-sol no Guaíba ser o mais bonito no Planeta. Talvez pelo fato do paralelo trinta passar na Rua da República.
- 11 – Chama o carinha ali de bagaceiro; come negrinho e branquinho e ainda compra cacetinho.
- 12 – Diminui metade das palavras e nem se dá mais conta disso: Findi, Churras, Super...
- 13 – Ama Porto Alegre!

O Portoalegrês é uma das línguas mais difíceis do Ocidente (que não é o hemisfério e sim um bar em Porto Alegre). Para começar, só existe uma interjeição: "bah!" – que é usada em mais ou menos 462 situações diferentes. Prá complicar, "bah!" tem, também, 497 entonações diferentes: pode ir de um simples "beh!", até um complicado, "pãh!" dependendo do que tu queres dizer.



E tem também as gírias. Porto Alegre é equipada com mais ou menos 15 fábricas de gírias funcionando sem parar. Algumas chegam até a ser exportadas: "viajar na maionese" e "pirar na batatinha", que agora estão na moda no Rio, são faladas há anos, ou em Portoalegrês, "há horas".

Outras expressões cruzam a fronteira, mas nunca chegam a ser compreendidas. "Deu prá ti", por exemplo, que é o nome de uma música que fez o maior sucesso no Brasil inteiro.

Talvez porque pensaram que "deu prá ti" fosse uma sacanagem quando na verdade só queria dizer "chega!".

Também tem o "trilegal". Há horas ninguém fala trilegal em Porto Alegre. Se fala "tribom", "triquente", "triafim", "trigente", "triafu" (muito usado), "tri" o que tu quiseres.

Mas nada é mais porto alegreense quando falar: "tu vai ir?"

Repita agora, com sotaque:

"Báh, mas tu vai ir? Bah, mas se tu for, eu também vou ir".

É, Porto Alegre é o único lugar do mundo onde a gente lava "Os pé" e lava "as mão".

E deu prá ti, viu guri!

Não há nada melhor do que poder dizer: "Bah, eu sou de Porto"... com sotaque mais cantado possível... e a cara mais orgulhosa do mundo!

Porto Alegre é TRIAFU! E "sirvam nossas façanhas de modelo à toda terra!"

Autor Desconhecido

Se alguém souber, nos informe!

Nossa homenagem a cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre completa 239 anos neste dia 26 de março de 2011. Parabéns a todos os Porto Alegrenses!

Nós, os porto-alegrenses

Carlos Augusto Bíssón

Já é lugar-comum. Porto Alegre não tem as belezas naturais do Rio e de Salvador. Muito menos a grandiosidade e o variadíssimo leque de serviços de São Paulo. E como a ausência de referenciais nítidos faz com que só consigamos avaliar a capital do Rio Grande do Sul por comparação, pode-se dizer que, como espaço urbano, Porto Alegre não tem sequer o charme e a organização impecável de Curitiba. Até exageram nossa falta de atrativos. A atriz cinematográfica italiana Valéria Golino (*Rain Man*, *Top Gang I e II*), que esteve aqui, disse à revista SET que tinha conhecido "a cidade mais feia do Brasil"...

A falta de um perfil definido que tome a cidade chamativa chega a criar situações curiosas. Há quem diga, por exemplo, que a capital gaúcha tem potencialidades turísticas inexploradas. Cidade à beira das águas, Porto Alegre preferiu isolá-las através de um muro em vez de criar uma estrutura de lazer que aproveitasse essa paisagem privilegiada. A maioria de nossos conjuntos arquitetônicos de valor histórico e estético foram postos abaixo pela febre modernizadora dos anos 50, 60 e 70. O que restou (Theatro São Pedro, prédio da Tumelero em frente à rodoviária, etc.) é muito bonito, mas não em número suficiente para atrair visitantes. O mesmo se pode dizer do tão decantado pôr-do-sol nas águas do Guaíba, fenômeno rotineiro num país onde as grandes cidades ficam no litoral. O que fazer, então, para entreter os que nos visitam?

Com o objetivo de contribuir para a resolução do impasse provocado pela ausência do que mostrar em Porto Alegre, o vereador Airto Ferronato (PMDB) apresentou projeto de lei, que obriga a inclusão dos cemitérios no roteiro das agências que trazem turistas a Porto Alegre.

Foi, como já disse, uma proposição curiosa, mas não desprovida de mérito — o cemitério de Père Lachaise (Paris) é muito visitado por nele estarem sepultados Chopin, Balzac e Proust, entre outros. Os cemitérios de Porto Alegre são um verdadeiro museu a céu aberto graças à beleza dos túmulos — sobretudo os da Santa Casa, que abrigam personalidades de relevo na história gaúcha, como Júlio de Castilhos, Pinheiro Machado e Maurício Cardoso. Sem dúvida, neles estão e estarão enterrados o que de melhor a cidade tem a oferecer: os próprios porto-alegrenses, seja por nascimento ou adoção.

Excentricidades à parte, quando se diz que a capital tem mistérios que não se desvendam na superficialidade do primeiro olhar, quando se mencionam as milhares de histórias vividas no Centro, no Bom Fim ou na Azenha, não se está falando de concretude gélida dos monumentos e prédios de Porto Alegre. É o fator humano que está sendo sugerido nessas divagações. A partir disso, o que entra em cena aí é o impalpável, o imponderável e o invisível "cosido pela agulha da imaginação", conforme Machado de Assis em outro contexto, e que não pode ser fotografado e mumificado em estatísticas. É o jeito da cidade expresso em sua gente, na qualidade dos que nela habitam.

E o que é ser porto-alegrense? Alguns já formularam conceitos, outros negam a existência de tal tipo. Como gosto de arriscar opiniões, vou me filiar aos primeiros. Talvez a essência da gente de Porto Alegre esteja num misto de timidez e leve ironia, que cumpre o papel de filtrar a acidez do espírito crítico e a belicosidade do gosto pela polêmica. Um pouco como os textos de Luis Fernando Veríssimo e a poesia de Mario Quintana, não por acaso as duas personalidades mais representativas e festejadas da cidade.

Esse comportamento indubitavelmente contido pode ser a forma de Porto Alegre se diferenciar tanto da propalada (no centro do País) arrogância dos gaúchos — notadamente os da fronteira — quanto dos modelos culturais descarregados por Rio e São Paulo via televisão. Ou, então, é resultado do fato

de que em cada três porto-alegrenses que trabalham pelo menos um é funcionário público municipal, estadual ou federal. Daí esse jeito aparentemente acanhado que faz com que pareçamos panacas diante da extroversão dos que nasceram em metrópoles maiores. Na verdade, essa conduta cautelosa é a manha do funcionário público no trato com o poder político, transplantada para o conjunto das relações sociais. Ouvir e parecer submisso traz lá seus rendimentos e ficar calado não diminui o senso de humor. Escolher o que se vai dizer é fundamental, pois pode enterrar ou alavancar possibilidades de ascensão social. O que, nesta cidade de 1.300.000 habitantes, se materializa também através da política partidária.

E como gostamos de política! Como não apreciá-la se em razão dos motivos expostos parecemos tão talhados para ela? Certamente, aqui estão as bases mais aguerridas e ideologicamente posicionadas dos grandes partidos nacionais (PT, PMDB, PPR). Temos um arcabouço cultural invejável se comparado às demais capitais brasileiras, fruto da excelência do nosso sistema educacional do passado. Isto, somado à nossa proximidade geográfica e intelectual com os países do Prata, nos permite enxergar o Brasil com um distanciamento ímpar, ideal para quem tem a ambição de formular projetos para o País. Lembram de Getúlio e o pessoal que fez a Revolução de 30?

Nós, porto-alegrenses, somos tão cordiais quanto os mineiros e bem mais hospitaleiros do que os agressivos cariocas de hoje — a quem antes invejávamos, pois já vimos o Rio como nossa segunda casa. Mas que ninguém se engane com nossa polidez e a presteza com que oferecemos o chimarrão e convidamos o visitante para um bate-papo em nossa casa. Como disse certa vez o cruz-altense Justino Martins, quando um gaúcho (e porto-alegrense) respira fundo por não gostar do que ouviu e pronuncia aquelas palavras — "Pra te falar com toda a franqueza..." — podem ter certeza que vem patada. E de precisão mortífera.

Queixamo-nos da falta de opções de lazer em Porto Alegre buscando refúgio nos prazeres da mesa e na fantasia. No primeiro caso, lotamos a cidade de churrascarias, pizzarias, lanchonetes e — mais um mistério — restaurantes chineses. Deve haver uns 20 em Porto Alegre, sem nenhuma explicação imigratória do porte da alemã e da italiana que os justifique. No segundo, pode-

se mencionar os 38 cinemas da capital, média altíssima de um para cada 35.000 habitantes, o que nem São Paulo conseguiu atingir. Aja mencionada Curitiba tem apenas 15 cinemas, embora sua população seja equivalente à nossa. Copiamos humilhantemente as inovações urbanas propostas pelos paranaenses — corredores de ônibus, calçadão, rua das flores — mas nos vingamos deles pelo peso de nossa tradição cultural. Contudo, se já estamos nos medindo com uma cidade que há vinte anos sequer considerávamos, tal a nossa liderança no sul do País, é porque alguma coisa não está funcionando direito por aqui, apesar do valor de nossa gente.

Será que Porto Alegre não está excessivamente orgulhosa de sua condição de pequena grande metrópole? Hoje, somos apenas a décima primeira cidade brasileira. Temos 250.000 favelados que, ao contrário do que acontece na ex-Cidade Maravilhosa, não estão suficientemente próximos dos bairros de elite para causar indignação e temor, mas prometem se tornar uma realidade socialmente explosiva nos próximos anos. E um quarto de nossa mão-de-obra está desempregada, gerando o curioso fenômeno dos "mordedores" — pessoas que gentilmente se oferecem para cuidar de nossos carros nas portas dos bares, cinemas e restaurantes, quando poderiam estar nos assaltando.

Talvez, nós, porto-alegrenses, precisamos dar um puxão de orelhas em nós mesmos. Esquecer o Grêmio, o Internacional, as churrasqueadas, cervejadas e os fins-de-semana no sítio (que nos remetem ao nosso irremediavelmente perdido passado rural) e passar a nos perguntar o que pretendemos desta cidade.

E é aqui que retorno ao ponto inicial deste artigo — as dificuldades que a cidade têm em se estabelecer como pólo turístico e cultural no País. Não tenho a pretensão da originalidade ao afirmar que um dos problemas mais instigantes de Porto Alegre é a sua incapacidade de criar um discurso que a justifique como cidade e, a partir daí, definir metas políticas que reforcem este discurso.

Lembro-me de minha infância no Rio, passada na ainda não-degradada Copacabana, e a surpresa com que travei contato com a Ipanema de Tom Jobim, Vinícius de Moraes e do pessoal do *Pasquim*. Á mim, criança, me pareceu desértica e destituída de interesse, se comparada ao fervilhar do

bairro onde vivia. A Ipanema construída pela chama daqueles artistas era ficcional e é possível que, exatamente por ser inicialmente imaginária, tenha entrado no mapa cultural brasileiro. Evidentemente, as razões para que não sejamos a cidade que pretendemos não passam exclusivamente por aí, mas acredito que já seria um bom começo estabelecermos qual deve ser o caminho trilhado pela capital.

Para onde vamos? Porto Alegre tem quadros de alto nível em todas as atividades profissionais, muitos deles exportados para os mais distantes confins do Brasil. A cidade é uma fonte inesgotável de talentos, mal aproveitados em sua maioria. O Mercosul já está chegando e ainda não definimos o nosso papel na realidade da integração. Talvez caiba à capital dos gaúchos, sobretudo, abrir-se para o País e o exterior, ser mais ambiciosa, como São Paulo, e tão organizada como Curitiba. O que precisamos é de determinação política e vontade de romper com a estagnação. Só assim teremos uma cidade com a qualidade de vida condizente com o padrão de excelência de seus habitantes.

Bola de cristal

Luís Fernando Veríssimo

Está tudo difuso. É o que dá usar uma bola de cristal de segunda mão. Comprei de um vidente amador que disse que só a usava nos fins-de-semana. Vejo um rapaz estranhamente familiar parado no que parece ser o abrigo da Praça XV. Ali onde eu esperava o bonde Petrópolis (fim da linha, até João Abbott ou até Boa Vista) e aproveitava para comer um pastel com vitamina de abacate, na minha temerária juventude. O bonde Petrópolis subia a Protásio Alves como um velho subindo a escada, devagar e se queixando da vida. E, no entanto, nunca pensei numa viagem num bonde Petrópolis como perda de tempo. Talvez porque naquele tempo nossa relação com o tempo fosse outra. O tempo tinha outro valor. Você encarava uma viagem num bonde Petrópolis com a mesma filosofia de um construtor da Idade Média contemplando o

projeto de uma nova catedral, sabendo que a obra consumiria toda a sua vida e que ele ainda legaria os últimos arremates a seus filhos. Não se desperdiçava a vida numa viagem no bonde Petrópolis, mas chegava-se ao fim da viagem invariavelmente mais velho e mais sábio. Subir a Protásio era como construir uma catedral.

Mas o que o abrigo da Praça XV está fazendo no futuro? E por que esse rapaz na bola de cristal se parece tanto comigo, apesar do topete duro de Gumex? Talvez seja um descendente, e ele more numa Porto Alegre *pós-débâcle* final que decidiu voltar às suas simplicidades, inclusive o bonde, o tempo de sobra e a vitamina de abacate. Foi isso: como todas as cidades do Ocidente, Porto Alegre deu-se conta da sua impossibilidade e fugiu para o passado. Nos meus tempos de topete a cidade devia ter o quê? Seiscentos mil habitantes, se tantos. Depois inchou, cresceu mal e acabou nisso, numa volta ao seu ponto ideal de grande cidade pequena, ou pequena cidade grande, renegando o próprio progresso. Mas voltou como? Fez o que com seu excesso de habitantes? Imagens terríveis passam pela minha cabeça. A guerra civil tantas vezes prevista. Um rio de sangue descendo a Borges. Até — por que não? — cenas de canibalismo, o controle demográfico mais prático que existe, já que engorda os que sobram e ao mesmo tempo lhes dá mais espaço. Que preço pagamos para recuperar esta tranqüila cena de um adolescente esperando um bonde numa cidade ainda possível?

Mas não. Descubro qual é o problema. Maldita bola de cristal. Ela é tão ruim que, em vez do futuro, está mostrando o passado. O rapaz sou eu mesmo, há 40 anos, e a Porto Alegre é a dos anos 50, que não voltam mais. Decido apelar para a técnica brasileira de consertar qualquer aparelho. O tapa parece funcionar, pois imediatamente surge uma cena do futuro na bola de cristal. A mesma Praça XV só que agora tomada por uma multidão e por barracas de camelôs. A bola de cristal dá uma panorâmica e descobro que todas as ruas da cidade estão tomadas por barracas de camelôs, que vendem de tudo, do chaveirinho ao refrigerador. Não existem mais lojas nas ruas, só lanchonetes e flipperamas. Todo o comércio é feito por camelôs, inclusive o de roupa, com as cabines de provas para mulheres ao ar livre atraindo grande curiosidade popular. Deduzo que as lojas de comércio como nós as conhecemos hoje

estão todas nos shopping centers, assim como os cinemas, os teatros, os restaurantes finos, os ginásios de esportes e os bancos. A bola de cristal, como que lendo a minha dedução, corta para dentro de um shopping center não identificado. É um shopping center enorme. Aqui há lojas, sim, e multidões pelos corredores — espremendo-se entre os camelôs. A diferença é que estes camelôs são uniformizados e têm crachá. Nos shopping centers há guardas particulares armados de metralhadora nas portas e corredores para controlar a frequência e em torres externas para dominar os acessos e os arredores. Os carros que chegam nos estacionamentos subterrâneos são revistados para ver se não trazem algum clandestino das classes D para baixo, pois estas são proibidas nos shopping a não ser para o serviço. Pedestres que tentam entrar são executados na hora. Nos ginásios embutidos nos shopping, clubes com nomes americanos disputam campeonatos de basquete e vôlei, os esportes mais populares da cidade desde que o futebol faliu definitivamente e Grêmio e Internacional, rebatizados de Grêmio Raspadinha Porto-alegrense e Raspadinha Clube Internacional, passaram a viver exclusivamente de sorteios.

Mas espera um pouquinho. Esta bola de cristal continua funcionando mal. Ou está, deliberadamente, tentando me enganar. Este futuro é tão exageradamente catastrófico quanto o passado idílico que ela mostrou era falso. Tendemos a escurecer nossos prognósticos na mesma medida em que fantasiemos nossas lembranças. Se o presente está mal é em contraste com um passado de possibilidades perdidas, e o futuro só pode ser pior. Mas a Porto Alegre em que eu esperava o bonde no abrigo não estava no auge de uma qualidade urbana que depois perdeu. Só era ideal na medida em que qualquer lugar em que se tem 15 anos, Gumex no cabelo e tempo para esbanjar é ideal. Era uma cidade limitada culturalmente e na qual os contrastes sociais que depois se agravaram já existiam, só que a gente não notava. Quando passo pela Rua da Praia, hoje, e penso no tempo em que as "boas famílias" iam lá para se encontrar, e a freqüentavam com a superioridade despreocupada de nobres numa alameda da corte, me dou conta que minha nostalgia é por privilégios perdidos, não por outra cidade. Os que freqüentam o Centro, hoje, são os mesmos — multiplicados pelo descaso — que há anos

habitavam os arredores da nossa cidade idealizada. Só que agora entraram na sala.

Esta maneira míope de confundir privilégios perdidos com decadência geral talvez afete nossas previsões. A bola de cristal tem o mesmo defeito: leva o preconceito dominante a seus extremos e chama isto de futuro, e de inevitável. Prever que uma elite cada vez mais acuada acabará vivendo em fortalezas de privilégio enquanto a barbárie ocupa a cidade e cresce a seu redor pode ser uma correta avaliação do espírito da elite, mas talvez não o seja do espírito dos "bárbaros". A Porto Alegre possível nascerá da capacidade deles de se organizarem a despeito do preconceito, e das suas privações. Adivinhar o futuro pelo presente tem seus riscos: há alguns anos qualquer profeta juraria que, no ritmo em que ia, Porto Alegre seria uma cidade completamente sem árvores em pouco tempo. Aconteceu o contrário. Alguém, em algum ponto, por alguma razão, tomou uma medida que reverteu a tendência antiverde e o resultado é que Porto Alegre é hoje uma das cidades mais arborizadas do País. Pode muito bem estar se preparando outro futuro, que esta bola de cristal deformada insiste em me sonegar.

Acho que ela vai levar outro tapa.

Crônica de Porto Alegre

Flavio Aguiar

CARTAS ÁCIDAS - 28/07/2004 –
www.cartamaior.com.br

O espetáculo dos alunos da rede pública de ensino termina, a multidão está em pé de guerra, e pronta para a conferência de abertura do III Fórum Mundial de Educação, com István Mezsáros, Pablo Gentili e Ricardo Antunes. O entusiasmo perdura ao som do hino nacional...

Flávio Aguiar

Porto Alegre - A cidade nos recebe amena. Chegamos, a delegação da *Agência Carta Maior*, de São Paulo, às 10h30 de uma manhã de sol, a 15 graus. À tarde, a temperatura vai chegar aos 20º C. É julho, mas parece um dia do começo do outono. Isso não impede que os moradores, do chofer de táxi à moça que faz o nosso credenciamento no Estádio do Gigantinho, às margens do Rio Guaíba, com aquele jeito aguerrido que é o estilo dos gaúchos, comentem: mas que calor! Confundem o acalorado da sua tarefa com a temperatura ambiente, que é branda e convidativa.

Depois de instalados no hotel, fomos almoçar no Mercado Público, uma construção em estilo neoclássico terminada em 1869, uma jóia cheia de odores e de apetites. Confesso que não resisti, e apesar do tal de “calor”, comi um prato de mocotó, sopa típica de inverno aqui nos pagos sulinos. Na saída, deparamos com uma agitação na Praça XV de Novembro, em frente ao Mercado: é uma manifestação que parte, a pé, para o local do Fórum, carro de som à frente.

Pelo fim da tarde fomos fazer o credenciamento, em primeiro lugar, no Gigantinho, para depois assistirmos a abertura e a primeira sessão de conferência. Na entrada do estádio, uma multidão se comprimia e se enfileirava. Eram cinco da tarde, e o sol já ia caindo para o poente. Nas filas, havia pressa e pressões: não haveria tempo para todo mundo conseguir os crachás até as seis horas, quando se previa o começo da sessão de abertura.

Os organizadores anunciam: hoje a entrada está liberada, não precisa de

crachá, isto pode ficar para amanhã. Não adianta. Surgem gritos: “queremos crachá”. É o movimento dos sem crachá. Esses gritos vêm se somar aos anúncios dos candidatos a vereança que fazem, megafone em punho, a sua propaganda. É uma verdadeira Meca política, seguindo a tradição local da politização marcante.

Conseguimos varar a multidão e entrar no estádio, até o lugar da imprensa, que vai se enchendo. Até o começo, de doze a quinze mil pessoas estarão nas arquibancadas, lotando o Gigantinho, exceto na área que fica diretamente atrás do palco armado.

Começa abertura. É um espetáculo preparado por alunos de várias escolas da rede municipal de Porto Alegre. É emocionante, e a multidão vai se contagiando. Misturam-se flamenco e bachiana de Vila-Lobos; ritmos afros e solos de violoncelo; acrobacia e coreografia. O flamenco é muito latino-americano, animado ao som das “cajas” dos países pampeanos vizinhos, aqueles tambores de som cavo e surdo. Quando um grupo de meninos e meninas dança a guerreira chula, dança de desafio em que os contendores se digladiam em torno de uma lança no chão, a multidão tem o seu primeiro momento de delírio. Depois, ao som de choros, sambas e de Aquarela do Brasil, chovem os aplausos, e a multidão ovaciona de pé. Os meninos e meninas de Porto Alegre mostram que a educação pode ser criativa e tem sentido.

O espetáculo termina, a multidão está em pé de guerra, e pronta para a

conferência, que vai reunir István Mezsáros, Pablo Gentili e Ricardo Antunes como debatedor. O entusiasmo ainda perdura durante a execução do hino nacional. Faz-se, primeiro, a mesa de abertura, com as autoridades e alguns representantes de entidades presentes. Aí houve um erro de cálculo, por parte dos organizadores ou dos membros da mesa. A coisa se arrasta; os discursos se sucedem, enormes. Aquilo que deveria ser uma sucessão de breves saudações, torna-se uma inesperada conferência com inúmeros participantes. O representante do governo do Estado, o Secretário da Educação José Fortunati, leva uma vaia. Era uma vaia quase protocolar, sem grande animação. Mas o secretário desafia e comenta a vaia, como antidemocrática. Aí as vaias recrudescem, viram oceânicas e dominam o Gigantinho todo. Infelizmente o clima fica agressivo e o plenário começa a se esvaziar.

Felizmente o prefeito João Verle, num gesto de bom senso, faz uma breve saudação, encerra a abertura oficial, e a esperada conferência pode começar (veja matéria nesta página). Quando ela começa, o estádio está pela metade. Mas para quem ficou, a espera vale a pena.

István Mezsáros é aplaudido ao dizer que vai falar em português, e bravamente enfrenta a nossa língua. Desenvolve algumas teses fundamentais: a de que o sistema capitalista agride o futuro e o tempo presente dos indivíduos. Aquele tempo que ele não pode controlar, seja sob a forma de produção ou de lazer consentido, ele condena à barbárie e à violência, pela alienação dos indivíduos. Além disso a sociedade capitalista perverte o sentido de “economia”, pois condiciona a abundância ao desperdício. A alternativa a este estado de coisas,

que ameaça a sobrevivência do planeta, começa com uma educação que suplante a idéia de treinamento em nome de uma idéia de formação permanente para a auto-gestão solidária.

Pablo Gentili evoca uma contradição nas sociedades latino-americanas. É verdade que nos últimos anos, inclusive no Brasil, as classes pobres tiveram aumentado seu acesso à educação. Mas ao mesmo tempo a educação perdeu seu significado emancipador, inclusive de acesso a uma melhor situação social. É como se as classes dirigentes permitissem o acesso, mas esvaziassem a educação de seu conteúdo. Comentando as palestras, Ricardo Antunes bate na tecla de que a educação não é uma mercadoria, nem um negócio.

A conferência chega ao fim. A multidão restante está exausta, todos reconhecem. Mas a sensação que fica, em meio às contradições, realizações e contratempos, é de satisfação: além das conferências instigantes, os meninos e meninas do espetáculo demonstraram que, em matéria de educação, Porto Alegre está com a palavra. Vieram de escolas da periferia da cidade, de regiões antigamente desassistidas, e tomaram o centro iluminado da noite.



HISTORIA DE CIDADE BAIXA

A delimitação atual do bairro Cidade Baixa abrange as avenidas Praia de Belas, Getúlio Vargas, Venâncio Aires, João Pessoa e parte da Borges de Medeiros. A "Cidade Baixa" antiga, contudo, era mais ampla. Compreendia toda a região localizada ao sul da Rua Duque de Caxias.

Apesar de projetos de arruamento terem sido propostos desde 1856, boa parte da Cidade Baixa permaneceu desabitada por vários anos, principalmente o trecho entre as atuais Venâncio Aires e Rua da República, conhecido pelo nome de "Emboscadas". Consistia em um terreno baixo e acidentado, cortado por árvores e capões, que dificultavam o trânsito e facilitavam os esconderijos. O lugar abrigava tanto escravos fugidos como bandidos e caracterizava-se como "uma zona de meter medo aos mais valentes", segundo Ary V. Sanhudo(1).

A implantação das linhas de bonde de tração animal, através do Caminho da Azenha (Av. João Pessoa) e da Rua da Margem (João Alfredo) contribuiu para a urbanização do local. A antiga Rua da Margem era atravessada por várias ruelas — todas chamadas becos — que se tornaram célebres por seus nomes exóticos: Beco do Vintém, Beco do Curral das Éguas, Beco dos Coqueiros e Beco Ajuda-me a viver!...

Na década de 1880 novas ruas foram inauguradas, imortalizando os nomes dos vereadores Lopo Gonçalves e Luiz Afonso. A atual Joaquim Nabuco também foi oficialmente aberta nessa época, batizada de Rua Venezianos, pois sediava o famoso grupo carnavalesco. O carnaval da Cidade Baixa era reconhecido e prestigiado na época, com destaque para os coros que movimentavam as ruas.

O bairro acabaria se notabilizando pela existência de uma "classe média singularmente diferenciada". Composta por famílias que "ainda botavam cadeiras nas calçadas", assistiam às matinês do cinema Capitólio e freqüentavam os armazéns em busca de "secos e molhados". Essa "atmosfera" característica, segundo Carlos Reverbel(2), definia exemplarmente a vida na Cidade Baixa.

1. Porto Alegre: crônica da minha cidade, p.208.
2. Folha da Tarde, 04/12/78, p. 04.

(Luciano Ávila)

http://www.achetudoeregiao.com.br/RS/porto_alegre/cidade_baixa.htm

Nostalgia dominical
Rogério Mendelski*

Há quem defenda que a Porto Alegre "de antigamente" era muito melhor que a atual, mas a questão é discutível por uma única razão: o tema sempre é trazido à discussão pelos nostálgicos, por aqueles que sabem que os "bons tempos" são, exatamente, aqueles que não voltam mais. O leitor não verá, por exemplo, um jovem de 20 e poucos anos ter lembranças das lojas sofisticadas da Rua da

Praia ou dos cinemas com mil cadeiras - os do Centro de Porto Alegre ou os dos bairros.

Para ele é inimaginável um cinema como Castelo, dizem (nunca contamos) que com 1,2 mil lugares, localizado ali na Rua da Azenha, bem defronte à 2 DP. Cinema para alguém com 20 anos só pode estar em algum shopping, jamais num fim de linha de bonde (o que é isso?) e, muito menos, isoladamente, na Rua da Praia ou adjacências

O mesmo vale para a hora do lanche, em algum point da moda. Hoje, fora do circuito dos shoppings, só a Padre Chagas está com tudo. Tente explicar e contar sobre as gostosuras da Confeitaria Rocco, da Casa Touro, do pãozinho com pernil do Matheus, do Rib"s, do Rian, das torradas do Joe"s, da banana split das Americanas ou do "Tremendão" do Alaska? Melhor nem falar no Restaurante Treviso, já que no Mercado Público, daquele tempo, resistem ainda o charmoso Gambrinus e o velho Naval de guerra.

Claro que a Padaria Pão de Açúcar, também no MP, continua sendo apenas uma excelente padaria, enfrentando o avanço inexorável do marketing da nova nomenclatura de "panificadora", "oficina do pão", "cia. do trigo" ou simplesmente "delicious breads".

Mas para evitar uma gargalhada do jovem, jamais recorde os cabarés da velha Porto Alegre que os mais antigos - aportuguesando o termo clássico francês - diziam randevu (rendez-vous), com acento no "u". Mesmo assim, dá para contar as lendas dos inexistentes cabarés das estudantes e das mulheres casadas, ambos só funcionando à tarde e na nossa imaginação.

Não custa citar Carlos Lacerda (o conheci na antiga sucursal do Estadão, apresentado pelo jornalista e livreiro Mario de Almeida Lima) que me perguntou a diferença entre futebol e prostituição? No futebol, disse, o profissionalismo matou o amadorismo. Na prostituição, deu-se o contrário.

Nós, daquela época, "ficávamos" nos quartos de fundo da Dorinha, da Emília ou do Ma Griffe. Hoje, a garotada "fica" em casa mesmo. E os adultos também. Até os motéis já eram. Antes, porque não existiam. Agora, porque existem os assaltos.

Para encerrar: lembram quando havia intervalo nas sessões de cinema e entrava alguém oferecendo "baleiro, balas?".

Violino bipolar

Foi com surpresa que um velho amigo do colunista gritou: "Olha o Carlito de ismuqui!", quando viu um circunspecto senhor tocando violino na Ospa, num programa vespertino, em preto e branco, da TV Piratini. "Desde quando conheces aquele exímio violinista?". E o amigo, na bucha: "Ele toca na típica do Maipu, todas as noites!".

Cingapura

O nome já transportava qualquer frequentador para algum bordelzinho asiático, bastava um pouco de imaginação ou leitura de Emílio Salgari ou Somerset

Maugham, mas seu endereço era na Rua da Praia. O ambiente não poderia ser mais cinematográfico: malandros, policiais, mulheres, garçons e fregueses mal-encarados. Local para gente do ramo. Neófitos no assunto tinham permissão para ficar por ali, no máximo, dez minutos.

Intercontinental

Foi o apelido que botamos numa churrascaria, ao lado da hoje Casa de Cultura Mario Quintana. Chamo o testemunho dos jornalistas Wanderley Soares e Anilson Costa, pois era ali que almoçávamos no intervalo de preparação da Folha da Manhã: uma costela macia, salada, feijão e arroz. O nome Intercontinental veio do noticiário sobre a guerra de libertação da Nicarágua, hotel onde os jornalistas estavam hospedados em Manágua e onde podiam fazer suas refeições.

Delícia de pastor

Era um desses barzinhos com poucas mesas, ali na Venâncio Aires, na Cidade Baixa, entre a João Pessoa e a Santana. Sinceramente, não lembro o nome do lugar e fui levado até ali pelo Gabriel Mathias (grande Mathias!), chefe da sucursal do Correio da Manhã (RJ), em Porto Alegre. Nosso lanche maravilhoso: cachorro-quente pastor. Pão, salsicha e queijo derretido.

Altos do Cacique

Que point! Na sobreloja do Cinema Cacique estava a sua confeitaria, frequentadíssima pelo que havia de melhor na cidade. Quando foi inaugurada me parece que só entrava quem estivesse de paletó e gravata. O som era com o trio de Herbert Gher (piano, bateria, contrabaixo - nada de tomada elétrica) e a gente podia conversar civilizadamente.

Mônaco, na zona Sul

As ruas do bairro Tristeza e proximidades já tiveram corridas similares ao GP de Mônaco. Carreteiras, Gordinis, DKWs, Fuscas ensurdeciam os espectadores e nós vibrávamos com os irmãos Andreatta, Flávio Del Mese, João Bastian, Breno Fornari, entre outros azes do volante, acelerando a 100 km/h pela Otto Niemeyer e entrando em duas rodas na Wenceslau Escobar. Para nos sentirmos monegascos só faltavam o príncipe Rainier III e a Grace

Kelly.

*** Rogério Mendelski apresenta o Bom Dia, a partir das 6 horas na Rádio Guaíba, e escreve aos domingos no Correio do Povo.**

Deu no Prévidi - www.previdi.com.br -27 07 2010

Sobre a crônica de ontem do Rogério Mendelski

Não lembro também do nome do bar do cachorro-quente "pastor", mas comi varias vezes.

Era muito bom.

Farroupilha

Também tínhamos o Farroupilha na Borges com Fernando Machado, antiga rua do Arvoredo.

Era um sanduba com cacetinho, manteiga, mortadela ou presunto e queijo.

Estadinho

O Tatu era garçom do Farroupilha e também lutava luta livre no Estadinho da esquina da Jerônimo Coelho com a Borges.

Outros lutadores do Estadinho eram o Mister X, que lutava com uma mascara para não ser identificado e que depois que a tiraram numa luta, se não me engano, com o Manoelão, virou Sernardas.

Me parece que todos ou a maioria dos lutadores eram instrutores do DOPS.

Eu morava na Fernando e ia assistir com o meu tio Joca as lutas.

Era um sarro. As vezes voava balde, que não eram de plástico, guarda chuva, etc...

Sobre a crônica de ontem do Rogério Mendelski – 2

Clube Aimoré

Todos os fins de semana na Cidade Baixa, mais precisamente na Ponte de Pedra ou Açorianos. No Clube Aimoré umas reuniões dançantes, onde inevitavelmente encerrava com uma paulera fenomenal. Dava de tudo.

Bona Xira

E quem lembra do Bona Xira na Santo Antônio.

Era um barzinho com luz negra onde se ouvia Beatles, namorava e fumava muito.

Era uma fumaceira só.

O Mendelski não trabalhava no Estadão em cima da Livraria Lima?

Tinha o Paulo Macedo irmão de um amigo, o Pedrinho Macedo.

Temos outras tantas lembranças da Porto antiga.

Delton Castro

ALTO DA BRONZE

Paulo Timm -2010 – Publicado em www.viapolitica.com.br e www.previdi.com.br

*****\

Clique para ver o ALTO DA BRONZE em video

<http://www.youtube.com/watch?v=ABPmrbaCbVo>

Começo pelo que havia de melhor na cidade: O ALTO DA BRONZE, cantado pela Elis, memorável! Ali cheguei em 1955. Ela ainda estava por lá, no bairro, e já brilhava no Clube do Guri, da Rádio Farroupilha, nos domingos pela manhã. Mas mentiria se dissesse que me lembro dela. Até porque ela já brilhava muito para meus singelos olhos de menino recém chegado do interior. Tudo me fascinava na cidade, mas em nada me atrevia a tocar. Nem pensar! Era como se nada daquilo me pertencesse. Sentia-me estranho. – Cuidado com os bondes! advertia-me minha mãe. E eu saía tateando a cidade, contando os passos, contando as casas, contando as pessoas, como quem conta estrelas. – Olha o bonde, menino...!

A praça no Alto da Bronze impunha-se, sobranceira, bem no topo da Rua que se chama ainda General Auto, de onde se descortinava todo o Guaíba. De onde eu vinha não havia rio, não havia mar, não havia horizonte. Meu mundo era na Travessa Angostura, 50 metros de cada lado de minha casa. Agora eu via tudo.

Logo abaixo da Praça , o Colégio Ernesto Dornelles. Só de meninas. Poucas das redondezas, pois era um colégio técnico e as alunas vinham da periferia. O Alto da Bronze era o Reino da classe média e os filhos desta “ classe” se preparavam para “as carreiras nobres”, como dizia meu pai: Medicina, Adocacia, Direito, Engenharia. Imagino a sua decepção quando eu, anos depois, entrei para “Economia”. – O que é isso? Perguntava ele. É “contabilidade?”

Ali no Colégio Ernesto Dorneles dobrava o bonde “DUQUE” , para pegar a rua que lhe dava o nome.

A Rua Duque de Caxias era um divisor de águas.

Para trás, na dobra do bonde, na Duque, ainda tinha um pedaço pequeno de residências e depois vinham dois colossos: a Usina do Gasômetro, que hoje se transformou em Centro Cultural, e o Presídio. Nas suas imediações frontais pululavam casas antigas transformadas em depósito de famílias de apenados, bares fétidos e algumas moradias baratas. Dali irradiava, de ambos os lados, costeando a linha de outro bonde, o “Gasômetro”, a podridão moral que infestava a região. Eram as casas de baixo meretrício da Pantaleão e da Sete de Setembro. O puteiro de todos os portos do mundo, com mulheres feias,

quartos pequenos com camas quebradas e colchões pulgentos e uma pia carcomida pelo tempo e pela vergonha.

Adiante, na Duque, o caminho do Poder e da ascensão social. Não por acaso na “subida” da Duque, logo depois da Bento, moravam os ricos Bittencourt, donos dos cinemas da cidade e de carros rabos de peixe que nos deixavam embasbacados. Casa grande, com piscina e tudo com o que mais sonhávamos: Poder, glória, grana... Mais adiante os velhos solares dos Câmara e a Praça da Matriz, com sua ode ao positivismo, a Catedral, o Palácio Piratini e, na esquina, o casarão amarelo da Assembléia Legislativa. O zelador era o pai do Telminho, o mais nobre e gentil caráter de todos os que conheci na época. Décio, seu irmão, um tipo estranho, mas muito meu amigo. Diziam que era um mentiroso compulsivo, igual ao Viana, que morava ao lado. Nunca notei... Ao redor da Praça seriam construídos os belos edifícios que abrigariam as melhores festas de aniversário. Mais adiante, a Marechal Floriano e o grande centro da cidade. O céu...

Abaixo da Praça do Alto de Bronze, a Rua do Arvoredo pospunha-se como uma transição bem desenhada antes de chegar na Demétrio Ribeiro e Pantaleão, onde habitava o "crime". Uma espécie de degradé urbano onde, à descida do morro, correspondia uma descida na escala da sociedade. Ali viviam o que eu achava que eram os piores tipos da região, como o “Martelinho”, assim chamado pelo formato original de seu crânio sempre raspado, e “Zequinha”, de quem eu morria de medo que me pegasse de porrada. Diziam que ele era foda e que usava “soco inglês...”. Deixava marca... Curiosamente, a Rua do Arvoredo não tinha nenhuma turma específica. Era como se ninguém (de nós) morasse lá. E, emblematicamente, ela morria – e ainda o faz – antes do Rio, desencantada num “castelo” de pedra, no qual se dizia que um homem muito rico havia prendido sua amada. E esse castelo estava sempre fechado.

Acompanhando o bonde moravam os Pitrez, jóia de gente, o pai médico, a filha, belíssima, casar-se-ia com o Luiz Carlos Krieger, filho do Senador, que também morava por ali.

Mais adiante os Nogueira: Joel, meu colega de aula, hoje psicanalista em POA; Flavio, "estrela" do céu é o limite, respondendo sobre MITOLOGIA GREGA, o Roberto, cadete, colega do meu irmão, o Zé "Carne Seca", meu grande amigo, da turma que se iniciava nos descaminhos da juventude rebelde reproduzindo os modos e costumes dos filmes de James Dean. Hoje a casa deles está vazia. Onde andarão todos?

Logo adiante, sempre seguindo o bonde, morava o Leopoldo Schneider, quem sei por internet, às vezes falamos. Sua irmã Norma, minha parceira das reuniões dançantes viria casar com o Oscar "Gatão", e foi morar no Ceará. Soube que retornaram, separados, recentemente. E que a mãe deles, que habita minhas memórias como mãe-ideal, que abria sua casa para nossas

reuniões, que nos tratava com carinho ímpar, que nos entendia como adolescentes, faleceu recentemente, vítima do Alzheimer. Paz!

E aí em cada casa um amigo, um colega de turma, o ídolo a ser seguido. E uma e outra parceira de reuniões dançantes como a Bety.

Não me lembro de ninguém chato. Será que havia?

No mesmo lado do Leopoldo ficava a casa dos Petracco. O Fúlvio era nosso líder. Mais velho, disciplinado, primeiro lugar no Vestibular de Engenharia. Um exemplo.

E para evitar que nos desencaminhássemos ele inventou que seríamos escoteiros.

Deste tempo recordo nossas férias acampados no Veraneiro Hampel, em São Francisco de Paula, onde conheci a Moema, depois minha companheira, uma das mais belas mulheres que já povoaram o planeta.

Até fomos juntos para Paris, anos mais tarde, já maduros. Quase me custa o casamento, que já estava pelas tabelas e que acabou ruindo. Como teria sido se tivéssemos ficado juntos? Certamente ela não teria conhecido o Celso, não sofreria com sua morte estúpida numa madrugada portoalegrense, e, quem sabe teríamos ficado morando na França, provavelmente nas costas do Mediterrâneo...

E tinha no Hampel uma cantora portuguesa, de quem nunca mais soube e lá veraneava com sua filha, Carolina: Maria da Luz. Durante anos as visitei na Alberto Bins nutrindo pela Carolina um secreto e enigmático sentimento jamais esclarecido.

Por onde andarão elas...?

Volto à Duque.

E vejo os gêmeos Seadi, Muh´Aurail e Muh´Andonio, e me lembro da irmã Nara, que se casaria com o "bananão", nome que dávamos ao pessoal que entrava para a Brigada. Os do exército eram "baleiros", por causa do "seis na bunda", como gritava o moleque Brandão, do outro lado da rua, quando eles passavam fardados com o uniforme azul de Agulhas Negras.

E o Cruz, os irmãos... (???) me esqueci...o sobrenome, mas me lembro que o mais velho deles era o "Maciste"-

forte pacas- e que praticava box e luta livre. Ele nos levava, às vezes, pra ver os "pegas" na Borges, onde, depois, construiriam o mata-borrão.

Ou seria mais acima?

Não sei. Talvez... A memória me falha em alguns pontos das paisagens. Nunca dos nomes. Nem das pessoas.

Volto à Praça do Alto da Bronze.

Para o lado da rua da Praia, ficava a Riachuelo, onde eu morava, num prédio

então novo, na 407, do qual guardo uma fotografia.

E lembranças de umas "moças" lindíssimas e cheirosas que eu raramente via. Trabalhavam "de noite".

Uma delas ainda consegui "pegar" no Castelo Rosado, fim da Voluntários, anos mais tarde.

Eu muito jovem, mas com um bigodinho fingindo idade, para transitar naquelas noites geladas

Mas em 1955, menino de onze, doze anos, bastava-me a pose com meus garbosos irmãos, o mais velho já cadete.

E o caminho seguro, guardado por um quartel da Polícia de Choque no meio, ainda por lá,

entre minha casa e o Colégio das Dores, do qual guardo, a propósito, a lembrança de duas grandes dores:

A morte prematura, de câncer do meu colega de itinerário- ele morava no Edifício dos Bancários, na esquina do meu prédio - e sala de aula: o Irajá Rodrigues Pimentel. Tantos anos e ainda me lembro de todo o nome dele na hora da chamada, de suas feições, de nossas peladas no pátio do prédio dele nos fins de tarde.

E o acidente brutal que ceifou a vida dos pais de meu melhor amigo na classe: o Liberato. Às vezes eu ia na casa dele, um prédio na São Manuel junto da escadaria que liga esta rua com a Rua do Arvoredo. Eu subia e descia aquelas escadas maravilhado pela beleza da paisagem, pelas árvores, pelo encanto do lugar. E disputávamos o primeiro lugar no Boletim. Mas depois do acidente ele sumiu. Vejo seu nome, hoje, nos jornais. Trocamos alguma correspondência. Nunca mais nos vimos. Mas ainda me comovo.

Dores chocantes. Eu mal conseguia entender...E se acontecesse comigo...?

Defronte ao meu prédio, na Riachuelo, ainda vislumbro uma pensão barata, verdadeira cabeça de porco, da qual nos chegava o bafo da cachaça de seus frequentadores sempre às turras com a família, batendo nas crianças, nas mulheres, com raiva do mundo.

Só fui ver algo parecido nos romances do Vasco Pratolini, um italiano.

E por ali rondavam o "Jornaleiro", o "Zé da Ilha", para os quais pedia a meu pai, oficial do exército, que os livrasse do serviço militar, por que eram muito pobres, tinham que trabalhar.

Adiante da Riachuelo, saindo do perímetro do Cadeião, o ambiente ficava mais purificado. Lá imperavam os "intelectuais" do bairro, maior parte deles um pouco mais velho do que eu, quase todos estudando também no Colégio das Dores:

O Paulo Sotero, que se me fez um verdadeiro irmão nestes últimos 50 anos, o belo Jorge Chagas, o elegante Camilo, o escroto Goldoni, o simplório Gomes, o sofisticado Azambuja.

Todos se reuniam no Bar Rio de Janeiro, onde a filha do dono, de nome Odete, enfeitava a paixão solitária de todos.

Sotero morava na Rua dos Andradas, defronte o Majestic, que, para nós era

um mistério.

Nunca entemos bem o que se passava ali naquele Hotel. Ele ficava imprensado entre o passal da classe média, na Andradas, e o trottoir das prostitutas, logo atrás, na "Sete".

Isto lhe conferia um enigma.

Mesmo depois, frequentando os bordéis da Sete de Setembro, púcaro de lues onde marinheiros se infectavam e contaminavam a cidade nunca decifrei o Majestic. E ainda fico impressionado quando vou lá, ele já convertido em Centro Cultural .

E, continuando na descendente, estava o Porto. Onde vi navios que me pareciam gigantescos, onde comprava

radinhos SPICAS, com o assessoramento de meu amigo M. Antonio, que morava ali perto , e

os vendia ganhando minha primeira grana na vida.

Lembro de um comprador: o Magrisso, irmão do Solon, que seria meu colega no Julinho.

E ao lado do Majestic, a fábrica de carrinhos do velho Adail Moraes, cujo filho João me ensinou as primeiras letras políticas

e cujo irmão , que eu só via de longe, junto com o Candal e outros "inteligentes" daquele tempo, foi o

Ex Ministro da Indústria e Comércio, Pratini de Moraes.

E ia correndo rápido a década de 50.

Bondes...O Cinemascope do Imperial...O Ghilosso, defronte à

Alfândega...Paslestras do Brizola às sextas feiras na casa da D. Eloá.

Eu suspirando por um pouco de amor da Carmem. Depois da Marissol. Depois de uma, pelo menos, das "morféticas".

E nada.

Nada além de uma valsa, um tango um pouco mais ousado, um bolero chegado, ou os primeiros passos do roquenrol...

E muitas penitências do confessor.

"Tirem suas diferenças na porrada. Mas com luvas. Tomem!", dizia o Fúlvio.

E tomei uma surra do Nodari. Nunca fui bom de porrada. Foi bom, aprendi pro resto da vida.

Meu negócio é escrever.

Não brigar...

Lembranças e inquietações

Paulo Brossard - Fonte: Zero Hora, 03/01/2011



Outro dia, em razão de determinado ato acadêmico, andei pelos corredores da velha Faculdade da Avenida João Pessoa, verificando que os corredores eram os mesmos, mas faltava alguma coisa no ar. Na tentativa de recuperar fiapos do tempo passado pensei em recordar, aqui e ali, os lentes que conheci mais de perto. A circunstância de registrar os 63 anos da colação de grau da turma que ingressara em 1943 e dela se despedira em 1947, me levou a evocar a figura de Darcy Azambuja, de quem ouvira a primeira aula. A propósito, nunca me esqueci da aula magna por ele proferida no ano anterior, ao ensejo do início do ano acadêmico. A guerra havia ceifado vidas, riquezas, nações, e seu desfecho era incerto e ainda havia muito a destruir. O orador fez um apanhado magistral da hecatombe, e as pessoas afeitas às belas letras gostariam de ler a peça de 1944, que a revista Estudos publicou.

Aproveitando a deixa, é natural que me fixe na pessoa do diretor da Escola, Elpídio Ferreira Paes. Latinista de prol, possuidor de farta cultura clássica, conquistara a cátedra de Direito Romano. A matéria era lecionada no primeiro ano e os acadêmicos, saídos de ginásios diversos, recebiam certo choque ao defrontarem-se com uma exposição diferente de uma matéria semelhante a muralha cheia de dificuldades, a começar a língua. O professor, cuja estatura não era elevada, calvo, sobraçando o grosso volume do Corpus Juris Civilis, inspirava receio. Extremamente dedicado à Faculdade, destituído de vaidades, de hábitos simples, conduzia os estudantes com seriedade e cortesia; não me recordo de um só incidente ou choque com um único estudante nos cinco anos em que o tive como diretor. Tenho lembrança de que em situações várias, com energia discreta, defendeu a Faculdade em emergências delicadas; fui testemunha ocular de algumas dessas situações e posso dizer que ele exerceu a autoridade devida sem deixar de abrigar no coração um favo de mel, que ocultava discretamente. Com o vasto conhecimento que armazenara, poderia

ter escrito manual, sistema ou tratado acerca da matéria que lecionou anos a fio, mas ficou na sua tese de concurso e poucos artigos. Morava no coração da Rua da Praia, no edifício do Clube do Comércio, olhando as belas árvores, povoadas de pássaros ao entardecer e ao amanhecer, sempre com a companhia amorosa de dona Izolda.

O domingo que anteceder à publicação deste artigo será o último da presidência do Sr. Luiz Inácio Lula da Silva, que num momento menos feliz se autoproclamou o maior e melhor presidente da República em todos os tempos. Em tempos idos, dizia-se que elogio em boca própria é vitupério. O fato é que no dia 1º de janeiro a presidente será outra pessoa (até hoje não consegui compreender por que foi escolhido esse dia para a transmissão do cargo do Chefe de Estado, por todos os motivos o pior de todos os dias). Mas, já que o homem foi de tal maneira jactancioso, em artigo anterior lembrei fatos que não recomendavam a soberba autoridade.

Como mera testemunha do duplo quadriênio, lembrarei dois ou três fatos sumarissimamente. Ninguém ignora que entre nós o erário é o maior sócio e sócio privilegiado de todos os que trabalham e produzem no Brasil e ninguém contesta que a carga fiscal é muito alta, notadamente quando comparada com a qualidade dos serviços públicos. E nada foi feito no sentido de aliviar a situação, que é antiga.

Outrossim, a taxa de juros reais é a maior do mundo desde o início do consulado até seu dia derradeiro. E ainda agora, de certo modo invadindo o novo governo, foi anunciado seu iminente agravamento. Os oito anos decorridos foram vãos na medida em que nada foi feito para corrigir o triste primado.

Por derradeiro, se é exato que nunca se vira presidente com 80% ou mais de popularidade, também é certo que jamais se vira tamanha publicidade a bafejá-la. Sem falar na publicidade legal, em oito anos, o governo gastou cerca de 10 bilhões de reais e no último ano, até a primeira semana de dezembro, o gasto foi de um bilhão e cem milhões, coisa de 3 milhões diários. Agora, para festejar a “despedida”, mediante 325 veículos de comunicação, foram despendidos mais 20 milhões para engrandecer o maior governante de todos os tempos. Nunca se vira coisa igual nem parecida desde o governo de Tomé de Souza...

Caminhada Literária: personagens e autores nas ruas de Porto Alegre

<http://www.jornaldomercadopoa.com.br/index.php?view=article&id=158%3Acaminhada-literaria->

Um dos roteiros do programa de julho foi um passeio pelo mundo literário de escritores gaúchos. A caminhada com aproximadamente 200 pessoas, percorreu ruas e praças fundindo história, ficção e realidade.

Diante do busto do escritor Alcides Maya, na praça ao lado do antigo Cinema Capitólio, o pro

Fischer sobre o escritor que foi, também, o primeiro gaúcho a fazer parte da Academia Brasileira de Letras. A parada serviu para a leitura de poemas e a distribuição de calhamaços de papel e um conhecido romance de Luís Antônio Assis Brasil, "Cães da Província".



eles lembraram que na parte de baixo ficava a parte de cima da cidade, a antecipação das brigas de gangues: o confronto entre

Viaduto Otávio Rocha

Com a construção do Viaduto, iniciado em 1938 e concluído em 1942, principalmente na Duque de Caxias. Na famosa rua da Assembleia, também funcionou a primeira Faculdade de Direito, fundada em 1910, para falar do historiador, crítico e ensaísta Gui-Ihermino César, mineiro que adotou o Rio Grande do Sul como espécie de forte e proteção à cidade das ações dos aventureiros, salteadores e invasores. De lá, ele falou sobre a vida social e política da cidade por várias décadas, a partir de 1910.

Qorpo Santo

Da antiga Praça do Portão para a Praça Dom Feliciano foi um pulo. Ali, Fischer deliciou-se com o estado mental, em 1860, aproximadamente. Qorpo Santo acabou indo para o Rio de Janeiro onde foi precursora do Teatro do Absurdo, de Beckett e o Ionesco. O professor também mostrou onde nasceu Abreu. Quem pôs fim nesse cruel processo foi o médico Mario Totta, que também escreveu o livro "O Inimável", lastimável, sem o busto de Totta e com sua base agredida por pichações - como a maioria dos livros de Guimaraens, entre outros.

Tempos de Erico Verissimo e Mario Quintana

Descendo a rua da Praia, antigo reduto de footing e desfile das famílias em tardes provincianas, ela, a antiga Editora e Livraria do Globo, hoje transformada em um ponto comercial. Na Globo, o escritor Erico Verissimo, em Porto Alegre, era um escritor urbano antes de "O Tempo e o Vento", disse Fischer. A editora e livraria, com sua reforma, com seus arcos romanos e colunas jônicas, o grupo chega ao fim de seu passeio cultural. Fischer, lembrando que a Praça XV começou como Praça Cond'Eu, depois passou para Praça XV, principalmente da colônia alemã que predominava no norte da cidade. Os germânicos ricos (que frequentavam o Mercado Público, para derrubar incontáveis chopes. Nas proximidades, o Mercado Público, o grupo caminhou lendo o trecho final de um conto do livro "Pedras de Calcutá", de Caio Fernando Abreu.

VIVA O CENTRO

Resgatando a dignidade do Centro Glenio

Bohrer, coordenador do programa, informa que o Viva o Centro existe, neste formato, desde

Econômica Federal, as obras da Praça XV que estão começando, a recuperação do Largo Glen numa curva descendente, estava muito mal falado e temido, mas a partir de agora as pessoas e Pompéia e a recuperação da Galeria Chaves, todos de altos valores, que demonstram a valorização da área trazendo, inclusive, pessoas que não costumam vir ao Centro.

Saiba: Viva o Centro a Pé

O Programa é realizado duas vezes por mês, saindo sempre das proximidades do Caminho solicita-se 1 k de alimento não perecível e as inscrições para o programa pode ser feitas neste e

Mais informações: 33331873 – 3333. 3289

Última atualização (Sáb, 28 de agosto de 2010 11:40)

O Mercado na História



http://www.jornaldomercadopoa.com.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=

Os mais antigos, que viveram tempos mais remotos de Porto Alegre não esquecem, principalmente a enchente de 1941. Porto Alegre foi inundada por uma enchente sem precedentes. O velho Guaíba em maio de 1941, se inundou por causa de chuva intensa como jamais se viu, incluiu até hoje na capital gaúcha. Está registrado que em maio de 1941 a enchente de água e os barcos se tornaram o principal meio de transporte de Porto Alegre em maio daquele ano.

A Enchente de 41, como ficou conhecida, deixou toda Porto Alegre em choque. Pudera, fora a enchente, a régua da administração portuária alcançou a altura recorde de 4,74 metros na Praça da Harmonia, na Praça da Alfândega e da Rua da Praia até próximo da Rua Uruguai, além da Voluntários da Pátria, da Rua Azenha e Santana. Nunca houve inundação tão grande e desastrosa. Por isto mesmo até hoje se fala em enchente de 41 cheia daquele porte.

<http://www.jornaldomercadopor.com.br>



Rodrigo Lopes*

Ele mora há 29 anos em Porto Alegre, viajou por vários países e descobertas.

Eu acho o Mercado Público o centro da vida social de Porto Alegre há 29 anos. E tem outras pessoas que vem para sentir os cheiros e sabores várias vezes. Sempre que eu chego numa cidade procuro ir no mercado público, antes da reforma. Eu tinha seis, sete anos. Era aqui no segundo piso, a gente ficava

Outra lembrança é também quando eu era pequeno e vinha visitar minha mãe na Junta Comunal, me afastei um pouco do Mercado. Hoje acho que entrar aqui virou mais um cartão postal. Me sinto no Cais do Porto, para que as pessoas se sintam mais à vontade para vir para o centro. Tem toda uma segurança agora para que as pessoas possam visitar.

Em termos de alimento, cultura, erva mate só aqui se encontra vários tipos, as feiras deveriam ser assim. Eu venho da Zero Hora, era repórter de mundo, para mim está sendo uma redescoberta de coisas depois de viajar, voltar para cá. No “Camarote” em uma semana a gente entrevistou mais de 100 pessoas para estar na rua onde as coisas estão acontecendo. O importante é essa interação com o público.

*Apresentador – Programa Camarote, TVCom

http://www.jornaldomercadopoa.com.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=category

O fato aconteceu antes de 1945, - tenho certeza disso -, porque eu era ainda aluno do velho Colégio

Alguém apareceu no Colégio informando que, no Mercado, numa banca de ervas e chás, estaria vendendo um novo tipo de vestuário, que eu hoje só uso em circunstâncias muito especiais.

O aviso nos despertou interesse, e lá nos fomos, uns três colegas, em busca das formosas gatinhas.

O balconista (não sei se o próprio dono do negócio) fazia um pouco de encenação, fingia reluctance, saltava da caixa, impulsionado por mola, era um enorme falo esculpido em madeira, medindo cerca de 10 centímetros.

É claro que o desfecho inesperado era hilariante, ninguém se indignava, e todos saímos rindo e dizendo “brincadeira”.

Serve o episódio para ilustrar o clima psicológico do velho Mercado, onde um comerciante, e

Outros artigos do autor:

- O Mocotó do Governador
- A primeira banca de peixe
- Motim na Praça Quinze
- O deputado e o "Completo"
- Os italianos do Mercado

A FÁBULA DA CIDADE SORRISO*

Clóvis Heberle, jornalista - <http://clovisheberle.blogspot.com/>

Publicado em Ferro e Mais Ferro - 25 de julho 2011- www.previdi.com.br

Porto Alegre cresceu e se tornou capital da Província de São Pedro por sua

excelente localização: era ponto de chegada e partida de quem navegava pelos cinco rios que desaguam no rio Guaíba, e por quem buscava a saída para o mar pelo porto de Rio Grande, na Lagoa dos Patos.

No século 20, ferrovias e rodovias foram construídas, o Rio Grande do Sul se industrializou, a capital cresceu e se modernizou. Se tornou conhecida como Cidade Sorriso. Em seu porto atracavam navios vindos de todo mundo, e era possível embarcar num Ita para o Rio de Janeiro ou para as capitais nordestinas.

Barcos subiam e desciam os rios Jacuí, Taquari, Caí, Sinos e Gravataí com cargas de todos os tipos. Comprar laranjas, bergamotas e produtos da colônia na Doca das Frutas era tão costumeiro quanto percorrer o Mercado Público em busca de peixes, carnes e tantos outros produtos. Bem perto dali havia lojas, joalherias, bares, confeitarias e cinemas - Ópera, Imperial, Guarani, Carlos Gomes, Cacique. Era uma festa. As garotas se produziam para percorrer a rua da Praia - o "footing" fazia parte dos hábitos dos portoalegrenses.

Os bondes interligavam o centro aos arrabaldes: Navegantes, São João, Floresta, Auxiliadora, Petrópolis, Partenon, Glória, Teresópolis, Menino Deus. Uma linha circular, a Gasômetro, percorria toda a área central da cidade. No início da década de 70, foi preciso optar. Extinguir os bondes e substituí-los por ônibus, movidos a óleo diesel? Preservar os prédios construídos nas últimas décadas ou botá-los abaixo para a construção de edifícios, transformando o Centro numa selva de concreto?

Felizmente a população, os vereadores e os prefeitos não cederam às pressões dos espertalhões, dos especuladores imobiliários e de todos aqueles que só viam os seus interesses econômicos.

A maior vitória do espírito público ocorreu quando surgiu um projeto de proteção contra as cheias do Guaíba e evitar o que acontecera em 1941, quando as águas invadiram a parte baixa ao longo da zona portuária. Fruto de uma mente megalomaniaca, pretendia a construção de um muro de concreto com portões hermeticamente fecháveis ao longo da avenida Mauá. Foram levantadas dúvidas sobre a eficácia do sistema - houve quem argumentasse com a velha e boa lei dos vasos comunicantes, pois se as águas subissem até as bordas do cais, entrariam também pelos canos de esgotos e pelo arroio Dilúvio para invadir o outro lado do muro. O argumento definitivo para a sua rejeição foi de que o muro separaria definitivamente a cidade do seu rio.

Daí para a frente, o bom senso prevaleceu. A navegação fluvial passou a ser valorizada. Aliscafos semelhantes aos que ligam Montevideu a Buenos Aires substituíram os barcos a vapor para o transporte de passageiros entre Porto Alegre e Rio Grande, com escalas em todas as cidades do trajeto - Guaíba, Barra do Ribeiro, Tapes, São Lourenço e Pelotas.

Quanto ao muro: os recursos para a sua construção foram usados num projeto de canalização e tratamento dos esgotos cloacais, que reduziram a poluição das águas do Guaíba. O arroio Dilúvio voltou a ter águas cristalinas, e suas margens serviram para ciclovias.

No verão, as belas praias do Guaíba eram uma opção para aqueles que não queriam ou não podiam ir até o Litoral. O entardecer tinha um encanto especial

com a urbanização de toda a orla do rio. O trecho do porto entre o portão central e a Usina do Gasômetro, transformado numa área de lazer, ganhou bares, cinemas, teatros e restaurantes.

Quando as construtoras passaram a demolir os antigos casarões do centro histórico, houve um movimento pela sua preservação, com o apoio dos jornais, tevês e rádios.

Enquanto as outras capitais brasileiras extinguíam os bondes, tapando seus trilhos com asfalto para a passagem de carros e ônibus, a capital gaúcha não só manteve o serviço, como o integrou aos ônibus dos bairros mais distantes e dos municípios vizinhos. Em cada fim de linha dos bondes foram construídas estações de transbordo. Com a prioridade a um transporte coletivo de qualidade e baixo custo, que mais tarde incluiu um metrô para a região metropolitana, foram abandonados projetos de viadutos e túneis destinados a facilitar o acesso de carros ao centro, já que isto só traria mais poluição, mais transtornos. Em vez de carros, pedestres, bicicletas e bondes nas ruas. Porto Alegre se manteve como era até os anos 60: charmosa, limpa, agradável. A Cidade Sorriso.

** Esta fábula é uma homenagem a Leandro Telles, que por duas décadas lutou, junto com alguns poucos sonhadores, pela preservação dos prédios históricos da cidade. Obstinado, percorria as redações denunciando a destruição dos velhos casarões da área central para a construção de edifícios, mesmo que muitas vezes fosse recebido pelos jornalistas com indiferença e até com má vontade.*

Num dos episódios mais conhecidos de sua militância, enfrentou pároco da capela do Bom Fim que anunciara a sua demolição. Com o apoio dos moradores do bairro, o templo acabou sendo restaurado.

Hoje Leandro se dedica apenas ao seu estande no Brique da Redenção.

Marcelo Carneiro da Cunha

15/11/11 | 18:48

[Compartilhe9](#)

Porto Alegre – uma cidade a descobrir

Adeli Sell - 25/03/12 |

<http://sul21.com.br/jornal/2012/03/porto-alegre-%e2%80%93-uma-cidade-a-descobrir/>

Faz 40 anos que cheguei aqui. Fui parar na Pensão La Maravilha, na Riachuelo, na frente do Cultural. Esta, como outras, sumiu. Em seguida, a estudantada e jovens que vinham do interior se juntavam e alugavam uma “baia”. Puxa, ninguém mais fala assim, ou fala?

Peguei um Santa Tereza, fui ao Belvedere Rui Ramos, de lá vi a cidade encantada, o Guaíba, e foi paixão que nunca terminou e não vai acabar. Para um colono de Santa Catarina, era tudo um sonho.

Os bondes já tinham acabado, os lotações estavam surgindo. Lembrando de algumas destas coisas, fico a pensar que em Porto Alegre sempre há uma coisa ou outra a descobrir.

Entre no Mercado Público, abra os olhos e os ouvidos, para ver e ouvir de tudo. Um dos lugares mais democráticos do planeta. Tem de tudo e para todos os bolsos e gostos. Se a bomba de sorvete da 40 não é mais a mesma há controvérsias, mas surgiu o Beijo Frio no segundo piso para compensar. Os cafés evoluíram, mas a gente ainda acha um farroupilha com café com leite.

Pegue o Ônibus de Turismo no Zumbi dos Palmares, mas que continua sendo Largo da Epatur, e veja que em cada ângulo, em cada olhar, em cada canto tem algo a descobrir nesta cidade. Dali vais ver uma arquitetura que sempre existiu, mas não tinha notado. Vais ver que apesar dos detonadores do patrimônio muita coisa resistiu, como o casario da Venezianos, ou as casas repintadas da João Manoel.

O Viaduto Otávio Rocha resiste, apesar da pichação. O Monumento a Júlio de Castilhos, na Praça da Matriz, tão maltratado exige sua formosura dos gloriosos tempos do Positivismo, que ainda teima em se fazer presente nos cantos da nossa cultura, especialmente na política.

As gurias e os guris deixaram o Bomfa, largaram a Esquina Maldita, para tomar conta da Lima e Silva e fazer ponto no Guion. O cachorro do Rosário não se deixou derrotar pelo fast food americano, a ele se juntou o Kurtz da Borges e outros.

O Santuário Mãe de Deus nos altos da Glória, ali no Morro da Embratel à esquerda, nos dá a condição de um ângulo de 360 graus para descobrir paisagens nunca vistas. Subindo no Apamecor é outro deslumbre, como foi aquele meu quando subi o Morro Santa Tereza.

Ipanema continua existindo, sumiram os quiosques, os novos não chegaram, mas chegarão. No Belém Novo e no Lami já dá para voltar a se banhar como nos velhos tempos. Talvez você prefira Tramandaí, mas eu prefiro o rumo Sul sem engarrafamentos.

Na Vila Nova e no Belém Velho ainda temos nossos pêssegos, nossa uva, nossas ameixas. O turbilhão imobiliário não teve força para derrotar a área

rural. A Feira do Peixe nasceu antes de Porto Alegre ser cidade, está ali no Largo Glênio Peres, no mesmo lugar onde começou. Ao lado, o Chalé está preservado, será restaurado, ganhou um espaço maior, sem perder sua originalidade.

Na Arquitetura é obrigação lembrar do grande Theo Wiederspahn, o alemão, que fez os prédios da antiga Cervejaria Continental, hoje Shopping Total, o Edifício Ely, onde é o Túnel do Viaduto da Conceição, o prédio do Correio velho, hoje Memorial, a Casa de Cultura Mário Quintana, que foi Hotel Majestic, entre outras tantas formosuras que fez.

O Teatro São Pedro se mantém pela fibra e trabalho da Dona Eva Sopher, a Ospa patrimônio imaterial, ganhará sua sede em breve, pena que tiraram o Araújo Viana da Praça da Matriz, onde hoje está nossa Assembléia, e que destoa de todo o entorno, pois o Piratini, o Solar dos Câmaras, a antiga Assembléia, o Forte Apache, tudo está ali.

Não só veja isto tudo, circulando e olhando, mas veja quanto há roteiros a pé pelo Centro e outras atividades turístico-culturais, para conhecer em cada um destes espaços também um canto, uma coisa, ainda a descobrir.

Rendo-me a ti, Porto Alegre, valorosa, cheia de encantos mil, brava gente porto-alegrense, nos seus 240 anos!

Adeli Sell é vereador e presidente do PT em Porto Alegre

Nossa Porto Alegre : 240 anos

Adão Villaverde 26/03/2012

A paixão e o amor que sinto por Porto Alegre foram despertados precocemente nos bancos escolares do nosso Julinho e no acolhimento que tive, enquanto fronteiro que veio residir no Bomfim. Eram meados dos anos 70, quando nossa geração lutava contra o amordaçamento do autoritarismo.

Encontrei uma cidade encantadora e bela, rica culturalmente, instigante e rebelde frente à ausência de democracia e uma capital humanista, com todas suas grandezas e mazelas. Que, por sua politização e capacidade crítica, foi fundamental no processo de redemocratização do Estado brasileiro.

Aqui, aprendi que uma cidade deve ser um espaço público de encontros e convivências entre pessoas. Cujas cidadania exige que todos possam e devam usufruir dos serviços básicos e terem qualidade de vida digna, condizente com o padrão civilizatório do nosso tempo.

Entretanto, esta celebração não pode interditar uma obrigatória reflexão, acerca do momento e dos rumos de nossa linda Porto Alegre.

Para quem já foi capital mundial da democracia e referência no Brasil inteiro pelos serviços básicos à população, a atualidade merece preocupação. Para quem já olhou de frente para nossas vilas, bairros e comunidades e fez ali chegar (atendimentos) fundamentais como água, esgotamento sanitário, asfalto e recolhimento de resíduos com qualidade, ver hoje estas necessidades públicas precarizadas, nos angustia muito.

Associa-se a isto, a insegurança, a mobilidade urbana à beira do impasse, o amortecimento do seu potencial de desenvolvimento, a falta de cuidado com espaços públicos, com áreas verdes e com mobiliário urbano. Revelando que só a retomada de uma gestão com planejamento estratégico e eficácia operacional é capaz de superar as ações por impulso.

Para nossa Porto Alegre, a um só tempo, aldeia e cidade do mundo, é momento de busca de ressignificação, na qual necessariamente governar seus rumos e não ser governado por eles, está mais do que atual, é fundamental.

Precisamos de uma cidade que responda às questões imediatas e mais sentidas de seu povo e, ao mesmo tempo, seja pensada e planejada para tornar realidade o que os portoalegrenses merecem. Uma cidade com desenvolvimento urbano e mobilidade sustentáveis, para que possamos nos reencantarmos novamente com o fascínio de nossas praças, de nossos verdes parques e a delicadeza dos floridos jacarandás. Despertando novamente o fundamental sentimento de uma cidade segura e com qualidade de vida para todos, como é a alegria de vermos a beleza do entardecer crepuscular sobre nosso Guaíba.

Adão Villaverde é engenheiro, professor, deputado e ex-presidente da Assembleia Legislativa

Publicado <http://sul21.com.br/jornal/2012/03/nossa-porto-alegre-240-anos/>
Acesso 27 março 2012

Uma rua na Floresta

Lucia Serrano Pereira

Publicado em www.sul21.com.br

Janeiro em Porto Alegre parece sempre uma alteração no tempo. Boa aventura, outro ângulo, câmara lenta, vemos coisas em outro ritmo. No café da esquina, pensei que tinha um mistério, aquela repetição. Como, depois de tantas voltas na vida, só tinha atravessado a rua?

O bairro tem a mesma feição, décadas depois. Ou talvez seja meu olhar que reencontra os vestígios, a arqueologia, apesar das mudanças. Sempre achei acolhedora aquela quadra da Bordini. Bairro Floresta, não o burburinho do

centro (onde se ia bastante). Casas, alguns prédios, pequeno comércio, mercadinho, sapataria, consertos, tinha um posto de gasolina, e a estrela principal, o Max, a confeitaria que ainda tem os melhores biscoitos de queijo. É, o Max está lá. Nosso prédio ficava na mesma quadra. A calçada ainda tem alguns trechos daquele jeito, irregular, desconstruída, perfeita para jogar sapata. Essa era a brincadeira na rua, tudo antes dos sete anos. Qual o inventário da vida na Bordini nesse primeiro tempo da infância? Simples e completíssimo para a época: primeiro, a saída de manhã cedo com o pai ou a mãe. Neblina e jadona, e religiosamente na mão uma fatia grossa de pão com manteiga (bastante manteiga, antes dela ser bandida, era sinal amoroso). O pão era para a Laica, que morava no pátio do estacionamento, dobrando a Marquês, primeiro carro do pai. E claro, minha primeira cachorra. Pelo menos eu achava que era minha, além de ser do seu José, não era eu que cuidava do café da manhã? Sempre quem alimenta é o dono, diziam.

Na volta almoçar, depois a hora de brincar com a Margarida, a marcação da sapata com uma casca qualquer, de árvore ou fruta, as de laranja tinham o peso ideal para jogar à distância. Nos dias sem aula o passeio com a mãe, dia de comprar livrinho na revistaria do outro lado da rua, um livrinho por semana, pequeno, quadriculado na borda, cheiro do papel novo. Dia de semana tema, pintura, massinha, ali surgiu a TV; de noite era a chegada do pai, banho e jantar, e o deitar lá pelas oito. Mas voltando ali no cheiro do papel, os cheiros...

A lembrança mais intensa, mais primitiva? Nada, nada se comparava com o cheiro doce da Marquês do Pombal, o algodão das paineiras. Adiante no tempo, pela faculdade, quando vi *Amarcord* no cinema, tive por anos a convicção de que o filme de Fellini era o melhor da lista dos melhores – tempo de tantas listas, melhores músicas, melhores cantores, melhores atores, livros, amigos, dias, anos – se os pares ou os ímpares, melhores tudo... (e hoje, vale lembrar o excelente livro de Umberto Eco, *A vertigem das listas*). O filme começa e termina com o esvoaçar das partículas de algodão, inaugurais, leves, adolescentes. Na adolescência nosso endereço já era outro, mas voltemos à esquina da Marquês com a Quintino: o auge do adocicado tinha a ver com a proximidade da fábrica com as chaminés, a Souza Cruz, era o tabaco que fazia alguma alquimia na mistura com as árvores, aquele cheiro bom. Nessa esquina incrivelmente doce, e aí o paradoxo, o pior. E se aquela casa, a da esquina, fosse a da bruxa? Grades cruzadas em umas janelas redondinhas iguais à da velha do João e Maria. Efeito talvez do próprio cruzamento do perfume doce com a arquitetura, casa doce como a da velha, disfarçada de casa comum. Sempre fechada. Deusulivre passar muito perto, e se dali saísse uma mão para me puxar? Ela podia me tomar da mão da mãe como o pão com manteiga que a Laica abocanhava da minha mão, na mesmíssima rua, só que dobrando para o outro lado (do avesso?).

Alguma relação com o fato de ter ido me instalar, vida adulta, a uma quadra e meia dela, na mesma rua? O lugar não é qualquer: olhando do meu consultório, na transversal, a casa da bruxa. Para dialogar com a fantasia. Esse é o meu trabalho, por sinal. Mas de alguma forma, mais confiante. Na frente, vejo pela janela justo o lugar onde estava a casinha da Laica. Para se conhecer uma cidade, diz Walter Benjamin, é preciso se deixar perder nela como quem se perde numa floresta. Atravessar uma rua na Floresta pode ser uma experiência e tanto.

Lucia Serrano Pereira é psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Parabéns Porto Alegre pelos seus 239 Anos!



Sou de Porto e daí?

Você sabe como identificar um Porto-Alegrense?

- 1 – Divide o domingo entre antes e depois da passadinha no Brique ou no Parcão.
- 2 – A partir de julho, deixa de comprar livros para aproveitar os descontos e os balaios da Feira do Livro.
- 3 – Odeia o muro da Mauá.
- 4 – Fala mal das praias gaúchas, mas nunca recusa convite para passar o fim de semana em Imbé ou Atlântida.
- 5 – Desfila em qualquer rua de qualquer cidade com cuia e garrafa térmica como se fosse coisa "trinormal".
- 6 – Ama ou odeia o PT. Não tem meio termo.
- 7 – Acredita que a última batalha não será entre o bem e o mal ou entre a luz e as trevas, mas entre Gremistas e Colorados.
- 8 – Em uma tarde consegue mostrar todos os pontos turísticos da cidade aos amigos que vêm de fora.
- 9 – Acha que Porto Alegre tem quase todos os defeitos de uma cidade grande e mais algumas desvantagens de uma cidade pequena, mas parte para a briga com qualquer estrangeiro que ouse dizer uma barbaridade dessas.
- 10 – Acredita piamente que existe uma comprovação científica para o fato de o pôr-do-sol no Guaíba ser o mais bonito no Planeta. Talvez pelo fato do paralelo trinta passar na Rua da República.
- 11 – Chama o carinha ali de bagaceiro; come negrinho e branquinho e ainda compra cacetinho.
- 12 – Diminui metade das palavras e nem se dá mais conta disso: Findi, Churras, Super...
- 13 – Ama Porto Alegre!

O Portoalegrês é uma das línguas mais difíceis do Ocidente (que não é o hemisfério e sim um bar em Porto Alegre). Para começar, só existe uma interjeição: "bah!" – que é usada em mais ou menos 462 situações diferentes. Prá complicar, "bah!" tem, também, 497 entonações diferentes: pode ir de um simples "beh!", até um complicado, "pãh!" dependendo do que tu queres dizer.



E tem também as gírias. Porto Alegre é equipada com mais ou menos 15 fábricas de gírias funcionando sem parar. Algumas chegam até a ser exportadas: "viajar na maionese" e "pirar na batatinha", que agora estão na moda no Rio, são faladas há anos, ou em Portoalegrês, "há horas".

Outras expressões cruzam a fronteira, mas nunca chegam a ser compreendidas. "Deu prá ti", por exemplo, que é o nome de uma música que fez o maior sucesso no Brasil inteiro.

Talvez porque pensaram que "deu prá ti" fosse uma sacanagem quando na verdade só queria dizer "chega!".

Também tem o "trilegal". Há horas ninguém fala trilegal em Porto Alegre. Se fala "tribom", "triquente", "triafim", "trigente", "triafu" (muito usado), "tri" o que tu quiseres.

Mas nada é mais porto alegreense quando falar: "tu vai ir?"

Repita agora, com sotaque:

"Báh, mas tu vai ir? Bah, mas se tu for, eu também vou ir".

É, Porto Alegre é o único lugar do mundo onde a gente lava "Os pé" e lava "as mão".

E deu prá ti, viu guri!

Não há nada melhor do que poder dizer: "Bah, eu sou de Porto"... com sotaque mais cantado possível... e a cara mais orgulhosa do mundo!

Porto Alegre é TRIAFU! E "sirvam nossas façanhas de modelo à toda terra!"

Autor Desconhecido

Se alguém souber, nos informe!

Nossa homenagem a cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre completa 239 anos neste dia 26 de março de 2011. Parabéns a todos os Porto Alegrenses!

POA 2015 - 243 ANOS

Um pouco de História - 1930 – 1950 : Duas décadas que mudaram Porto Alegre

Paulo Timm – Especial para www.sul21.com.br

*Cumpra que irradiemos para além das próprias fronteiras
as nossas idéias.*

Cumpra que nos demos a conhecer melhor.

*Cumpra fazermos circular, a par dos outros, lá fora,
os nossos legítimos valores espirituais.*

*Cumpra que saibamos o que se faz, o que se renova
longe de nós e em torno de nós.*

Mansueto Bernardi

DA LIVRARIA AOS ACERVOS DIGITAIS –

A consagração da literatura sul-rio-grandense do século XX

http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras/memo_info/mi_2011/FCRB_MI_D_a_livraria_aos_acervos_digitais.pdf



Escadaria que une a Duque de Caxias ao antigo Beco do Oitavo, hoje André da Rocha

PARTE I

PORTO ALEGRE – Resistência, tradição e mudança

Este artigo, que é mais uma colagem de lembranças recortadas de várias fontes, notadamente Sérgio da Costa Franco, vem emoldurado por dois momentos marcantes que têm em Getúlio Vargas seu protagonista principal:

Em 03 de outubro de 1930 ele deflagra, com o Rio Grande politicamente reunificado, desde Porto Alegre, a grande Revolução que mudaria o Brasil.

Em 09 de outubro de 1950, depois de ter sido deposto da Presidência em 1945, ele reinicia seu retorno para seu segundo mandato ao Poder, com um grande comício na cidade.

Nos dois eventos sairá vencedor, mesmo sucumbindo com um tiro no peito em 1954 “para entrar par a História”. Na sua trajetória, a grande transformação do fazendão oligárquico de produção de café e açúcar, que era o Brasil, em uma economia urbano-industrial pujante, com relações trabalhistas reguladas, instituições democráticas e pronunciada ideologia nacional-desenvolvimentista. No rastro desta epopéia, a metamorfose de um burgo modesto de autoritários políticos e exaltados poetas em um centro metropolitano articulado à indústria e ao comércio, regulado pela Lei, com Partidos Políticos organizados, fortes movimentos sociais organizados e muita efervescência cultural e boêmia.

Para trás ficavam o espectro das lutas fratricidas entre chimangos e maragatos; os becos imundos interligados por pontes de madeira, os alagados e as enchentes , até mesmo os nomes sugestivos das paisagens das velhas ruas, como Arvoredo, Caminho do Meio. Rua do Cotovelo, todas alinhavadas nas “Antigualhas” de Pereira Coruja; para trás a Praça da Harmonia com seus espetáculos dantescos de enforcamentos em público, os passeios com mulheres elegantes acompanhadas de homens de cartola alta na Rua da Praia, quando subiam a Rua da Ladeira em noites engalanadas no Teatro São Pedro; os bondes movidos a burros. ladeados por carruagens que estancavam ao pé das coloquiais “sacadas, sacadinhas e sacadões”, tão ao gosto da pena de Damasceno Ferreira, na esperança de um olhar furtivo; para trás os personagens imemoriais da cidade como os irmãos Apolinário , o Qorpo Santo e outros que “ganham” o Rio, na esteira de Vargas, como o “Barão do Itararé”, o Theodemiro Tostes, o Mansueto Bernardi. Para trás o “Almanaque do Globo (1917-1933)” abrindo caminho para a “Revista do Globo “ e “Província de São Pedro”... Emerge a modernidade num lance de franco iluminismo porto-alegrino, com seu ritmo frenético em escalas geográficas cada vez mais cósmicas; Este lado ousado de Porto Alegre, alimentado ao longe pela “conquista” do Rio Janeiro no gesto simbólico dos cavalos amarrados no Obelisco e pela “derrota” dos paulistas revoltosos de 1932, não obviou, entretanto, as raízes conservadoras da sociedade local. Talvez essa dialética da conservação-mudança tenha dado à cidade o ar de encantamento que fascina a todos que a conhecem.

Aqui, dois marcos do persistente regionalismo gaúcho: a literatura, na qual despontam Erico Veríssimo e Simões Lopes Netos, com obras capitais publicadas em 1949 e o nativismo que vê reacender com vigor, em 1948, as efemérides crioulas, na criação do “CTG 35”, o qual se espalhará em

congêneres pelo Estado e pelo resto do país cunhando a imagem do homem do pampa hoje estampada no Monumento do Laçador, símbolo de Porto Alegre.

Com menos de 200 anos, uma das mais novas capitais do país, Porto Alegre havia se fortalecido na Era Vargas, tendo chegado ao ano de 1950 a pouco menos de 400 mil habitantes no seu núcleo urbano, com mais 200 mil em suas projeções metropolitanas:

Crescimento populacional		
Censo	Pop.	%±
<u>1872</u>	43 998	
<u>1890</u>	52 421	19,1%
<u>1900</u>	73 647	40,5%
<u>1920</u>	179 263	143,4%
<u>1940</u>	272 232	51,9%
<u>1950</u>	394 151	44,8%

A cidade entrava na década de 50 com uma fisionomia muito parecida àquela que ainda guarda, atravessada por grandes e sinuosas avenidas que se abrem aos bairros, com uma população mais arejada ideologicamente e que ultrapassava rapidamente as fronteiras do voluntarismo positivista. As várias comunidades culturais se entrelaçam, mesmo guardando vestígios nos sobrenomes complicados e nos sotaques carregados. Mas em 1950 já havíamos cozinhado, também, a miríade de vertentes étnicas e culturais, alimentadas, de um lado pelo transbordamento sobre Porto Alegre das colônias de imigrantes, de outro, pelo afluxo constante de gente vinda de todas as partes do Estado. Custará mais a assimilação da forte presença afro-descendente, cumprindo o vaticínio de Joaquim Nabuco de que carregaríamos por séculos as marcas da escravidão negra.

Na ação política há dois deslocamentos importantes: Primeiro, a entrada em cena de novos protagonistas, tanto urbanos, no bojo das eleições para a Constituinte, como do interior, aí relevando os primeiros representantes das regiões coloniais, até há pouco controladas pelo Estado. Leonel Brizola, eleito deputado estadual em 1945, com 21 anos, é um indicador desta mudança, que acabaria empalidecendo o poder patriarcal da campanha. E é ele, também, o marco de outro deslocamento: uma reorientação estratégica no campo do

castilhismo, ao qual Vargas e Brizola se filiavam, e que já se encontra virtualmente esvaziado do clamor republicano que o nutria, em vista do distanciamento da restauração monárquica, para as demandas sociais das massas urbanas emergentes. Hora de aposentar o lenço branco de *Antonio Chimango*, que irá para a tumba com Vargas, em 1954, substituindo-o pelo vermelho das multidões que será adotado por Brizola.

Exultava Porto Alegre, também, ao sabor das publicações ousadas da Livraria Editora Globo, que tinha à frente “Um certo Henrique Bertaso”, na palavra imortal de Érico Veríssimo. Um salto no engenho e arte nas novas fronteiras da filosofia, da literatura e das ciências. A elite intelectual já não mais precisava formar-se nos cursos superiores do Rio e São Paulo. Nem ler em francês... Boas faculdades de Medicina, Engenharia e Direito já se consagravam entre as melhores do país.

No campo da arte popular o portal das vastidões do sul, de acento espanholado e modos rudes confirmará sua lusitana brasilidade projetando em unanimidade nacional o reconhecimento de dois nomes: Lupicínio Rodrigues, como um dos melhores, senão o melhor, compositor da era do samba-canção e Elis Regina, como maior intérprete da MPB. Nem só de Política se alimenta o Rio Grande, dirão muitos...

Porto Alegre, enfim, entrava na segunda metade do século XX com os vícios todos da sociedade moderna - que se despejavam nas noites regadas em excessos de boemia e luxúria estonteante em famosos cabarés - e todas as suas contradições e problemas, sobretudo na formação de bairros afastados e empobrecidos. Tudo isso vinha envolto em bravatas memoráveis, como a do leiloeiro que depôs Júlio de Castilhos em 1891, mistérios como o do escatológico caso do açougueiro da Rua do Arvoredo que fazia lingüiça de carne humana e controvérsias acaloradas sobre Política e futebol. E, claro, sorrisos no passeio avermelhado da Rua da Praia... Esses murmúrios descem imponentes escadarias e “lombas” outrora escorregadias e se transformam em lendas na tradição popular, matéria prima dos cronistas que delas deixam registros memoráveis no Diário de Notícias e no Correio do Povo. Poucas cidades brasileiras oferecem, enfim, a complexidade de Porto Alegre. Ela reúne a incrível capacidade de sintetizar tradição e mudança de forma ímpar, fazendo da resistência de cada segmento de sua população um elo forte da cadeia antropológica da cidade. Resistência, aliás, da qual o Mercado Público é o maior símbolo, sendo ele próprio o livro-tombo da alma e da história da cidade. Resistiu a incêndios devastadores, o último deles há pouco tempo, estando ainda em obras de reconstrução, resistiu às enchentes, sobretudo a de 1941, resistiu ao tempo, mantendo internamente seu caráter provinciano que tanto me encantava quando ali ia, menino, com minha mãe e que agora encanta meu neto, resistiu às engenhosas manipulações técnicas que pretendiam pô-lo abaixo várias vezes, a última na administração Thompson Flores, no regime militar, para dar lugar a mais um arranha-céu em tão nobre lugar. Resistiu, da mesma forma como o burgo incipiente resistiu aos revoltosos farroupilhas, vindo daí a receber o título de “Mui Leal e Valorosa”,

mas sem guardar rancores aos vencidos. Resistiu, como resistiu a República sob o tacão de Julio de Castilhos, logo mais de Borges de Medeiros, às invectivas armadas que lhe contestavam. Resistiu, enfim, na Legalidade, em 1961, sob o comando de Leonel Brizola no Piratini, assegurando a posse de João Goulart na Presidência da República.

Porto Alegre é assim...: Demaiiiiis!

Parte II –

Cronologia comentada 1930-1950

*

1930– Ano 158 da fundação oficial de POA - No dia 03 de outubro estoura a Revolução sob o comando do Governador do Estado, Getúlio Vargas, que ruma em direção ao controle do Poder no Rio de Janeiro. Assume, a 24 de outubro, o Governo Provisório no Palácio do Catete – RJ. Em Porto Alegre ele proclama o famoso discurso “Rio Grande do Sul, de pé, pelo Brasil!” , no qual expõe as razões do movimento. Não houve resistências das forças federais em Porto Alegre, onde a data da sedição já corria solta pela Rua de Praia dias antes. Ainda assim, houve enfrentamento e três pessoas morreram. Vargas sepultará a República Velha inspirado no positivismo e inaugurará uma nova era no país, com grandes reflexos no desenvolvimento da capital do Rio Grande do Sul.

<http://www.franklinmartins.com.br/post.php?titulo=discurso-rio-grande-de-pe-pelo-brasil>



1931– Ano 159 - Publicação de “Bazar”, o primeiro livro em prosa de Theodemiro Tostes, um dos maiores, senão o maior cronista-poeta da cidade desta época.

PORTO ALEGRE : Bazar bovary

Em homenagem à Theodemiro Tostes, jornalista (Diário de Notícias- POA), poeta e cronista do início do Século XX, autor destes versos *inclinados* extraídos de *BAZAR* – Ed. Globo 1931, e à Tânia Franco Carvalhal que sobre eles pousou sua atenção reeditando-os em 1994)

“

Paulo Timm- Dez 2014

Pensa em todos os olhos que a água da hora orvalha

Pensa em todas as almas dilaceradas que sangram

Pensa em todas as vigílias desta hora única

E vê que tuas mãos vazias ainda podem abençoar.

Você ursa comigo...

Você me conhece?

(Ora) vá colher a vida!

*E aquele ar de quem pergunta as horas. (Quando levanta.Quando
deita.Quando em quando...me vê. Apenas...)*

(Nem eu me conheço)

Cada um de nós tem tantas almas quanto os minutos de cada dia.

Há mais arcanos no coração humano do que na terra inteira.

(Quanto a mim) tenho amor ao pecado quando o pecado é amar

(Basta-me) este céu de março, vitrine de joalheiro, carícia insensual de outono.

A tarde azul. (A noite morena. A manhã pingando...)

A cidade preguiça (ainda) no cobertor de brumas.

Tenho pensamentos verdes e flutuantes como a paina

(Mas volto à noite que esmorza)

Tristeza de pares boêmios

Esquissos de esplins cosmopolitas

Fico puova, mas careço daquela raiva de bronze dos imortais

(Contento-me)

(Afinal)

Deixei passar a vida sem me curvar à água corrente.

Deitar cedo, dormir cedo e, sobretudo, não sonhar.

(Este) espelho das coisas inocentes

(E vãs)

Pensa no orvalho...

Pensa nas almas...

Pensa na vigília..

(Enquanto) um corvo de asas de álcool plana e (espreita)...

I inauguração no dia 18 de abril desta ano do Cinema Imperial na Praça da Alfândega;



Foto de 1950

Notas: 1) A foto abaixo mostra o interior do cinema durante um concerto do Clube Haydn de Porto Alegre; a parte superior da foto mostra a orquestra no palco e a inferior a platéia, vendose o mezanino ao fundo. Essa foto foi publicada na Revista do Globo de Ago/1931 e foi cedida por Celso Schmitz. 2) A foto deve ser dos anos 1950 - mostra o **Cine Imperial** ao lado do **Cine Guarany**. 3) Segundo, esta foto é de do 2o. semestre de 1954 e na ocasião o cinema Guarany se chamava Rio. 4) Conforme mesma fonte, o administrador desta e de outras salas de cinema (**Roxy, Rival, Rosário e Ritz**) era Darcy Bitencourt; como curiosidade, todas as salas que ele administrava começavam com a letra R.

Fonte : Cinemas de Porto Alegre Antigo

<http://cinemasportoalegre.blogspot.com/>

1932– Ano 160 -Tensão Política. Época de conspirações. Borges de Medeiros, o “Antonio Chimango” na sátira do Ramiro Barcelos. Era um carismático cacique republicano que permaneceu no comando do Estado por 25 anos, tendo, com isso, despertado a ira dos opositores. Neste ano rompe com Vargas e se alia ao maragato Assis Brasil, encerrando a era castilhista da vida política rio-grandense, já bastante empalidecida desde a ascensão de Getúlio Vargas ao Governo da Província e depois do país. Figura ímpar, filho de pernambucanos , Borges impressionou todos os que o conheceram, como testemunha Nilo Ruschel na crônica “Uma rua não tem data” , incluído no seu livro “Rua da Praia -1971:

“Dando agora um balanço em todas as passadas que me passaram pela memória, sinto que nenhum andar eu vi que se assemelhasse – fora da Rua da Praia , no alto da Matriz – ao de Borges de Medeiros, ao perlongar a pé o trajeto do Palácio à moradia, numa postura que era a da própria dignidade, seguido, à distância, de um ordenança apenas. Grave, calmo, a bengala pendurada à frente, tirando o chapéu, com cerimoniosa cortesia, ao tímido anchietano do primário que levava a mão à pala do boné.”



Antônio Augusto Borges de Medeiros ([Caçapava do Sul](#), 19 de novembro de 1863 — [Porto Alegre](#), 25 de abril de 1961) foi um [advogado](#) e [político brasileiro](#).

1933– Ano 161 - Ano essencialmente político, marcado pela eleição para a Assembléia Nacional Constituinte, realizada a 3 de maio, num contexto de grandes mobilizações de trabalhadores em torno da criação de seus Sindicatos e acirramento das forças políticas. Mas também pela consagração de Lupicínio Rodrigues como grande compositor da MPB com “Nervos de Aço” e “Felicidade”. No ano anterior Noel Rosa teria dito: Este moço vai longe! E foi. Frequentou a Lapa no RJ convivendo com a malandragem nas mesas do

Café Nice, onde se encontrava com Kid Pepe, Germano Augusto, Wilson Batista, Ataulfo Alves e até Francisco Alves.. Curiosamente, enquanto, de um lado, era o interior que começava a chegar a Porto Alegre, através do regionalismo literário aquerenciado na Livraria do Globo, por outro, era Porto Alegre, através de Lupicínio, que chegava ao núcleo da Musical Popular Brasileira, no centro do país. Conhecedor, porém, das tradições riograndenses, foi vencedor, em 1935, do concurso em comemoração ao Centenário Farroupilha, com a canção "Triste história", em parceria com Alcides Gonçalves. Dentro do espírito campeiro compôs em 1933 "Felicidade" e já dava início ao gênero da dor de cotovelo, que o consagraria, com "Nervos de Aço". Lupicínio, como todo boêmio, foi um homem de bares, amores e muitos amigos. Fez época na noite porto-alegrense, juntando-os em seus sucessivos estabelecimentos, que abriam e fechavam ao sabor da vida. Quando morreu, em 1974, deixou saudades. De sua alma sensível. De sua personalidade marcante. De seu talento reconhecido. Tudo por amor,...



Lupicínio Rodrigues

1934 – Ano 162 - Em 04 de fevereiro , Mário Quintana, o poeta porto-alegrense por excelência, estréia no Correio do Povo com o poema "Saudade", tema recorrente na longa trajetória do autor: *O tempo não pára! Só a saudade é que faz as coisas pararem no tempo...*

Saudade

***Na solidão, na penumbra do amanhecer.
Via você na noite, nas estrelas, nos planetas,
nos mares, no brilho do sol e no anoitecer.***

***Via você no ontem , no hoje, no amanhã...
Mas não via você no momento.***

Que saudade...

O Mapa

***Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...***

(E nem que fosse o meu corpo!)

***Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...***

***Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuance de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E ha uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)***

***Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso***

***Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)***

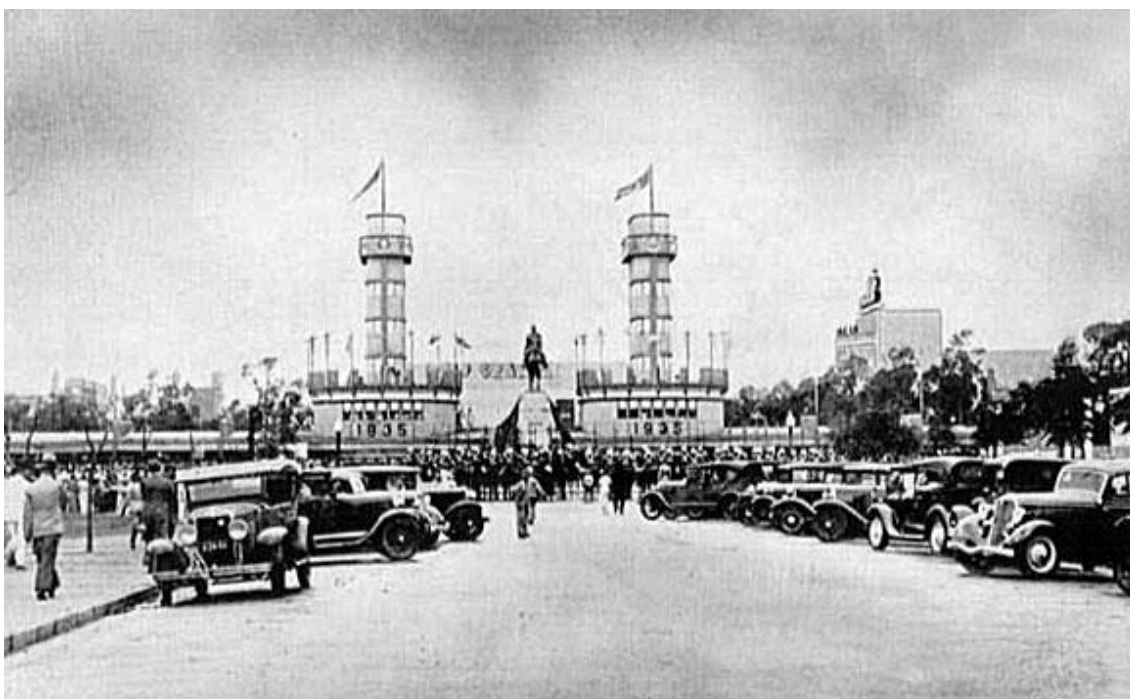
E talvez de meu

(Mário Quintana, o poeta portoalegrense.

[Mário Quintana - Biografia](#)

www.releituras.com/mquintana_bio.asp - Em cache

1935- Ano 163 - Imponente inauguração da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, instalada no Parque da Redenção, o qual teve seu nome alterado no dia anterior para Parque Farroupilha. No mesmo ano, a 24 de julho, foi fundada a Rádio Sociedade Farroupilha- PRH2.



Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre - 1935

▶ 6:33

www.youtube.com/watch?v=SPeBr1XVVIc

26 de out de 2013 - Vídeo enviado por ronaldo marcos Bastos

Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre - 1935 ... Desfile Tradicional Farroupilha ...

33

[HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA.mp4](#)

por [Clevton Donini](#)

1936- Ano 164 - Multidão comparece ao enterro de Osuanlele Okizi Erupê, aristocrata negro do Reino do Benin , conhecido como “Príncipe Custódio”, um nobre africano, vítima do colonialismo inglês, o qual veio viver em exuberância em Porto

Alegre, onde teria assentado o Mosaico Bará, oficializado como Bem Cultural de Natureza Imaterial e marco religioso do Museu de Percurso Negro na cidade. Um multidão compareceu a seu enterro.



https://www.google.com.br/search?q=O+marco+negro+do+Bar%C3%A1+no+mercado+publico+PORTO+ALEGRE&biw=1074&bih=465&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ei=Vo8HVfLbLsX5ave2gdAJ&ved=0CAYQ_AUoAQ#imgdii=&imgrc=PxCRXjxt1OpHyM%253A%3BQU-HHCJu3ii7HM%3Bhttp%253A%252F%252F1.bp.blogspot.com%252F-6tumR1R0Fz0%252FUcXfFbu_UHI%252FAAAAAAABHQ%252FCuolmNmL87I%252Fs640%252Fvoz7.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fblogdogriot.blogspot.com%252F2013_06_01_archive.html%3B425%3B283

37 – Ano 165 – Toma posse José Loureiro da Silva, o “Índio Charrua”, considerado o maior Prefeito da cidade e homem de

temperamento forte. Ele abriu as Avenidas Farrapos, Jerônimo de Ornellas, Salgado Filho e André da Rocha dando feições metropolitanas à cidade. Volta à Prefeitura em 1960 mas vem a falecer durante o mandato entregando o Poder a Sereno Chaise.



O Temperamento de José Loureiro da Silva

[O Comendador Pepsi-Cola](#)

Tenho a minha historinha para contar sobre o comendador e o Prefeito José Loureiro da Silva, também conhecido por “Índio Charrua”. O português da Pepsi-Cola queria porque queria ser dono do Carnaval de Porto Alegre. E com muito dinheiro conseguiu. Então tínhamos dois carnavais: o da prefeitura, pobre, e o do Comendador Pepsi Cola, exuberante.

Um dia o Dr. Loureiro encheu o saco e comprou briga com o português. Foi a Rádio Guaíba e falou comigo, locutor do horário, sábado por 9 da noite: “meu filho, eu quero usar espaço para esculhambar com esse português vendedor de água suja do Guaíba”. Como não tinha autoridade para liberar o pedido, telefonei ao diretor Arlindo Pasqualini e contei a história. Pasqualini mandou dar o horário que o Prefeito Loureiro queria e abrir espaço idêntico se Heitor Pires pedisse direito de resposta.

Loureiro da Silva, prefeito, anunciado por mim sentou-se e colocou um 38 cano comprido, cabo branco, em cima da mesa e começou chamando o português da Pepsi-Cola de safado, vendedor de água suja, e outros adjetivos. Desabafou e foi embora. Meia hora depois atendi ao telefone (toda a emissora tinha dois telefones, o 5768 e o 8005) lá no fundo, uma voz sumida, a pessoa identifica-se: “aqui fala o Comendador Heitor Pires, quero saber se aquele energúmeno ainda está aí”. Perguntei, o senhor se refere ao prefeito Loureiro? “Sim, ele, um energúmeno”. Já saiu, faz bastante tempo, informei. Se o senhor

quiser direito de resposta, tem, "quero", respondeu com uma advertência o Dr. Heitor. "Mas se ele, o energúmeno estiver aí o senhor será o responsável por uma tragédia. Vou matar esse cidadão".

Matou coisa nenhuma. Repetiu o que falou um patrício português: e, finalmente, entre "mortos e feridos não morreu ninguém".

Assim é Porto Alegre ...

<http://lealevalerosa.blogspot.com.br/2010/04/o-instituto-historico-e-geografico-do.html>

1938– Ano 166 - Visitas ilustres à cidade que pulsa com grandes mudanças urbanas – ligação da Av. Borges com o Porto e remoção do Beco do Oitavo com vistas à duplicação da Rua 3 de novembro, atual André da Rocha. - Presidente Vargas, pela primeira vez depois da instituição do Estado Novo, um ano antes; Monteiro Lobato, em plena campanha em defesa do petróleo, sendo homenageado na Associação Rio-grandense de Imprensa – . Tragédias – falece o interventor no Estado, Daltro Filho, que será substituído interinamente por Maurício Cardoso e logo depois pelo coronel Cordeiro de Farias, quem governará até 1943. (Informações de Sérgio da Costa Franco em Porto Alegre, Ano a Ano)



Abertura da Av. Salgado Filho



Av. Borges de Medeiros Vista da av. Salgado Filho, década de 40

1939 – Ano 167 -Começo da edição “Boletim Municipal” da Prefeitura da POA, dirigido pelo historiador Walter Spalding, publicado ente 1939-1943. Era uma espécie de Diário Oficial da Prefeitura mas, graças ao interesse pela história da cidade do Diretor, meu modesto professor no Colégio Na. Sra. das Dores, contém valiosos artigos sobre a cidade. Os originais encontram-

se depositados no Arquivo Histórico Moysés Vellinho, da Prefeitura de Porto Alegre, à Avenida Bento Gonçalves 1129 .



1940 – **Ano 168** -POA celebra seu “falso” bicentenário, sob a direção de uma Central dirigida por Nilo Ruschel , com inauguração de diversas obras monumentais, com destaque para a Av. Farrapos, então Minas Gerais, com 5.5 km de extensão. A celebração abrirá um grande debate sobre a data mais apropriada para a fundação da cidade, afinal redefinida, em 1971, como sendo a de 26 de março de 1772. O maior historiador da cidade Charles Monteiro – PUCRGs- sugere que a divergência das datas corresponde aos momentos de interação entre o próprio desenvolvimento da cidade e sua interpretação. A primeira data, 1770, sustentada por Walter Spalding , em 1940, correspondia a uma fase de enaltecimento dos feitos do empreendedor colonial. A mudança para 1772, definida um ano antes, em pleno regime militar, já corresponderia a um tempo de valorização tecnocrática de feitos administrativos.

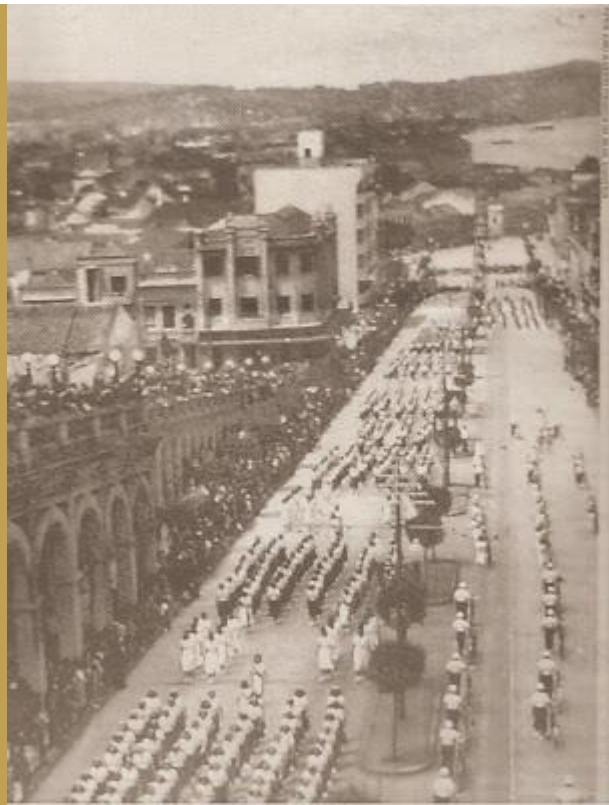


Bicentenário 1740-1940

A Ponte entre o Fundador Jerônimo de Ornelas e o Refundador Loureiro da Silva



Livro sobre o Bicentenário



Desfile de alunos da rede pública na av. Borges de Medeiros
- 1940

Fonte (fotos acima) - Fonte -

<http://lealevalerosa.blogspot.com.br/2010/04/o-instituto-historico-e-geografico-do.html>

1941- **Ano 169** -Entre abril e maio, a grande enchente. Revista do Globo dedicou edição especial. As imagens falam por quantas palavras se quisesse relatar a tragédia.



1942– Ano 170 - O -Brasil declara guerra ao Eixo logo após grandes manifestações contra os alemães na cidade, que culminaram no quebra-quebra dos dias 18 e 19 de agosto quando foram apedrejados diversos estabelecimentos de propriedade de alemães e teuto-brasileiros.

“A situação se tornara tão tensa diante do apedrejamento de certos lugares que a Delegacia Regional do Trabalho emitiu uma nota um dia depois, dirigindo-se a todos os sindicatos e trabalhadores em geral do Rio Grande do Sul. Segundo a nota, os bens dos “súditos do Eixo” que moravam no Brasil, agora pertenciam à nação e, portanto, não faria sentido destruí-los. O Delegado Regional do Trabalho, Norival Paranaguá de Andrade fazia então um apelo para que os

trabalhadores voltassem às suas “ocupações normais”, evitando qualquer ato de agressão contra estabelecimentos comerciais e industriais”

Fonte - ECONOMIA DE GUERRA, BATALHA DA PRODUÇÃO E SOLDADOS-OPERÁRIOS: O impacto da Segunda Guerra Mundial na vida dos trabalhadores de Porto Alegre (1942-1945) Fernando Cauduro Pureza

1943– Ano 171 - O clima de guerra chega a Porto Alegre, depois que o Presidente Vargas decide entrar no conflito mundial ao lado dos Aliados. No dia 01 de março foi suspensa a iluminação pública em toda a cidade. E no 05 de março se dá o primeiro ensaio sem aviso prévio para a defesa anti-aérea.

“O primeiro deles, intitulado “A guerra e a vida cotidiana em Porto Alegre” mostra que a Segunda Guerra Mundial, do início ao fim, esteve presente no cotidiano dos porto-alegrenses. Além disso, faz uma breve apresentação de Porto Alegre no final da década de 1930, início da década de 1940, apresentando como era a capital gaúcha e as transformações por que passou durante esse período. No final desse capítulo, ainda são apresentados os impactos provocados pela guerra entre os imigrantes e descendentes dos países do Eixo em Porto Alegre”

Porto Alegre e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945): impactos no cotidiano da capital gaúcha Lucas Silva da Silva

<http://segundaguerra.net/wp-content/uploads/2012/04/1C31Ad01.pdf>

1944– Ano 172 - Febril atividade literária da Globo com inúmeras traduções e publicações locais, dentre elas “ Jornais Críticos Humorísticos de POA. Século XIX” – de autoria de Athos Damasceno Ferreira, Ed.Globo POA - , em louvável esforço de recuperação do passado da cidade e de reformas urbanas, obrigando-se o recuo das casa em 46 ruas e cogitando-se um plano de alongamento da Farrapos e reorientação de outras vias que poderia ter desfigurado o centro da cidade. Era a cidade preparando-se física e socialmente para o salto metropolitano. É inaugurado o Hospital de Pronto Socorro que recebeu neste ano 441 pacientes, dando alta a 373, internando 51 e registrando o falecimento de 37.

Hospital de Pronto Socorro – 1944



Fotografia tomada nos primeiros dias de funcionamento do HPS. Considerando a população daquela época (aproximadamente 300.000 habitantes) o hospital tinha sobra de espaço físico e parecia que nunca seria necessária sua ampliação. Hoje, passados 66 anos de sua inauguração, ele ainda consegue manter seus importantes serviços à população e brevemente sofrerá substancial ampliação.

Fonte : <http://ronaldofotografia.blogspot.com.br/2010/12/hospital-de-pronto-socorro-1944.html>

1945– Ano 173 - Vitória dos Aliados na II Guerra Mundial. Paz, A Força Expedicionária Brasileira – FEB - , dos militares brasileiros que participam do confronto retorna ao Brasil. dentre eles muitos gaúchos e porto-alegrenses. Este fato marca o fim do ciclo tenentista. Vargas não resiste às pressões pela redemocratização e é apeado do Governo apesar da Campanha Queremista – “Queremos Constituinte com Getúlio” - fortemente apoiada pela esquerda, inclusive Luiz Carlos Prestes, a vítima mais notória, com sua mulher Olga Benário, deportada para a Alemanha, onde viria a morrer num Campo de Concentração em 1941. Publicação de “Aspectos Gerais de Porto Alegre” por Fortunato Pimentel, Of. Gráficas da Imprensa Oficial.

1946– Ano 174 - Toma posse o novo interventor federal no Estado, bacharel Pompilio Cilon Fernandes da Rosa, nomeado pelo novo Presidente da Republica, Eurico Gaspar Dutra. Em decorrência da queda na Constituição das proibições para uso de símbolos estaduais, estabelecidos pelo Estado Novo, volta a tremular o pavilhão rio-grandense em locais públicos, com a reverberação do Hino estadual, o que incentiva a retomada das iniciativas nativistas que resultarão na criação do CTG 35 dois anos depois e no protagonismo gauchesco de Paixão Cortes, quem se emprestaria como modelo para a Estátua do Laçador.



Antônio Carinji: O Laçador, estátua idealizada do gaúcho para a qual Paixão Cortes serviu de modelo em 1954. Inaugurado em 1958, hoje é o símbolo da cidade, eleito por votação popular.

1947– Ano 175 - Eleição e posse de Walter Jobim como Governador que nomeou Gabriel Pedro Moacyr Prefeito da cidade. Houve eleições para a Câmara de Vereadores. Renasce o protagonismo do movimento estudantil em torno de questões nacionais e locais, no bojo da redemocratização, das eleições para a Constituinte e debates acalorados na Constituinte Estadual, que aprovou, inclusive, dispositivo instituindo do parlamentarismo no Rio Grande do Sul, apoiado até pelos deputados comunistas antes de terem seus mandatos cassados em decorrência da proibição para o funcionamento do PCB.

Campanha estudantil dos 50 por cento

Uma forte campanha das entidades estudantis por ingresso nos cinemas com 50% de abatimento resultou, em 13-set, em acirrado conflito na Rua dos

Andradas, onde os bombeiros foram chamados a dispersar os estudantes com jatos de água. Iniciado o choque no Largo dos Medeiros, deslocou-se depois para o quarteirão entre as ruas General Câmara e Uruguai. Os estudantes resistiram à ação dos bombeiros. Do alto de um caminha o Coronel Walter Peracchi Barcelos (que viria a ser Governador do Estado no regime militar dos anos 64-85), comandante-geral da Brigada Militar, tentou convencer, sem resultado os manifestantes a cessarem sua resistência. Com mais habilidade, o deputado estadual Leonel Brizola conclamou-os a se deslocarem até a Faculdade de Direito, onde renderiam homenagem à liberdade de manifestação e à justiça. Atendendo a esse apelo, a massa estudantil abandonou a Rua da Praia e terminou por se dispersar na Avenida João Pessoa

Fonte – Sérgio da Costa Franco em Porto Alegre Ano a Ano – CEEE -2012

1948 – Ano 176 -Em 24 DE abril dá-se a fundação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas – CTG – 35, em Porto Alegre, o CTG – 35, em Porto Alegre, resultado da união de dois grupos de cultores e de forte ativismo tradicionalista gaúcho. Um, oriundo do movimento estudantil centrado no Colégio Júlio de Castilhos, no qual criaram o Departamento de Tradições Gaúchas e onde haviam acendido, no anterior, por ocasião do 20 de setembro a “Chama Crioula”, no vértice de uma cavalgada pela capital, liderado por Paixão Cortes e Barbosa Lessa e o outro, comandado por Glaucus Saraiva e Helio José Moro, também conhecido como “Grupo dos Oito”. O culto às tradições, entretanto, não nasce neste momento. Ele já estava presente nos estudos de Cezimbra Jaques, considerado Patrono do Tradicionalismo Gaúcho, quem também comandou diversas cavalgas alguns anos antes. E se aliará, embora ao longe, no ano posterior, ao regionalismo literário de Simões Lopes Neto e Érico Veríssimo com a publicação destes autores.

Em setembro de 1948, o primeiro piquete de cavaleiros do 35 CTG saía às ruas de Porto Alegre para conduzir a Chama Crioula. Paixão Côrtes (D) está acompanhado de José Laerte Vieira Simch (E) e de Antônio Cândido da Silva Neto (C).

Antes, em 5.9.47, na histórica cavalgada para receber os restos mortais do Gal. Canabarro, havíamos tido um contato com o Exército (18º RC) porque os

cavalos foram cedidos pelo mesmo pois tudo foi tratado com o Presidente da Liga de Defesa Nacional, Major do Ex. Darcy Vignoli.

(...)

Nesta 1ª Ronda Crioula - em setembro de 48, (em 47 foi denominada de Ronda Gaúcha) - saímos 2 vezes com cavalos da Brigada: dia 7 à noite, quando éramos 13, para apanharmos a Chama Crioula na Pira da Pátria e a levarmos para o saguão do “Julinho” e no dia 20 para o desfile (na época a Brigada ainda não desfilava dia 20). Como amanheceu chovendo passamos parte do dia num galpão de um antigo tambo de leite que havia no meio de um potreiro existente no centro da propriedade da Brigada. Esse velho galpão ficava mais ou menos onde hoje é o Galpão Crioulo da Brigada, entre a sede do Comando do RBG e as báias.

(Cyro Dutra Ferreira)

http://4batalhaodefrentearosantantosa.blogspot.com.br/2011/09/brigada-militar-e-revolucao-farroupilha_21.html

1949– Ano 177 - Publicação de “O tempo e o vento” de Érico Veríssimo, Editora Globo e , pela mesma editora, dos livros “Contos Gauchescos” e “Lendas do Sul”, de Simões Lopes Neto, marcos de um novo tempo no Estado, com grande ênfase no regionalismo. O próprio Érico já havia publicado “O Resto é Silêncio” e “Clarissa” tendo Porto Alegre como cenário, assim como Athos Damasceno , com “Imagens Sentimentais da Cidade”, num romance, também sobre a cidade. Em contraponto, a Editora Globo, sob a égide de “Um certo Henrique Bertaso” se transforma num centro polarizador da melhor cultura universal “Urbi et Orbi”, destacando-se, além das traduções memoráveis de clássicos, na edição de duas Revistas: A Revista do Globo e a Revista Província de São Pedro.

Revista do Globo – A cara de modernidade

A Revista do Globo nº 1 traz a data de 5 de janeiro de 1929. A capa alegórica, de Sotero Cosme – sobre fundo negro, a imagem de uma mulher com um globo dourado entre os braços – tornou-se símbolo identificador da Revista. O corpo administrativo da Revista foi-se estruturando ao longo do tempo, criando-se e extinguindo-se funções, muitas vezes acumuladas, com variações em torno de um modelo básico. De todas elas, serão



apresentadas, detalhadamente, apenas, diretor, secretário e gerente.

1950– Ano 178 - Dois grande acontecimentos entrelaçados, um de caráter cultural, outro político: Vai ao ar na Rádio Farroupilha o Clube do Guri, patrocinado por uma empresa tipicamente nacional – NEUGEBAUER -que revelaria ao Brasil o talento de Elis Regina, uma das maiores intérpretes musicais e cuja carreira e personalidade forte a transformariam em ícone da redemocratização nos anos 80; e Vargas é reeleito Presidente da República pelo PTB tendo iniciado sua campanha em Porto Alegre, no dia 09 de agosto, em reconhecimento à sua base de apoio à Revolução de 1930 e ao forte reduto de seu Partido que aqui tem grandes líderes, como o Prefeito Loureiro da Silva, o Senador Alberto Pasqualini e o deputado estadual Leonel Brizola. Vargas e Elis, marcos de uma era de afirmação nacional, o mesmo destino : o naufrágio do caráter nacional da cultura e do desenvolvimento.



UMA HISTÓRIA DO RÁDIO NO RIO GRANDE DO SUL

Qual é a era de ouro do rádio? A em que cada ouvinte viveu e está vivendo a sua grande aventura sonora: dos pioneiros e seus ideais de difusão cultural à segmentação dos conteúdos em mil possibilidades, sem esquecer do espetáculo das novelas, dos humorísticos e dos programas de auditório. As luzes neste estúdio construído com bytes querem iluminar profissionais e atrações de ontem e de sempre, valorizando o ouvinte, motivo maior da existência de qualquer emissora. E fazer cada vez mais eternas as nove décadas de rádio no Rio Grande do Sul. Se der - por que não? - fala-se também dos rádios de outros rincões. Tudo em textos, fotografias, áudios e vídeos, o que estiver disponível. Nem sempre com qualidade ideal, mas, em todos casos, como registro e homenagem aos protagonistas desta história.



<http://www.radionors.jor.br/2013/10/ary-rego-e-o-clube-do-guri-2007-luiz.html>

Ary Rêgo e o Clube do Guri

2007

Luiz Artur Ferraretto



Ary Rêgo e Elis Regina no Clube do Guri (anos 1950)

Fonte: Acervo particular de Ary Rêgo.



Auditório Associado durante o Clube do Guri (anos 1950)

Fonte: Acervo particular de Ary Rêgo.

O programa durou até meados de 1966 e detinha grande audiência na cidade. A iniciativa resultou do lançamento de um produto achocolato da Neugebauer – O Guri – que faria concorrência ao líder até então do mercado que era a TODDY. O programa de rádio destinava-se a fortalecer a campanha publicitária do novo produto junto aos jovens consumidores. Exatamente o meu caso...Eu também era um fanático ouvinte de rádio nesta época vindo a freqüentar inúmeras vezes o clube do Guri, a partir de 1955 . Tendo ido morar no final da Rua Riachuelo conheci imediatamente seus arredores, junto aos quais ganhei permissão de meus pais para visitar, ávido que estava para me situar na nova e grande cidade. Todo o domingo, então, enfarpelava-me e me dirigia para a Rádio Farroupilha – às vezes também na Rádio Gaúcha, no prédio do City Hotel – na

expectativa de saber das novidades, conhecer gentes e, eventualmente, ser sorteado em algum dos freqüentes sorteios entre os presentes portadores de ingressos numerados... Foi assim que no dia 04 outubro de 1957 vim a saber, através da voz tensa e alarmada do apresentador do Programa, que os russos haviam lançado o primeiro veículo orbital sobre a Terra, o Sputnik, naquilo que viria a desembocar na corrida espacial dos anos 60. O mundo entrava numa nova órbita...Elis cantava. Vargas se elegia Presidente do Brasil...

UM HOMEM BOM – Protásio Alves-

Moacyr Scliar – Prefácio a PROTÁSIO ALVES E O SEU TEMPO – 1859-1933,

Protásio Alves é um nome que até faz parte do cotidiano dos porto-alegrenses e dos gaúchos, quando mais não seja pela larga avenida que atravessa uma grande extensão da cidade. Raramente, porém, as pessoas se dão conta de que este nome também evoca um ser humano de singular importância para a história rio-grandense e brasileira. O que temos aqui é um vulto que marcou o seu tempo. É mérito das professoras Maria do Carmo Campos e Martha Geralda Alves D´Azevedo terem recuperado essa verdadeira saga. Mais ainda, é mérito de ambas terem construído, a partir dessa evocação, uma narrativa humana que nos fascina da primeira à última linha.

Através das páginas de *Protásio Alves e o seu tempo : 1858-1933* acompanhamos uma vida que pode ter sido qualquer coisa, menos monótona. Protásio Antonio Alves, nasceu em Rio Pardo, na Rua Andrade Neves – “ um formidável rapagão muito esperto”, dizia o orgulhoso pai em carta ao primo e cunhado. Estudou no extinto colégio Gomes onde teve como colegas jovens que seriam figuras de projeção, como Alcides Lima, J.F. de Assis Brasil e Mathias José Velho. Porto Alegre era então uma cidade pequena e sem muitos recursos, de modo que, quando resolveu estudar medicina (influência, sem dúvida dos vários antepassados boticários) , teve de viajar para o Rio. Foi uma experiência importante; estamos falando do Rio da *Belle Époque*, o Rio de Machado de Assis, o Rio apreciador de peças teatrais e de música clássica, da qual Protásio era admirador. Ampliaria sua formação em grandes centros: Viena, Berlim, Paris, onde aperfeiçoou-se em Urologia, Ginecologia e Obstetrícia. De novo, não se restringiu à medicina; afinal, a Europa vivia uma fase de efervescência cultural, a fase de Freud, Musil, Klimt, Alban Berg. Em Viena, Protásio estudou com ninguém menos do que Theodor Billroth, mestre da cirurgia abdominal – há operações que levam seu nome. Na volta, casou com Geralda Velho Cardia, mulher culta e espirituosa. Tiveram cinco filhos e uma numerosa descendência.

Protásio abriu consultório no centro da cidade, mas não se restringiu à clínica particular. Os problemas de saúde no Brasil eram imensos – esta era a fase das pestilências em cujo combate se destacou Oswaldo Cruz – e por designação governamental, Protásio participou em campanhas sanitárias. E foi ele também quem fez a primeira cesariana em Porto Alegre. A parturiente era uma negra, em estado muito grave, e embora Protásio conhecesse a operação apenas de observá-la na Europa, operou a paciente sobre uma mesa de cozinha, salvando-a bem como ao bebê. À época, a assistência obstétrica em Porto Alegre era precária. Protásio criou então na Santa Casa uma Enfermaria de Partos e um curso para a formação de obstetrias. Seus méritos de administrador logo se tornaram conhecidos, e entre 1891 e 1896

Ocupa o cargo de diretor de Higiene do Estado. Em 1898, lidera o movimento que leva à fundação da Faculdade Livre de Medicina e Farmácia de Porto Alegre, da qual se originaram as Faculdades de Medicina e Farmácia da UFRGS.

Continuou atuando em saúde pública o que, sem dúvida, fomentou nele outra e poderosa vocação: a do político. Foi, por mais de 21 anos, Secretário do Interior e do Exterior, trabalhando não só com saúde, como também com educação, área na qual foi pioneiro, criando uma rede dos chamados Grupos Escolares, o Colégio Complementar (depois, Escola Normal, depois Instituto de Educação), estimulando o aperfeiçoamento de professores – providências que elevaram enormemente o nível de alfabetização no RS. Por fim, chegou à vice-presidência do Estado. Como disse, muitas vezes: “Minha vocação era a medicina; entretanto, a política é que me absorveu sempre”. No que não era uma exceção. É muito freqüente, na prática médica, esta evolução que leva do nível técnico-científico para o nível administrativo e depois para o nível político, ou seja, leva do particular para o geral, do indivíduo para a população. E é uma evolução irreversível.

Protásio era uma presença constante em muitos setores da vida rio-grandense. Foi dos primeiros a descobrir as belezas de Torres, em uma viagem (à cavalo!) da Serra para o litoral e que tinha como finalidade mapear o Estado. Apaixonou-se pelo lugar, construiu na pequena vila uma casa e começou a trazer a família para veranejar. Era um homem afetivo, sem inimigos, de gostos simples, que gostava, seguindo a recomendação de Voltaire, de cultivar seu jardim, coisa em que ocupou seus últimos anos, quando, em companhia da esposa, foi morar na chácara por ele batizada de Belvideo. Faleceu em 5 de junho de 1933. Uma bela vida que graças a este inspirado trabalho, agora, poderá ser conhecida por um amplo público

*

PROTÁSIO ALVES E O SEU TEMPO – 1859-1933, de Maria do Carmo Campos e Martha Geralda Alves D’Azevedo – 1ª Ed., POA, 2006

•

PORTO ALEGRE ANO A ANO 2

1772 – março, 26 - Ano Zero – Data oficial da Fundação da Cidade corrigindo a data anterior fixada em 1940, como sendo 1940, e que levou à celebração do denominado “falso” bi-centenário de Porto Alegre.

73 – Ano 1 - Denominação Nossa Senhora de Madre de Deus de Porto Alegre no dia 18.01.1773.

74 – Ano 2 -

75 – Ano 3 -

76 – Ano 4 -

77 – Ano 5 -

78 – Ano 6 -

79 – Ano 7 -

80 – Ano 8 -

81 – Ano 9 -

82 – Ano 10 -

83 – Ano 11 -

84 – Ano 12 -

85 – Ano 13 -

86 – Ano 14 -

87 – Ano 15 -

88 – Ano 16 -

89 – Ano 17 -

90 – Ano 18 -

91 – Ano 19 -

92 – Ano 20 -

93 – Ano 21 -

94 – Ano 22 -

95 – Ano 23 -

96 – Ano 24 -

97– Ano 25 -

98– Ano 26 -

99- Ano 27 -

1800 – Ano 28 -

01 – Ano 29 -

02 – Ano 30

03– Ano 31

04– Ano 32

05– Ano 33

06– Ano 34 - Começa a vertebração urbana da cidade ao longo da Voluntários da Pátria

07 –Ano 35

08– Ano 36

09– Ano 37

10– Ano 38

11– Ano 39

12– Ano 40

13– Ano 41 -

14– Ano 42 -

15– Ano 43 -

16– Ano 44 -

17– Ano 45 -

18- **Ano 46** -

19- **Ano 47** -

20 - **Ano 48** -A cidade cresce ao longo das ruas da Praia, da Igreja e da Ponte. Vários becos acessavam essas ruas. A Cidade Baixa tinha três ruas principais: do Arvoredo, da Varzinha e da Prainha.

21- **Ano 49** -

22 - **Ano 50** - Elevação à categoria de cidade

23- **Ano 51** -

24- **Ano 52** -

25- **Ano 53** -

26- **Ano 54** -

27- **Ano 55** -

28- **Ano 56** -

29- **Ano 57** -

30- **Ano 58** -

31- **Ano 59** -

32- **Ano 60** -

33- **Ano 61** -

34- **Ano 62** -

35- **Ano 63**- A cidade, com 20.000 hab é ocupada pelos revoltosos farroupilhas.

36 - **Ano 64** - Em 11 de junho o Ten.Gen. Manoel Marques de Souza, futuro Conde de POA, retoma a cidade dos revoltosos.

37 - **Ano 65** -

38- **Ano 66** -

39- **Ano 67** -

40- **Ano 68** -

41- **Ano 69** -

42- **Ano 70** -

43- **Ano 71** -

44- **Ano 72** -

45- **Ano 73** -

46- **Ano 74** -

47- **Ano 75** -

48 - **Ano 76** - março 29 – Nascimento de Aquiles Porto Alegre um dos precursores da crônica moderna na literatura gaúcha,

49- **Ano 77** -

50- **Ano 78** -

51 **Ano 79** - Relato do Capitão alemão Joseph Hoermeyer:“Em toda parte novos edifícios, bonitas casas, às vezes de dois andares, bom calçamento e ruas limpas”.

52- **Ano 80** -

53- **Ano 81** -

54- **Ano 82** -

55- **Ano 83** -

56- **Ano 84** -Tem início a história do turfe em POA com a chegada à cidade do puro sangue inglês “Avon

57 - **Ano 85** -

58- **Ano 86**- Relato do médico alemão Robert Avé-Lallemant:“Parece-me, pois, que a vida em Porto Alegre está em perfeito acordo com o ambiente da graciosa cidade. .. Apresentam aos olhos do observador quadros bonitos e suaves,

para onde quer que ele olhe, empolga-o o benfazejo sentimento de encontrar em natureza pacífica homens felizes”

59- Ano 87 -

60- Ano 88 -

61- Ano 89 -

62- Ano 90 -

63- Ano 91 -

64 - Ano 92- Começam a trafegar pela cidade as maxambombas, bondes puxados por mulas ou burros

65 -Ano 93 - Começa a circular o Jornal do Comércio, que perdurará até 1912

66 -Ano 94 - Junho, 18 - Fundação do Partenon Literário, que funcionaria na Rua de Bragança. Deu origem à Academia Riograndense de Letras, fundada em 10 maio 1902.

67- Ano 95 -

68- Ano 96 -

69 -Ano 97 - junho, 16 - Começa a circular o Jornal “A Reforma “, de Gaspar da Silveira Martins.

70- Ano 98 -

71 Ano 99 - fevereiro, 02 - Início da celebração de Nossa Senhora dos Navegantes

1872 - Centenário

73 - Ano 101 -

- 74 – Ano 102** - outubro – Constitui-se , sob a direção de Francisco Cunha a Associação Secreta dos Federados, com o apoio dos republicanos do Clube 20 de Setembro e a colaboração de Apolinário Porto Alegre, chefe da família Mirabeau
- 75 - Ano 103** - Abertura da Livraria Americana, primeira no RS
- 76 – Ano 104** - Pedra fundamental do Templo Maçônico
- 77 – Ano 105** - Em 13 de janeiro : Circulação do Jornal “A Lanterna”, de Karl Von Koseritz
- 78– Ano 106** - Em 29 de junho instala-se em POA, por iniciativa de Apolinário Porto Alegre, o Clube Republicano com o objetivo de dirigir um movimento republicano e a Praça da Harmonia é inaugurada como centro da boemia.
- 79 – Ano 107** - Inauguração da A Praça Conde d’Eu , atual 15 de novembro, e o Largo do Mercado, atual Glênio Peres.
- 80 Ano 108** -Circula em POA “A Imprensa” primeiro jornal republicano e abolicionista da cidade, fundado por Apeles Porto Alegre e redigido por ele e seu irmão Apolinário.
- 81 – Ano 109** - Publicação de “Antigualhas- Reminiscências de POA”, contendo crônicas sobre nomes de ruas, famílias e outras curiosidades da cidade, de autoria de Antonio Alves Pereira Coruja (1806-1889)
- 82 - Ano 110-** Em 23 de fevereiro realiza-se a primeira convenção republicana em POA fixando as bases do Partido Republicano.
- 83 – Ano 111** - Surgem a Sociedade Literária 28 de Setembro e a Sociedade Literária Gonçalves Dias coincidentes com o início das atividades da Livraria do Globo
- 84 – Ano 112** -Em 01 de janeiro surge , sob a direção de Venâncio Aires, o Jornal “A Federação”, de inspiração republicana.

- 85 – **Ano 113** -POA emancipa seus escravos e o PRR realiza seu quarto congresso
- 86 – **Ano 114** -Aparecem os primeiros telefones na cidade
- 87 – **Ano 115** -Inaugurada a energia elétrica na cidade
- 88 – **Ano 116** - Polêmica em “A Federação” com Karl Von Kozeritz, um dos mais ilustrados pensadores da corrente positivista
- 89– **Ano 117** - Início de grandes tensões políticas no Estado com a Proclamação da República.
- 90 – **Ano 118** - Em 08 de junho dissidentes de Julio de Castilhos e do Partido Republicano criam a União Nacional, a qual adotará a denominação de Partido Republicano Federal
- 91 – **Ano 119** - Em 14 de julho é promulgada a Constituição republicana do RS
- 92 - **Ano 120** - POA ganha seu primeiro Plano Diretor
- 93 – **Ano 121** - Em janeiro Julio de Castilhos posse no Governo do Estado dando origem à uma fase de revoltas sem precedentes no Estado. Gumercindo Saraiva invade o Rio Grande e tem início a Revolução Federalista
- 94 – **Ano 122** - Inauguração do Prado Independência no Moinhos de Vento
- 95 – **Ano 123** - Em 01 de outubro aparece circula o “Correio do Povo” pelo Jorn. Caldas Júnior, o qual veio a ser o jornal de mais longa duração no mercado de POA e interior
- 96 – **Ano 124** -Em 28 de setembro realizam-se as primeiras eleições municipais de POA
- 97 – **Ano 125** - Publicação da novela “Estrychnina”, por Mário Tota, Paulino Azurinha e Souza Lobo
- 98 – **Ano 126** -Em 25 de janeiro assume o Governo Borges de Medeiros,
- 99– **Ano 127** -Dois acontecimentos singulares evidenciando o caráter metropolitano que se anunciava na cidade: Publicado o

primeiro livro da Livraria do Globo, sugestivamente , “Opúsculos da Filosofia Social, de Augusto Comte e, em 12 de novembro, o assassinato de Maria Degolada.

1900 — Ano 128 - Em 17 de fevereiro a Faculdade de Direito de POA abre as suas portas

01 - Ano 129 - Fundação da Academia Rio – Grandense de Letras

02– Ano 130 - Nasce Damasceno Ferreira (1902-1977), um dos grandes vultos políticos e literários de POA

03 – Ano 131 - Em 24 de outubro morre Julio de Castilhos, o grande mentor do RS republicano.

04 – Ano 132 - Em 23 de março nasce Apolinário Porto Alegre, o “Solitário da Casa Branca”, polemista, escritor e político republicano.

05 - Ano 133 -

06 – Ano 134 - Publicação de “A Fundação de Porto Alegre”, por Augusto Porto Alegre, filho de Apolinário Porto Alegre, Ed. Globo, POA. Neste livro funda-se o mito da origem da cidade por 60 casais açorianos.

07 – Ano 135 -

08 – Ano 136 - Nascimento em Quaraí, de Cyro Martins, médico, escritor, ensaísta, um dos nomes mais respeitáveis das letras no Estado

09 – Ano 137 -

10– Ano 138 -

11 – Ano 139 - Em 05 de setembro roubo e tragédia na Rua da Praia, 210. Um grupo de anarquistas russos faz um assalto na Rua da Praia e acaba morto

12 – Ano 140 -

- 13- **Ano 141** -
- 14- **Ano 142** -
- 15- **Ano 143** -
- 16- **Ano 144** -
- 17 - **Ano 145** - A cidade e o Estado são agitados por grandes greves que persistirão até 1919
- 18- **Ano 146** -
- 19- **Ano 147** -
- 20- **Ano 148** -
- 21- **Ano 149** -
- 22- **Ano 150** -
- 23- **Ano 151** -
- 24- **Ano 152** -
- 25- **Ano 153** -
- 26- **Ano 154** -
- 27 - **Ano 155** - Em 07 de maio de 1927 é criada a VARIG, que viria a ser um orgulho da aviação nacional
- 28 - **Ano 156** - Conflitos com alemães protestantes
- 29 - **Ano 157** - Lançamento da Revista do Globo
- 30- **Ano 158** - Estoura a Revolução sob o comando do Governador do Estado, Getúlio Vargas, que rumo em direção ao controle do Poder no Rio de Janeiro.
- 31- **Ano 159** - Publicação de "Bazar", o primeiro livro em prosa de Theodemiros Tostes, um dos maiores, senão o maior cronista-poeta da cidade desta época. I inauguração no dia 18 de abril desta ano do Cinema Imperial na Praça da Alfândega;

PORTO ALEGRE : Bazar bovary

Em homenagem à Themistocles Tostes, jornalista (Diário de Notícias- POA), poeta e cronista do início do Século XX, autor

destes versos *inclinados* extraídos de *BAZAR* – Ed. Globo 1931, e à Tânia Franco Carvalhal que sobre eles pousou sua atenção reeditando-os em 1994)

“

Paulo Timm- Dez 2014

Pensa em todos os olhos que a água da hora orvalha

Pensa em todas as almas dilaceradas que sangram

Pensa em todas as vigílias desta hora única

E vê que tuas mãos vazias ainda podem abençoar.

Você ursa comigo...

Você me conhece?

(Ora) vá colher a vida!

E aquele ar de quem pergunta as horas. (Quando levanta. Quando deita. Quando em quando...me vê. Apenas...)

(Nem eu me conheço)

Cada um de nós tem tantas almas quanto os minutos de cada dia.

Há mais arcanos no coração humano do que na terra inteira.

(Quanto a mim) tenho amor ao pecado quando o pecado é amar

(Basta-me) este céu de março, vitrine de joalheiro, carícia insensual de outono.

A tarde azul. (A noite morena. A manhã pingando...)

A cidade preguiça (ainda) no cobertor de brumas.

Tenho pensamentos verdes e flutuantes como a paina

(Mas volto à noite que esmorza)

Tristeza de pares boêmios

Esquissos de esplins cosmopolitas

Fico puova, mas careço daquela raiva de bronze dos imortais

(Contento-me)

(Afinal)

Deixei passar a vida sem me curvar à água corrente.

Deitar cedo, dormir cedo e, sobretudo, não sonhar.

(Este) *espelho das coisas inocentes*

(E vãs)

Pensa no orvalho...

Pensa nas almas...

Pensa na vigília..

(*Enquanto*) *um corvo de asas de álcool plana e (espreita)...*



Foto de 1950

Notas: 1) A foto abaixo mostra o interior do cinema durante um concerto do Clube Haydn de Porto Alegre; a parte superior da foto mostra a orquestra no palco e a inferior a platéia, vendendo o mezanino ao fundo. Essa foto foi publicada na Revista do Globo de Ago/1931 e foi cedida por Celso Schmitz. 2) A foto deve ser dos anos 1950 - mostra o **Cine Imperial** ao lado do **Cine Guarany**. 3) Segundo, esta foto é de do 2o. semestre de 1954 e na ocasião o cinema Guarany se chamava Rio. 4) Conforme mesma fonte, o administrador desta e de outras salas de cinema (**Roxy, Rival, Rosário e Ritz**) era Darcy Bitencourt; como curiosidade, todas as salas que ele administrava começavam com a letra **R**.

Fonte : Cinemas de Porto Alegre Antigo

<http://cinemasportoalegre.blogspot.com/>

1932- Ano 160 -Tensão Política. Época de conspirações. Borges de Medeiros, o “Antonio Chimango” na sátira do Ramiro Barcelos. B M foi um carismático cacique republicano que permaneceu no comando do Estado por 25 anos, tendo, com isso, despertado a ira dos opositores. Neste ano rompe com Vargas e se alia ao maragato Assis Brasil, encerrando a era castilhistas da vida política rio-grandense, já bastante empalidecida desde a ascensão de Getúlio Vargas ao Governo da Província e depois do país. Figura ímpar, filho de pernambucanos , Borges impressionou todos os que o conheceram, como testemunha Nilo Ruschel na crônica “Uma rua não tem data” , incluído no seu livro “Rua da Praia -1971:

“Dando agora um balanço em todas as passadas que me passaram pela memória, sinto que nenhum andar eu vi que se assemelhasse – fora da Rua da Praia , no alto da Matriz – ao de Borges de Medeiros, ao perlongar a pé o trajeto do Palácio à moradia, numa postura que era a da própria dignidade, seguido, à distância, de um ordenança apenas. Grave, calmo, a bengala pendurada à frente, tirando o chapéu, com cerimoniosa cortesia, ao tímido anchietano do primário que levava a mão à pala do boné.”



Antônio Augusto Borges de Medeiros ([Caçapava do Sul](#), 19 de novembro de 1863 — [Porto Alegre](#), 25 de abril de 1961) foi um [advogado](#) e [político brasileiro](#).

1933– Ano 161 - Ano essencialmente político, marcado pela eleição para a Assembléia Nacional Constituinte, realizada a 3 de maio, num contexto de grandes mobilizações de trabalhadores em torno da criação de seus Sindicatos e acirramento das forças políticas. Mas também pela consagração de Lupicínio Rodrigues como grande compositor da MPB com “Nervos de Aço” e “Felicidade”. No ano anterior Noel Rosa teria dito: Este moço vai longe! E foi. Frequentou a Lapa no RJ convivendo com a malandragem nas mesas do Café Nice, onde se encontrava com Kid Pepe, Germano Augusto, Wilson Batista, Ataulfo Alves e até Francisco Alves.. Curiosamente, enquanto, de um lado, era o interior que começava a chegar a Porto Alegre, através do regionalismo literário aquerenciado na Livraria do Globo, por outro, era Porto Alegre, através de Lupicínio, que chegava ao núcleo da Musical Popular Brasileira, no centro do país. Conhecedor, porém, das tradições riograndenses, foi vencedor, em 1935, do

concurso em comemoração ao Centenário Farroupilha, com a canção "Triste história", em parceria com Alcides Gonçalves. Dentro do espírito campeiro compôs em 1933 "Felicidade" e já dava início ao gênero da dor de cotovelo, que o consagraria, com "Nervos de Aço". Lupicínio, como todo boêmio, foi um homem de bares, amores e muitos amigos. Fez época na noite porto-alegrense, juntando-os em seus sucessivos estabelecimentos, que abriam e fechavam ao sabor da vida. Quando morreu, em 1974, deixou saudades. De sua alma sensível. De sua personalidade marcante. De seu talento reconhecido. Tudo por amor,...



Lupicínio Rodrigues

1934 – **Ano 162** - Em 04 de fevereiro , Mário Quintana, o poeta porto-alegrense por excelência, estréia no Correio do Povo com o poema "Saudade", tema recorrente na longa trajetória do autor: *O tempo não pára! Só a saudade é que faz as coisas pararem no tempo...*

Saudade

*Na solidão, na penumbra do amanhecer.
Via você na noite, nas estrelas, nos planetas,
nos mares, no brilho do sol e no anoitecer.*

*Via você no ontem , no hoje, no amanhã...
Mas não via você no momento.*

Que saudade...

O Mapa

*Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...*

(E nem que fosse o meu corpo!)

*Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...*

*Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuance de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E ha uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)*

*Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso*

*Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)*

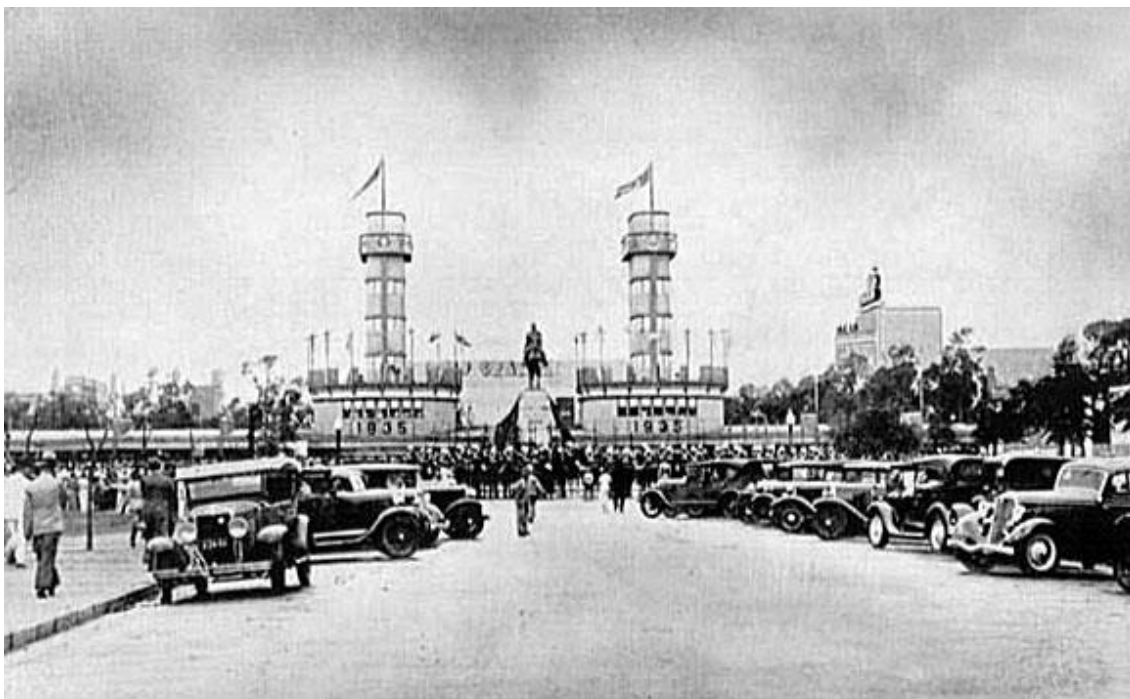
E talvez de meu

(Mário Quintana, o poeta portoalegrense.

[Mário Quintana - Biografia](#)

1935– Ano 163 - Imponente inauguração da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, instalada no Parque da Redenção, o qual teve seu nome alterado no dia anterior para

Parque Farroupilha. No mesmo ano, a 24 de julho, foi fundada a Rádio Sociedade Farroupilha- PRH2.



Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre - 1935

▶ 6:33

www.youtube.com/watch?v=SPeBr1XVVlc

26 de out de 2013 - Vídeo enviado por ronaldo marcos Bastos

Exposição do Centenário Farroupilha em Porto Alegre - 1935 ... Desfile Tradicional Farroupilha ...

📺

[HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA.mp4](#)

por Clevton Donini

36- Ano 164 - Multidão comparece ao enterro de Osuanlele Okizi Erupê, aristocrata negro do Reino do Benin , conhecido como “Príncipe Custódio”, um nobre africano, vítima do colonialismo inglês, o qual veio viver em exuberância em Porto Alegre, onde teria assentado o Mosaico Bará, oficializado como Bem Cultural de Natureza Imaterial e marco religioso do Museu de Percurso Negro na cidade. Um multidão compareceu a seu

enterro.



https://www.google.com.br/search?q=O+marco+negro+do+Bar%C3%A1+no+mercado+publico+PORTO+ALEGRE&biw=1074&bih=465&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ei=Vo8HVfLbLsX5ave2qdAJ&ved=0CAYQ_AUoAQ#imgdii=&imgc=PxCrXjxt1OpHyM%253A%3BQU-HHCJu3il7HM%3Bhttp%253A%252F%252F1.bp.blogspot.com%252F-6tumR1R0Fz0%252FUcXfFbu_UHI%252FAAAAAAABHQ%252FCuolmNmL87I%252Fs640%252Fvoz7.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fblogdoqriot.blogspot.com%252F2013_06_01_archive.html%3B425%3B283

37 - Ano 165 - Toma posse José Loureiro da Silva, o “Índio Charrua”, considerado o maior Prefeito da cidade e homem de temperamento forte. Ele abriu as Avenidas Farrapos, Jerônimo de Ornellas, Salgado Filho e André da Rocha dando feições

metropolitanas à cidade. Volta à Prefeitura em 1960 mas vem a falecer durante o mandato entregando o Poder a Sereno Chaise.



O Temperamento de José Loureiro da Silva

[O Comendador Pepsi-Cola](#)

Tenho a minha historinha para contar sobre o comendador e o Prefeito José Loureiro da Silva, também conhecido por “Índio Charrua”. O português da Pepsi-Cola queria porque queria ser dono do Carnaval de Porto Alegre. E com muito dinheiro conseguiu. Então tínhamos dois carnavais: o da prefeitura, pobre, e o do Comendador Pepsi Cola, exuberante.

Um dia o Dr. Loureiro encheu o saco e comprou briga com o português. Foi a Rádio Guaíba e falou comigo, locutor do horário, sábado por 9 da noite: “meu filho, eu quero usar espaço para esculhambar com esse português vendedor de água suja do Guaíba”. Como não tinha autoridade para liberar o pedido, telefonei ao diretor Arlindo Pasqualini e contei a história. Pasqualini mandou dar o horário que o Prefeito Loureiro queria e abrir espaço idêntico se Heitor Pires pedisse direito de resposta.

Loureiro da Silva, prefeito, anunciado por mim sentou-se e colocou um 38 cano comprido, cabo branco, em cima da mesa e começou chamando o português da Pepsi-Cola de safado, vendedor de água suja, e outros adjetivos. Desabafou e foi embora. Meia hora depois atendi ao telefone (toda a emissora tinha dois telefones, o 5768 e o 8005) lá no fundo, uma voz sumida, a pessoa identifica-se: “aqui fala o Comendador Heitor Pires, quero saber se aquele energúmeno ainda está aí”. Perguntei, o senhor se refere ao prefeito Loureiro? “Sim, ele, um energúmeno”. Já saiu, faz bastante tempo, informei. Se o senhor quiser direito de resposta, tem, “quero”, respondeu com uma advertência o Dr.

Heitor. "Mas se ele, o energúmeno estiver aí o senhor será o responsável por uma tragédia. Vou matar esse cidadão".

Matou coisa nenhuma. Repetiu o que falou um patrício português: e, finalmente, entre "mortos e feridos não morreu ninguém".

Assim é Porto Alegre ...

<http://lealevalerosa.blogspot.com.br/2010/04/o-instituto-historico-e-geografico-do.html>

1938– Ano 166 - Visitas ilustres à cidade que pulsa com grandes mudanças urbanas – ligação da Av. Borges com o Porto e remoção do Beco do Oitavo com vistas à duplicação da Rua 3 de novembro, atual André da Rocha. - Presidente Vargas, pela primeira vez depois da instituição do Estado Novo, um ano antes; Monteiro Lobato, em plena campanha em defesa do petróleo, sendo homenageado na Associação Rio-grandense de Imprensa – . Tragédias – falece o interventor no Estado, Daltro Filho, que será substituído interinamente por Maurício Cardoso e logo depois pelo coronel Cordeiro de Farias, quem governará até 1943. (Informações de Sérgio da Costa Franco em Porto Alegre, Ano a Ano)



Abertura da Av. Salgado Filho



Av. Borges de Medeiros Vista da av. Salgado Filho, década de 40

1939 – Ano 167 -Começo da edição “Boletim Municipal” da Prefeitura da POA, dirigido pelo historiador Walter Spalding, publicado entre 1939-1943. Era uma espécie de Diário Oficial da Prefeitura mas, graças ao interesse pela história da cidade do Diretor, meu modesto professor no Colégio Na. Sra. das Dores, contém valiosos artigos sobre a cidade. Os originais encontram-

se depositados no Arquivo Histórico Moysés Vellinho, da Prefeitura de Porto Alegre, à Avenida Bento Gonçalves 1129 .



1940 – **Ano 168** -POA celebra seu “falso” bicentenário, sob a direção de uma Central dirigida por Nilo Ruschel , com inauguração de diversas obras monumentais, com destaque para a Av. Farrapos, então Minas Gerais, com 5.5 km de extensão. A celebração abrirá um grande debate sobre a data mais apropriada para a fundação da cidade, afinal redefinida, em 1971, como sendo a de 26 de março de 1772. O maior historiador da cidade Charles Monteiro – PUCRGs- sugere que a divergência das datas corresponde aos momentos de interação entre o próprio desenvolvimento da cidade e sua interpretação. A primeira data, 1770, sustentada por Walter Spalding , em 1940, correspondia a uma fase de enaltecimento dos feitos do empreendedor colonial. A mudança para 1772, definida um ano antes, em pleno regime militar, já corresponderia a um tempo de valorização tecnocrática de feitos administrativos.

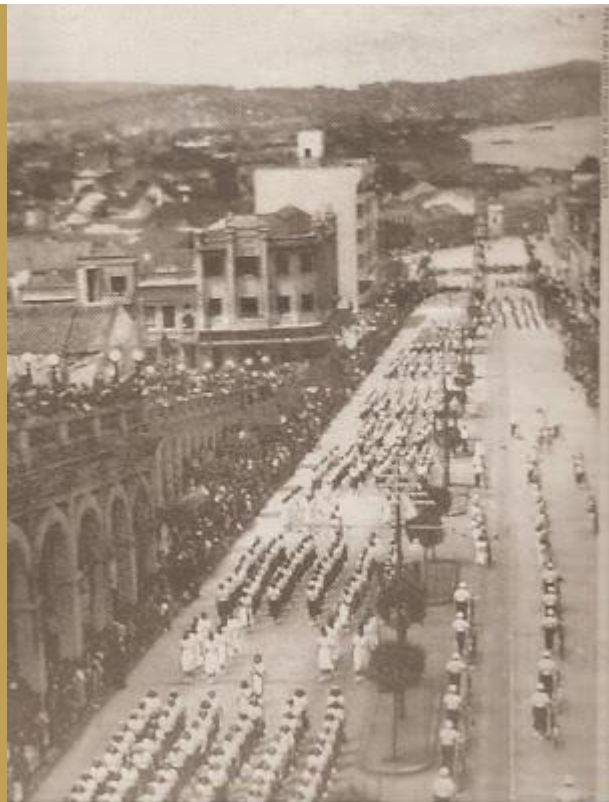


Bicentenário 1740-1940

A Ponte entre o Fundador Jerônimo de Ornelas e o Refundador Loureiro da Silva



Livro sobre o Bicentenário



Desfile de alunos da rede pública na av. Borges de Medeiros
- 1940

Fonte (fotos acima) - Fonte -

<http://lealevalerosa.blogspot.com.br/2010/04/o-instituto-historico-e-geografico-do.html>

1941- **Ano 169** -Entre abril e maio, a grande enchente. Revista do Globo dedicou edição especial. As imagens falam por quantas palavras se quisesse relatar a tragédia.



1942– Ano 170 - O Brasil declara guerra ao Eixo logo após grandes manifestações contra os alemães na cidade, que culminaram no quebra-quebra dos dias 18 e 19 de agosto quando foram apedrejados diversos estabelecimentos de propriedade de alemães e teuto-brasileiros.

“A situação se tornara tão tensa diante do apedrejamento de certos lugares que a Delegacia Regional do Trabalho emitiu uma nota um dia depois, dirigindo-se a todos os sindicatos e trabalhadores em geral do Rio Grande do Sul. Segundo a nota, os bens dos “súditos do Eixo” que moravam no Brasil, agora pertenciam à nação e, portanto, não faria sentido destruí-los. O Delegado Regional do Trabalho, Norival Paranaguá de Andrade fazia então um apelo para que os

trabalhadores voltassem às suas “ocupações normais”, evitando qualquer ato de agressão contra estabelecimentos comerciais e industriais”

Fonte - ECONOMIA DE GUERRA, BATALHA DA PRODUÇÃO E SOLDADOS-OPERÁRIOS: O impacto da Segunda Guerra Mundial na vida dos trabalhadores de Porto Alegre (1942-1945) Fernando Cauduro Pureza

1943– Ano 171 - O clima de guerra chega a Porto Alegre, depois que o Presidente Vargas decide entrar no conflito mundial ao lado dos Aliados. No dia 01 de março foi suspensa a iluminação pública em toda a cidade. E no 05 de março se dá o primeiro ensaio sem aviso prévio para a defesa anti-aérea.

“O primeiro deles, intitulado “A guerra e a vida cotidiana em Porto Alegre” mostra que a Segunda Guerra Mundial, do início ao fim, esteve presente no cotidiano dos porto-alegrenses. Além disso, faz uma breve apresentação de Porto Alegre no final da década de 1930, início da década de 1940, apresentando como era a capital gaúcha e as transformações por que passou durante esse período. No final desse capítulo, ainda são apresentados os impactos provocados pela guerra entre os imigrantes e descendentes dos países do Eixo em Porto Alegre”

Porto Alegre e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945): impactos no cotidiano da capital gaúcha Lucas Silva da Silva

<http://segundaguerra.net/wp-content/uploads/2012/04/1C31Ad01.pdf>

1944– Ano 172 - Febril atividade literária da Globo com inúmeras traduções e publicações locais, dentre elas “ Jornais Críticos Humorísticos de POA. Século XIX” – de autoria de Athos Damasceno Ferreira, Ed.Globo POA - , em louvável esforço de recuperação do passado da cidade e de reformas urbanas, obrigando-se o recuo das casa em 46 ruas e cogitando-se um plano de alongamento da Farrapos e reorientação de outras vias que poderia ter desfigurado o centro da cidade. Era a cidade preparando-se física e socialmente para o salto metropolitano. É inaugurado o Hospital de Pronto Socorro que recebeu neste ano 441 pacientes, dando alta a 373, internando 51 e registrando o falecimento de 37.

Hospital de Pronto Socorro – 1944



Fotografia tomada nos primeiros dias de funcionamento do HPS. Considerando a população daquela época (aproximadamente 300.000 habitantes) o hospital tinha sobra de espaço físico e parecia que nunca seria necessária sua ampliação. Hoje, passados 66 anos de sua inauguração, ele ainda consegue manter seus importantes serviços à população e brevemente sofrerá substancial ampliação.

Fonte : <http://ronaldofotografia.blogspot.com.br/2010/12/hospital-de-pronto-socorro-1944.html>

1945– Ano 173 - Vitória dos Aliados na II Guerra Mundial. Paz, A Força Expedicionária Brasileira – FEB - , dos militares brasileiros que participam do confronto retorna ao Brasil. dentre eles muitos gaúchos e porto-alegrenses. Este fato marca o fim do ciclo tenentista. Vargas não resiste às pressões pela redemocratização e é apeado do Governo apesar da Campanha Queremista – “Queremos Constituinte com Getúlio” - fortemente apoiada pela esquerda, inclusive Luiz Carlos Prestes, a vítima mais notória, com sua mulher Olga Benário, deportada para a Alemanha, onde viria a morrer num Campo de Concentração em 1941. Publicação de “Aspectos Gerais de

Porto Alegre” por Fortunato Pimentel, Of. Gráficas da Imprensa Oficial.

1946– Ano 174 - Toma posse o novo interventor federal no Estado, bacharel Pompilio Cilon Fernandes da Rosa, nomeado pelo novo Presidente da Republica, Eurico Gaspar Dutra. Em decorrência da queda na Constituição das proibições para uso de símbolos estaduais, estabelecidos pelo Estado Novo, volta a tremular o pavilhão rio-grandense em locais públicos, com a reverberação do Hino estadual, o que incentiva a retomada das iniciativas nativistas que resultarão na criação do CTG 35 dois anos depois e no protagonismo gauchesco de Paixão Cortes, quem se emprestaria como modelo para a Estatua do Laçador.



Antônio Carinji: [O Laçador](#), estátua idealizada do gaúcho para a qual Paixão Cortes serviu de modelo em 1954. Inaugurado em 1958, hoje é o símbolo da cidade, eleito por votação popular.

1947– Ano 175 - Eleição e posse de Walter Jobim como Governador que nomeou Gabriel Pedro Moacyr Prefeito da cidade. Houve eleições para a Câmara de Vereadores. Renasce o protagonismo do movimento estudantil em torno de questões nacionais e locais, no bojo da redemocratização, das eleições para a Constituinte e debates acalorados na Constituinte Estadual, que aprovou, inclusive, dispositivo instituindo do parlamentarismo no Rio Grande do Sul, apoiado até pelos deputados comunistas antes de terem seus mandatos cassados em decorrência da proibição para o funcionamento do PCB.

Campanha estudantil dos 50 por cento

Uma forte campanha das entidades estudantis por ingresso nos cinemas com 50% de abatimento resultou, em 13-set, em acirrado conflito na Rua dos Andradas, onde os bombeiros foram chamados a dispersar os estudantes com jatos de água. Iniciado o choque no Largo dos Medeiros, deslocou-se depois para o quarteirão entre as ruas General Câmara e Uruguai. Os estudantes resistiram à ação dos bombeiros. Do alto de um caminha o Coronel Walter Peracchi Barcelos (que viria a ser Governador do Estado no regime militar dos anos 64-85), comandante-geral da Brigada Militar, tentou convencer, sem resultado os manifestantes a cessarem sua resistência. Com mais habilidade, o deputado estadual Leonel Brizola conclamou-os a se deslocarem até a Faculdade de Direito, onde renderiam homenagem à liberdade de manifestação e à justiça. Atendendo a esse apelo, a massa estudantil abandonou a Rua da Praia e terminou por se dispersar na Avenida João Pessoa

Fonte – Sérgio da Costa Franco em Porto Alegre Ano a Ano – CEEE -2012

1948 – Ano 176 -Em 24 DE abril dá-se a fundação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas – CTG – 35, em Porto Alegre, o CTG – 35, em Porto Alegre, resultado da união de dois grupos de cultores e de forte ativismo tradicionalista gaúcho. Um, oriundo do movimento estudantil centrado no Colégio Júlio de Castilhos, no qual criaram o Departamento de Tradições Gaúchas e onde haviam acendido, no anterior, por ocasião do 20 de setembro a “Chama Crioula”, no vértice de uma cavalgada pela capital, liderado por Paixão Cortes e Barbosa Lessa e o outro, comandado por Glaucus Saraiva e Helio José Moro, também conhecido como “Grupo dos Oito”. O culto às tradições, entretanto, não nasce neste momento. Ele já estava presente nos estudos de Cezimbra Jaques, considerado Patrono do Tradicionalismo Gaúcho, quem também comandou diversas cavalgas alguns anos antes. E se aliará, embora ao longe, no ano posterior, ao regionalismo literário de Simões Lopes Neto e Érico Veríssimo com a publicação destes autores.

Em setembro de 1948, o primeiro piquete de cavaleiros do 35 CTG saía às ruas de Porto Alegre para conduzir a Chama Crioula. Paixão Côrtes (D) está acompanhado de José Laerte Vieira Simch (E) e de Antônio Cândido da Silva Neto (C).

Antes, em 5.9.47, na histórica cavalgada para receber os restos mortais do Gal. Canabarro, havíamos tido um contato com o Exército (18º RC) porque os cavalos foram cedidos pelo mesmo pois tudo foi tratado com o Presidente da Liga de Defesa Nacional, Major do Ex. Darcy Vignoli.

(...)

Nesta 1ª Ronda Crioula - em setembro de 48, (em 47 foi denominada de Ronda Gaúcha) - saímos 2 vezes com cavalos da Brigada: dia 7 à noite, quando éramos 13, para apanharmos a Chama Crioula na Pira da Pátria e a levarmos para o saguão do “Julinho” e no dia 20 para o desfile (na época a Brigada ainda não desfilava dia 20). Como amanheceu chovendo passamos parte do dia num galpão de um antigo tambo de leite que havia no meio de um potreiro existente no centro da propriedade da Brigada. Esse velho galpão ficava mais ou menos onde hoje é o Galpão Crioulo da Brigada, entre a sede do Comando do RBG e as báias.

(Cyro Dutra Ferreira)

http://4batalhaodefrentearosantantosa.blogspot.com.br/2011/09/brigada-militar-e-revolucao-farroupilha_21.html

1949– Ano 177 - Publicação de “O tempo e o vento” de Érico Veríssimo, Editora Globo e , pela mesma editora, dos livros “Contos Gauchescos” e “Lendas do Sul”, de Simões Lopes Neto, marcos de um novo tempo no Estado, com grande ênfase no regionalismo. O próprio Érico já havia publicado “O Resto é Silêncio” e “Clarissa” tendo Porto Alegre como cenário, assim como Athos Damasceno , com “Imagens Sentimentais da Cidade”, num romance, também sobre a cidade. Em contraponto, a Editora Globo, sob a égide de “Um certo Henrique Bertaso” se transforma num centro polarizador da melhor cultura universal “Urbi et Orbi”, destacando-se, além das traduções memoráveis de clássicos, na edição de duas Revistas: A Revista do Globo e a Revista Província de São Pedro.

Revista do Globo – A cara de modernidade

A Revista do Globo nº 1 traz a data de 5 de janeiro de 1929. A capa alegórica, de Sotero Cosme – sobre fundo negro, a imagem de uma mulher com um globo dourado entre os braços – tornou-se símbolo identificador da Revista. O corpo administrativo da Revista foi-se estruturando ao longo do tempo, criando-se e extinguindo-se funções, muitas vezes acumuladas, com variações em torno de um modelo básico. De todas elas, serão



apresentadas, detalhadamente, apenas, diretor, secretário e gerente.

1950– Ano 178 - Dois grande acontecimentos entrelaçados, um de caráter cultural, outro político: Vai ao ar na Rádio Farroupilha o Clube do Guri, patrocinado por uma empresa tipicamente nacional – NEUGEBAUER -que revelaria ao Brasil o talento de Elis Regina, uma das maiores intérpretes musicais e cuja carreira e personalidade forte a transformariam em ícone da redemocratização nos anos 80; e Vargas é reeleito Presidente da República pelo PTB tendo iniciado sua campanha em Porto Alegre, no dia 09 de agosto, em reconhecimento à sua base de apoio à Revolução de 1930 e ao forte reduto de seu Partido que aqui tem grandes líderes, como o Prefeito Loureiro da Silva, o Senador Alberto Pasqualini e o deputado estadual Leonel Brizola. Vargas e Elis, marcos de uma era de afirmação nacional, o mesmo destino : o naufrágio do caráter nacional da cultura e do desenvolvimento.



UMA HISTÓRIA DO RÁDIO NO RIO GRANDE DO SUL

Qual é a era de ouro do rádio? A em que cada ouvinte viveu e está vivendo a sua grande aventura sonora: dos pioneiros e seus ideais de difusão cultural à segmentação dos conteúdos em mil possibilidades, sem esquecer do espetáculo das novelas, dos humorísticos e dos programas de auditório. As luzes neste estúdio construído com bytes querem iluminar profissionais e atrações de ontem e de sempre, valorizando o ouvinte, motivo maior da existência de qualquer emissora. E fazer cada vez mais eternas as nove décadas de rádio no Rio Grande do Sul. Se der - por que não? - fala-se também dos rádios de outros rincões. Tudo em textos, fotografias, áudios e vídeos, o que estiver disponível. Nem sempre com qualidade ideal, mas, em todos casos, como registro e homenagem aos protagonistas desta história.



<http://www.radionors.jor.br/2013/10/ary-rego-e-o-clube-do-guri-2007-luiz.html>

Ary Rêgo e o Clube do Guri

2007

Luiz Artur Ferraretto



Ary Rêgo e Elis Regina no Clube do Guri (anos 1950)

Fonte: Acervo particular de Ary Rêgo.



Auditório Associado durante o Clube do Guri (anos 1950)

Fonte: Acervo particular de Ary Rêgo.

O programa durou até meados de 1966 e detinha grande audiência na cidade. A iniciativa resultou do lançamento de um produto achocolato da Neugebauer – O Guri – que faria concorrência ao líder até então do mercado que era a TODDY. O programa de rádio destinava-se a fortalecer a campanha publicitária do novo produto junto aos jovens consumidores. Exatamente o meu caso...Eu também era um fanático ouvinte de rádio nesta época vindo a freqüentar inúmeras vezes o clube do Guri, a partir de 1955 . Tendo ido morar no final da Rua Riachuelo conheci imediatamente seus arredores, junto aos quais ganhei permissão de meus pais para visitar, ávido que estava para me situar na nova e grande cidade. Todo o domingo, então, enfarpelava-me e me dirigia para a Rádio Farroupilha – às vezes também na Rádio Gaúcha, no prédio do City Hotel – na

expectativa de saber das novidades, conhecer gentes e, eventualmente, ser sorteado em algum dos freqüentes sorteios entre os presentes portadores de ingressos numerados... Foi assim que no dia 04 outubro de 1957 vim a saber, através da voz tensa e alarmada do apresentador do Programa, que os russos haviam lançado o primeiro veículo orbital sobre a Terra, o Sputnik, naquilo que viria a desembocar na corrida espacial dos anos 60. O mundo entrava numa nova órbita...Elis cantava. Vargas se elegia Presidente do Brasil...

51- Ano 179 -

52- Ano 180 -

53- Ano 181 -

54- Ano 182 - Incidentes marcam a insatisfação popular diante do suicídios do Presidente Vargas: Rádio Farroupilha, Diários Associados são atacados pela multidão.

55- Ano 183 Lembranças da infância e juventude deste escriba em sua chegada à cidade, vindo de Santa Maria para morar no magnético Alto da Bronze.

56- Ano 184 -

57- Ano 185 -

58- Ano 186 -

59- Ano 187 -

60- Ano 188 - Crônicas de uma década por um jovem de Taquara : Sergius Gonzaga

61 - Ano 189 - Irrompe da Legalidade, sob o comando do Gov. Brizola

62 - Ano 190 -Publicação de “Datas Rio-Grandenses”, de Sebastião Leão, cujo pseudônimo era “Coruja Filho”

63 - Ano 191 -

64– Ano 192 - A cidade tensa e incerta diante do golpe de 31 de março ao que se seguiram cassações de prefeitos, vereadores e deputados. O Governador Ildo Meneghetti transfere o Governo para Passo Fundo.

65– Ano 193 -

66 – Ano 194 - Estudantes fazem manifestação e colocam uma torre de perfuração de petróleo na Praça da Alfândega

67– Ano 195 - - Em 30 de setembro o Correio do Povo, fiel à sua tradição como jornal literário, dá início ao suplemento Caderno de Sábado

68– Ano 196 - - Fundação do PARTIDO OPERÁRIO COMUNISTA com epicentro na cidade e cujos líderes terão grande relevo na vida pública da cidade mais tarde.

69 – Ano 197 -

70 – Ano 198 – Tentativa frustrada de seqüestro do Consulado americano por militantes da resistência armada à ditadura, resultando na sua prisão, torturas e longos anos de prisão aos

71 – Ano 199 -- Criação da AGAPAN e início do forte movimento em defesa do meio ambiente em POA, o qual projetou Lutzemberger como futuro Ministro do Meio Ambiente.

1972 – Bicentenário

73– Ano 201 -

74– Ano 202 - - Morre no dia 27 de agosto um de seus mais ilustres filhos, LUPICÍNIO RODRIGUES , um dos maiores compositores brasileiros

75– Ano 203 - - Publicação do livro “Porto Alegre, Crônicas da minha cidade”, Parte II, de Ary Veiga Sanhudo, publicado pelo Instituto Estadual do Livro pela Editora Movimento. Apresentação de Alberto André. O livro completa a Parte I, com igual título, publicado em 1961. Circula, também, o COOJORNAL, o combativo jornal alternativo gaúcho, com sede em POA, que incomodará a ditadura até 1982.

76- **Ano 204** -

77- **Ano 205** -

78- **Ano 206** -

79- **Ano 207** - - Publicação do folheto de História da 'Mui leal e valorosa cidade' de POA, por Leandro Teles, em comemoração aos 238 anos da cidade. Publicação n 231 SESI -RS (238 anos)

80- **Ano 208** - - Publicação de "Cultura e Ideologia", coletânea de ensaios críticos a diversos pontos da história e da cultura no Rio Grande do Sul

81- **Ano 209** - Publicação do livro "Antigualhas- Reminiscências de POA", Edição Estante Riograndense União de Seguros - URIS -, contendo crônicas sobre nomes de ruas, famílias e outras curiosidades da cidade, de autoria de Antonio Alves Pereira Coruja (1806-1889), com Introdução de Sérgio da Costa Franco. Neste mesmo ano a dupla Kleyton e Kledir, originária de Pelotas, mas atuante em POA, faz sucesso nacional com a música DEU PRA TI

82- **Ano 210** - -

83- **Ano 211** -

-

84- **Ano 212** - Episódio da Carta de Otto Alcides Ohlweiler

85- **Ano 213** -

86- **Ano 214** - Em 02 de fevereiro Sergio da Costa Franca faz a crônica de um verão glorioso, em pleno clima de redemocratização do país.

87- **Ano 215** - - Em 15 de março , com mandato até 01 de abril de 1991 , Pedro Simon assume, na qualidade de primeiro mandatário de oposição ao regime militar, como 30º Governador do Estado.

- 88- **Ano 216** -
- 89- **Ano 217** -
- 90- **Ano 218** - Publicação de “Em Paz com a Vida”, coletânea de crônicas de Sérgio da Costa Franco, com Apresentação de Carlos Reverbel
- 91- **Ano 219** - Alceu Collares – PDT – assume o Governo do RS com o elevado significado de ser o primeiro trabalhista a retornar ao Governo desde Leonel Brizola.
- 92- **Ano 220** - Publicação do livro “Nós, os gaúchos”, Coletânea organizada por Sergius Gonzaga e Luis Augusto Fischer, Ed. URGs, POA.
- 93- **Ano 221**- Publicação de dois livros: “A Esquina do Pecado”, de Dilamar Machado , Ed. Mercado Aberto, POA, e ‘SOBRE PORTO ALEGRE’ – Coletânea – Coord. De Carlos Augusto Bissón - Ed. da Universidade (UFRGS) – Secretaria de Cultura do RS- POA - 1993
- 94- **Ano 222** -
- 95- **Ano 223** – Publicação do livro “Círculo de Pesquisas Literárias”, coletânea org. por Hilda Hübner Flores, Ed. Nova Dimensão. CPL : Rua André da Rocha 311/101 – Cep 900050.161 - POA
- 96 - **Ano 224** - - Criação do Centro de Estudos e Psicanálise Cyro Martins- CELPCYRO, importante centro de debates e publicações.
- 97- **Ano 225** --
- 98 - **Ano 226** -- Em 16 de novembro a Prefeitura concede ao ator Paulo José o título de Cidadão .
- 99 - **Ano 227** -- Em 01 de janeiro Olívio Dutra –, primeiro Governador do PT - assume o Governo do Estado com mandato até 31 de dezembro de 2002.

2.000– Ano 228 - - Publicação de “Manifesto Gaúcho”, um libelo de Evaldo Muñoz Braz, Ed. Martins Livreiro, POA, contra o ataque dos novos historiadores à identidade, tradições e projeções do gaúcho

01– Ano 229 - - A alta qualidade de vida em POA, o melhor IDH entre as metrópoles nacionais.

02– Ano 230 - - Em 01 de janeiro Germano Rigotto – PMDB - , nascido em Caxias do Sul em 24 de setembro de 1949, assume o Governo do Estado.

03– Ano 231 -

04– Ano 232 - - Em 09 de março falece em POA Décio Freitas, advogado, pesquisador, jornalista, o “historiador dos vencidos” , militante comunista histórico.

05– Ano 233 -

06– Ano 234 - Divulgação INTERNET do excepcional trabalho *Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade* de autoria de Charles Monteiro, historiador e cronista contemporâneo da cidade. E Criação do Círculo de Pesquisas Literárias – CIPEL - . o qual será o responsável por inúmeras publicações sobre literatura, cultural e história do RS- Ver 2009 , Publicação do livro “A Era Castilhistas”.

07– Ano 235 – Inauguração do Museu da Cidade Joaquim Felizardo

08– Ano 236 – Em 30 de maio é inaugurado o Museu Iberê Camargo, um dos maiores artistas plásticos gaúchos, nascido em [Porto Alegre](#). Em outubro vem a falecer o jornalista Luiz Paulo de Pilla Vares, ativo militante comunista, intelectual responsável pela formação de uma geração de marxista anti-estalinistas na cidade, inclusive este autor.

09– Ano 237 - Publicação do livro “A Era Castilhistas” pelo Círculo de Pesquisas Literárias – CIPEL - , coletânea organizada

por seu então Presidente, Lotário Neuberger. Ediplat, POA. Divulga-se também o Projeto Personagens Populares da cidade.

10- **Ano 238** - Em 19 de novembro dá-se a fundação do Instituto Augusto Carneiro, em homenagem ao grande ambientalista, Augusto César Cunha Carneiro (1922-2014) , que fundou em 1971, junto com Lutzemberger, a AGAPAN.

11- **Ano 239** - Tarso Genro assume como 37º. Governo do Estado no dia 01 de janeiro, com mandato até 01 de janeiro de 2015. Apoia diversos projetos culturais na cidade que se refletem no febril fermentação artística visível, sobretudo, pelos seus reflexos na mídia.

12- **Ano 240** – Em janeiro POA reedita o Forum Social Mundial e se consagra internacionalmente pela articulação com movimentos sociais e projetos populares.

13- **Ano 241** - -Publicação de “A Noite dos Cabarés”, coletânea de artigos sobre o cotidiano portoalegrense, de Juremir Machado da Silva, publicados na imprensa local. Ed. Pradense, POA

14- **Ano 242** - junho – POA sedia jogos da Copa do Mundo e recebe seleção alemã vindo a merecer destaque da imprensa daquele país como a mais europeia das cidades brasileiras

15- **Ano 243** – Em 01 de janeiro Ivo Sartori, eleito Governador em outubro de 2014 com larga vantagem assume o governo do Estado com a promessa de organizar a casa.

2022 – 250 anos

Fiquei com a pergunta atravessada na memória, sem encontrar nenhuma resposta, mesmo porque, naquela época, já se cogitava da afinal desvirtuada Avenida Beira-Rio, conforme idealizara Loureiro da Silva, mas nem se sonhava com o aterrador novo aterro do Guaíba. O imperialismo da cidade, no engolimento do rio, só encontra paralelo nas antigas conquistas da Grã-Bretanha, faltando-lhe, por enquanto, apenas os poemas de Rudyard Kipling, para mascarar a situação.

A idéia de Loureiro da Silva era apenas fazer uma avenida ao longo da margem do rio, para facilitar o trânsito e valorizar a zona sul, como área residencial, conservando-se, assim, a então maravilhosa enseada, com o esmerado favor que Deus lhe dera, sobretudo desde o Cristal até a outrora donirosa Praia de Belas.

Terminaram fazendo um aterro “holandês”, o que corresponde a uma caríssima, antinatural e inflacionária “fabricação” de terra firme, em prejuízo do rio e, principalmente, da paisagem, isto num lugar em que pode faltar tudo, menos terra.

Quando começou o aterro, eu tive de entrevistar, na lida de repórter, um professor norte-americano que dera com os costados nestas plagas. O estrangeiro era antropolista ilustre, tendo sido interrogado, obviamente, sobre a matéria de sua especialidade. Mas como é de velha e provinciana praxe, nessas ocasiões, eu não poderia encerrar a entrevista sem perguntar-lhe sobre sua impressão a respeito da nossa cidade.

Ele não se fez de rogado. E depois de informar que havia percorrido a orla do Guaíba, tomando, assim, conhecimento das obras do aterro recém-iniciado, limitou-se a dizer, secamente:

“Vocês estão estragando, em Porto Alegre, uma das paisagens mais bonitas do mundo.”

Depois de breve pausa, lascou o seguinte desaforo, que eu tive de engolir em seco:

“É pena que não se possa comprar paisagem e transportá-la para países que saibam admirá-las e preservá-las, conservando-as na sua beleza natural.”

1895 – outubro, 01 – Publicação do “Correio do Povo” pelo Jorn. Caldas Júnior, o qual veio a ser o jornal de mais longa duração no mercado de POA e interior, a saber até 1984. Isso lhe valeu a consigna de “o jornal de maior tiragem e circulação no RS”. Reiniciou sua circulação, que perdura até hoje – 2014 - em 1986, sendo vendido, em 2007, à Rede Record.

História

Início: o róseo

Com apenas 26 anos de idade, Caldas Júnior revolucionou a imprensa riograndense, ao fundar um jornal que, segundo declarou no editorial de seu primeiro número: *Este jornal vai ser feito para toda a massa, não para determinados indivíduos de uma facção.*

Como assinala o historiador Nestor Ericksen, na época a imprensa gaúcha caracterizava-se pelas fortes tendências políticas, influenciando diretamente na opinião pública local, de acordo com os interesses partidários. Havia jornais pró-maragatos e pró-pica-paus, alcunhas pelas quais eram conhecidos os adeptos dos principais partidos políticos gaúchos ao final do século XIX.

Os maragatos identificavam-se pelo uso de um lenço vermelho em volta do pescoço, os chimangos, pelo uso de lenço branco. Caldas Júnior, para mostrar que o *Correio* estava equidistante das duas correntes, imprimiu seu jornal num papel de tom rosado, daí ter sido conhecido, nos seus primeiros tempos, como o róseo.

A primeira edição do **Correio do Povo** saiu com quatro páginas e 2 mil exemplares. Pouco mais de três anos depois, já eram 4,5 mil exemplares. Desde então, o *Correio* passou a ostentar no cabeçalho os seguintes dizeres: *O jornal de maior circulação e tiragem do Rio Grande do Sul.*

O *Correio* foi inovador na profissionalização dos jornalistas, passando a contar com quadro próprio e não, como ocorria em outros jornais da época, com colaboradores que tinham outra fonte de renda. Também deu ênfase aos aspectos tecnológicos: por exemplo, teve quatro impressoras num período de quinze anos, também teve a primeira impressora rotativa do Rio Grande do Sul, em 1910, quando atingiu uma circulação de 10 mil exemplares.

Breno Caldas [\[editar\]](#)



Correio do Povo: sucessão de manchetes sobre a Revolução de 1930.

Com a morte prematura do fundador, em 1913, sua viúva Dolores Alcaraz Caldas assumiu o controle e o jornal passou por dificuldades econômicas, que só cessaram em 1935, quando a direção da Companhia Jornalística Caldas Júnior foi assumida por seu filho, Breno Alcaraz Caldas, nela permanecendo por mais de cinquenta anos.

Em 1946, o jornal deixou as instalações alugadas que ocupava na Rua dos Andradas, instalando-se no então edifício Hudson, na atual rua Caldas Júnior. A via, que se chamava Paissandu, ganhara o nome do fundador do *Correio*, que ostenta até hoje, dois anos antes, por decreto do prefeito Antônio Brochado da Rocha. O antigo Hudson é o mesmo prédio que ainda hoje abriga as redações do *Correio do Povo* e da Rádio Guaíba.

Nas décadas de 50 e 60 a liderança do *Correio* se consolidou. Breno Caldas fundou, ainda, outros jornais, *Folha da Tarde* (1936), *Folha de Manhã* (1969), além da Rádio Guaíba e da TV Guaíba.

Em 20 de setembro de 1972, o *Correio* sentiu a repressão da censura imposta à imprensa pelo regime militar. Ao publicar uma reportagem sobre pronunciamentos de parlamentares contra a censura, apesar de advertido a

não fazê-lo, Breno Caldas viu toda a edição daquele dia ser apreendida pela Polícia Federal.

Quando o comandante da operação determinou que a edição apreendida fosse transportada nos caminhões do próprio jornal para a sede da Polícia Federal, Breno Caldas interveio pessoalmente proibindo que os caminhões fossem usados para essa finalidade, o que obrigou os policiais a requisitarem caçambas que trabalhavam no cais do porto, ali perto.

Ainda na década de 1980, a proclamada imparcialidade foi posta à prova, quando o jornalista Flávio Alcaraz Gomes, sobrinho de Breno Caldas e diretor da Rádio Guaíba cometeu um homicídio, fato que teve repercussão nacional. Por ordens expressas de Breno Caldas, a cobertura do crime pelo *Correio* foi a mais ampla possível, nada ficando a dever a realizada por outros órgãos de imprensa.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Correio_do_Povo

1913 – janeiro, 25 – Inauguração do Monumento à Julio de Castilhos na Praça da Matriz

Monumento a Júlio de Castilhos

Origem: Wikipédia -

http://pt.wikipedia.org/wiki/Monumento_a_J%C3%BAlio_de_Castilhos



Monumento a Júlio de Castilhos

O **monumento a Júlio de Castilhos** é um monumento localizado na Praça da Matriz, no centro de Porto Alegre.

Índice

[\[esconder\]](#)

- 1 História
- 2 Descrição e interpretação
 - 3 Bibliografia
 - 4 Ver também

História[\[editar | editar código-fonte\]](#)

A sua construção foi decidida logo após a morte de [Júlio de Castilhos](#), ocorrida em [24 de outubro](#) de [1903](#), sendo o projeto de autoria do pintor e escultor [Décio Villares](#). Contudo, sua realização sofreu vários atrasos e o projeto inicial passou por várias alterações. Os trabalhos finalmente iniciaram em [27 de julho](#) de [1910](#), com o nivelamento do terreno e o lançamento dos seus alicerces sob a supervisão de [Affonso Hebert](#), ficando a parte da [cantaria](#) a cargo de [Jacob Aloys Friedrichs](#). As obras encontraram dificuldades diversas e, em certa altura, seus [andaimes](#) desabaram, destruindo o que já existia e obrigando ao recomeço de toda a empreitada.

Por fim, o monumento pôde ser inaugurado em [25 de janeiro](#) de [1913](#), e na ocasião o governo estadual distribuiu um panfleto esclarecendo a complexa [simbologia](#) representada. Pretendia-se ilustrar idealizadamente três momentos da vida do homenageado: a fase da propaganda republicana, a fase da organização do governo [positivista](#) no Estado e a fase posterior à sua retirada do governo.

Descrição e interpretação[\[editar | editar código-fonte\]](#)

As alegorias foram escolhidas por Villares de modo a caracterizar a ação típica de cada uma das três fases e o seu grau de importância, com realce para fase da organização política, da qual resultou a [Constituição de 1891](#). A primazia deveria caber à [República](#), como o espelho dos ideais que definem a política moderna: [liberdade](#), [paz](#) e [fraternidade](#). O entusiasmado apoio popular à causa republicana não poderia faltar, e também era preciso manter viva a memória dos antecedentes políticos resumidos em [Tiradentes](#) e [José Bonifácio](#) através das frases *Libertas quae sera tamen*, e *A sã política é filha da moral e da razão*. Além da estatuária existem inscritas datas alusivas à [proclamação da República](#), fator fundamental na emancipação política do Rio Grande, e à [Revolução Francesa](#), inspiradora de todo um impulso civilizatório de alcance global.



A Propaganda Republicana

Os grupos de estátuas se distribuem em torno de um núcleo piramidal, destacando-se, no topo do obelisco central, a figura triunfante e dinâmica da *República*, com a chama da nova ordem social em uma das mãos e o códice da lei nova na outra. Repousa sobre uma esfera, com estrelas representando os estados brasileiros, além da divisa *Ordem e Progresso*. Na face oeste, representando a *Propaganda Republicana*, está a imagem de um jovem que se inclina à frente, oferecendo exemplares do jornal A Federação.



Detalhe da face norte, com as figuras da *Constância* e da *Prudência* na base, o político ao centro, e o *Civismo* e a *Coragem* acima

A face norte é dedicada a eternizar Júlio de Castilhos como um estadista exemplar, um organizador iluminado pela filosofia de Auguste Comte, virtuoso e enérgico, e em sua representação está ele entronizado em uma cadeira alta, em aparente meditação após a leitura de um livro, mas prestes a entrar em ação, em consonância com o seu *motto* pessoal: *Saber para prover*.

Mas, uma única figura do político, por mais engenhosamente concebida que fosse, não seria o bastante para apresentar ao povo a pletora de suas qualidades, que foram então personificadas em figuras auxiliares: a *Coragem*, num arrebatamento inspirado, com os louros da vitória em uma das mãos e a outra livre para incitá-lo à atividade. Contudo a coragem por si mesma é um impulso cego, e sua figura traz significativamente os olhos parcialmente vendados. Assim, fazia-se mister equilibrá-la com a *Prudência*, que refreia o ímpeto da outra e aponta-lhe os perigos e dificuldades da aplicação prática da idéia abstrata, simbolizados por um dragão que sobe rastejando o solo da pátria, e que em si também relembra a ameaça de retorno da antiga ordem monárquica, uma vez que o dragão é símbolo da Casa de Bragança, à qual pertencia o Imperador Dom Pedro II, há tão pouco tempo deposto.

Outras virtudes se reúnem no elogio de Castilhos. À sua direita posta-se a *Firmeza* ou *Constância*, um guerreiro atlético com armadura, em atitude altiva e inabalável, com uma pele de leão estendida às costas em clara alusão ao Hércules mitológico e ao domínio espiritual sobre as paixões brutas e desordenadas. Ele segura ainda três chaves de significado pouco claro, mas talvez representativas dos três poderes (executivo, legislativo e judiciário) que o político controlou com mão férrea em seu governo. Acima, abraçando amorosamente a bandeira nacional, está a imagem esvoaçante do Civismo.



Júlio de Castilhos representado como um velho sábio

No lado leste ilustrou-se a fase derradeira de Júlio de Castilhos, após seu afastamento do poder. Ele é mostrado, curiosa mas simbolicamente, como um velho de barbas longas, mas de corpo ainda em pleno vigor, na atitude retórica de um sábio mestre, como a provar, conforme constava em passagem no panfleto publicado, que os anos não lhe quebraram o vigor do espírito nem dissiparam a sabedoria acumulada da experiência.

Por fim, a face sul traz a figura de um jovem gaúcho a cavalo, simbolizando ao mesmo tempo a energia jovial do povo riograndense, a esperança no futuro e o apoio indispensável das massas populares a qualquer iniciativa bem-sucedida de reforma, progresso e melhoramento.

O conjunto do monumento, de 22 metros e meio de altura, é uma verdadeira cartilha positivista, e foi concebido em uma feição idealista e mesmo mística, como um altar público onde se pudesse venerar a memória de um líder paradigmático e conhecer seus princípios doutrinários.

Bibliografia[[editar](#) | [editar código-fonte](#)]

- Doberstein, Arnoldo Walter. In *Cadernos de História do Memorial e Banrisul: A Porto Alegre Positivista*. Porto Alegre: Memorial do Rio Grande do Sul, edição online sem data. [1]

Era uma vez poa

laFischer – Sgonzaga

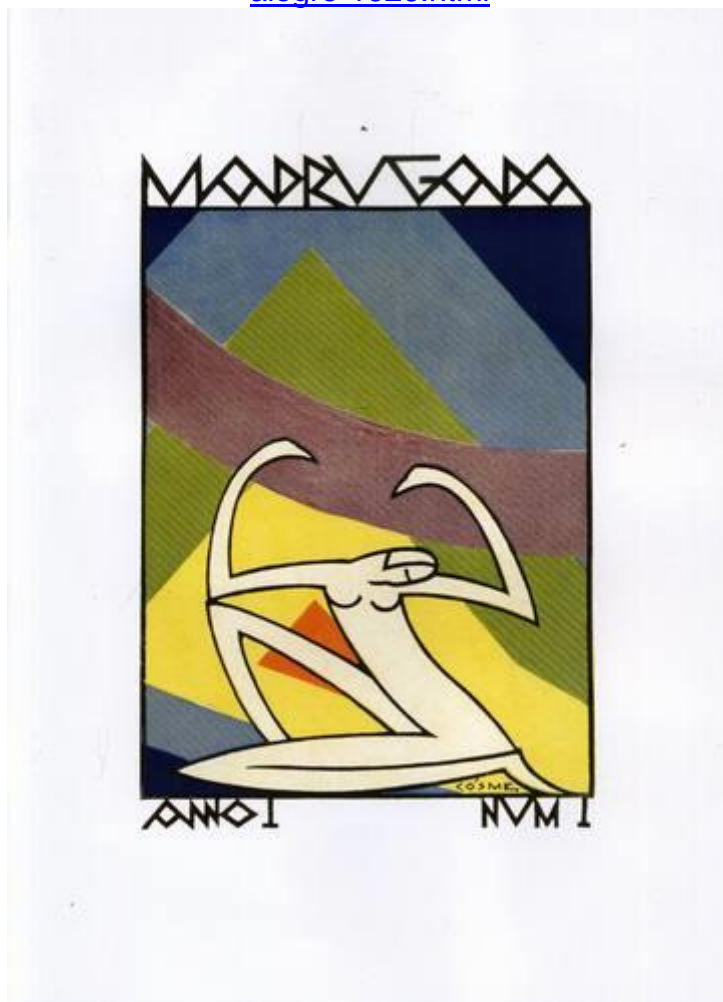
<https://www.facebook.com/sergius.gonzaga/videos/3938279202884856>

1926 – Lançamento da Revista MADRUGADA, tendo à frente nomes como Theodemiro Tostes, Augusto Meyer e Sotero Cosme, bastante “descolada” para a época, meio boêmia, graficamente avançada, voltada à assuntos culturais e variedades, com muitos comerciais, sobretudo de automóveis, demonstrando o interesse já existente por este que se tornaria um objeto de desejo, por excelência, nas décadas vindouras. Circularão cinco números ilustrados no ano, cuidadosamente guardados por Ana Cosme Leyen. O projeto gráfico da Revista foi objeto de outro trabalho acadêmico “O design e a comunicação na revista Madrugada (1926)”, de Ana Gruszyski e Amanda Breisameter, da UFRGS:

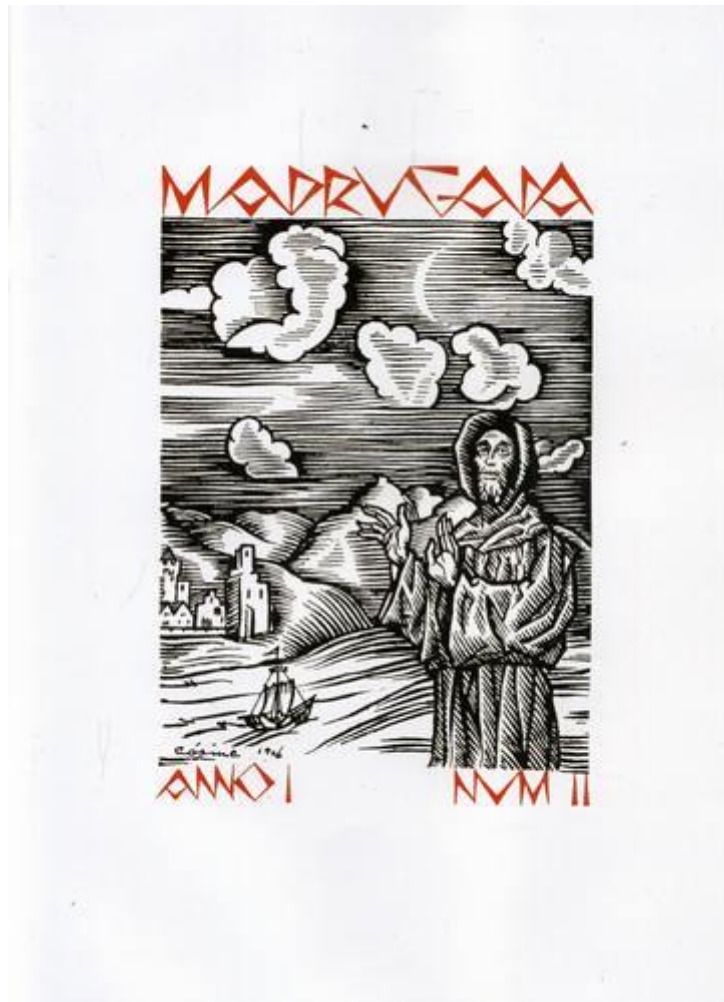
http://www.researchgate.net/publication/256165364_O_design_e_a_comunicao_na_revista_Madrugada_%281926%29 .

Madrugada (Porto Alegre 1926)

<http://patrimoniograficoemrevista.blogspot.com.br/2009/12/madrugada-porto-alegre-1926.html>



pré-visualização



pré-visualização



pré-visualização

MADR. TADA



ANDI

NM4

pré-visualização



pré-visualização

Jornalismo Cultural no Rio Grande do Sul:

A modernidade nas páginas da revista Madrugada

O Modernismo na efêmera passagem da revista Madrugada

Postado por Johnson, Vanessa às terça-feira, dezembro 08, 2009

Cida Golin e Paula Ramos se dedicam ao estudo deste semanário em seu trabalho “Jornalismo cultural no Rio Grande do Sul: o Modernismo na efêmera passagem da revista Madrugada (1926). Dando uma idéia do caráter da publicação estas autoras reproduzem um aviso no número inaugural: “Pontualidade é defeito de burgueses. [...] Ninguém, absolutamente ninguém, que se preze de ter bom-gosto, entrará antes das 11 num baile que principie às 9 horas. Madrugada é assim. Perfeitamente civilizada e revista de linha, não quis sair no dia fixado. Fez-se mais desejada, mais preciosa. Sai hoje, catorze dias depois do que marcara”. A Madrugada, à qual se associa o lançamento da Revista do Globo dois anos depois e o Caderno Literário do Diário de Notícias já no ano seguinte, malgrado sua curta existência, marca um momento de grande efervescência econômica e social na capital através do qual ela vai ganhando maior relevo sobre o interior do Estado e atendendo às expectativas dos grupos sociais emergentes. Devemos nos lembrar que a década de 20,

conhecida como “Anos Loucos” marcou um deslocamento do eixo da modernidade de Paris para Nova Iorque, vale dizer, para o Novo Mundo, com o advento do charleston, ao qual compareciam mulheres insinuantes de cabelos curtos, vestidos colados com aberturas provocantes em festas tão bem descritas em “O Grande Gatsby”, de W. Faulkner.

A Porto Alegre dos anos 20 era o centro econômico e político do terceiro estado brasileiro mais industrializado. Modernizou-se, sobretudo, a partir das reformas empreendidas pelos intendentes Otávio Rocha (1924-1928) e Alberto Bins (1928-1937), que incluíam desde campanhas de saneamento e higiene, passando por intervenções no desenho urbano. Nessa época, afora a construção do viaduto Otávio Rocha, avenidas foram abertas, becos foram extintos, praças e parques, criados. A remodelação exigiu aumento de impostos e o deslocamento das classes populares para os arrabaldes..

Cida Golin e Paula Ramos – obra citada acima

A Zero Hora de 29 de julho revive os bons momentos de A MADRUGADA:
29 de julho de 2014

<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2014/07/29/veja-como-uma-reportagem-de-1926-falava-sobre-um-dos-mais-novos-bens-de-consumo-na-epoca-o-carro/?topo=13,1,1,,13>

Do livro **História da Academia Rio-Grandense de Letras**, de **José Carlos Rolhano Laitano**, 2ª edição.

A PRESENÇA DA MULHER

A figura da mulher ocupou espaço especial na história do Parthenon. Embora presente na literatura, ainda antes da fundação do Parthenon Litterario, Delfina Benigna da Cunha foi atuante nas atividades do Parthenon. Todavia, a mulher intelectual sofreu preconceito ao longo da história acadêmica e, na Academia Brasileira de Letras, a questão feminista sofreu retrocesso pretensamente baseado na tradição francesa, como se verá em capítulo mais adiante.

Permanecendo no âmbito do Parthenon Litterario, escreve Ramírez:¹

A Europa era um ferredouro de concepções e correntes, cujas ondas de influência repercutiam na América e no Brasil. Se a corte centralizava a administração governamental, na esfera intelectual o Rio Grande do Sul dispunha de uma indelével autonomia, graças ao intercâmbio frequente de parentescos e de interesses comerciais com o Prata.

Das capitais, Buenos Aires e Montevideu, importávamos os últimos figurinos de Paris, as intrigas palacianas e políticas, os mais recentes questionamentos

¹ RAMIREZ, Hugo. Palestra proferida no Arquivo Histórico Municipal Moysés Velinho, Porto Alegre, em agosto de 1999: Influências ideológicas no Parthenon Literário.

literários. É assim que nomes de gigantes do pensamento europeu como Tomas Hobbes, Montesquieu, Adam Smith, John Locke, Lamennais, Lacordaire, Voltaire, Rousseau, Diderot, Goethe, Kant, Herder, Benjamin Constant, Guizot, Thiers, Darwin, Renan, Allan Kardec, se entrecruzavam e interagem na mente e nas discussões dos membros do Partenon Literário, a partir de 18 de junho de 1868. Da mesma forma como o faziam os homens mais cultos do Rio Grande do Sul, nesse período. Ali se lia e conhecia Shakespeare, Cervantes, Esproncenda, Becquer, Walter Scott, Byron, Shelley, Chateaubriand, Stendhal, Lamartine, Balzac, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Theophile Gautier.

Da literatura portuguesa, compulsavam-se clássicos como Camões, Bocage, Camilo Castelo Branco, João de Deus, Alexandre Herculano, Ramalho Ortigão, Almeida Garret, Tomás Ribeiro e Guerra Junqueiro.

As cabeças mais arejadas da província conheciam e liam os autores representativos da nascente literatura brasileira (como Joaquim Manoel de Macedo, com seus romances “A moreninha” e “O moço loiro” de José de Alencar).

[...]

Detalhe importante. Havia participação feminina no Partenon Literário. Professoras e escritoras ali compareciam, de olhos abertos para o mundo, a disputar o direito à própria expressão individual.

Sensibilizava-as o exemplo de mulheres lúcidas e decididas, empenhadas a se firmarem num mundo predominantemente masculino, desde Anita Garibaldi, a lagunista que se transudara em heroína farroupilha e européia, à americana Harriet Beecher Stowe, autora da novela abolicionista “A Cabana do Pai Thomaz”, e à francesa Louise Michel, com sua conduta política arrojada.

O Rio Grande do latifúndio e das escaramuças bélicas era lugar para homens afeitos à luta, comandando a família, aprovando o casamento das filhas, amancebando-se com escravas. A mulher limitava-se aos afazeres domésticos, criação de filhos e frivolidades, se o dinheiro assim o permitisse.

Hilda Hübner Flores, citando o jornal farroupilha *O Artilheiro*, descreve a cena:

Mocinhas urbanas satisfaziam a vaidade elaborando caprichosos penteados à chinesa, ou dos pentes de Paris (pentes de tartaruga fabricados no Rio de Janeiro), ou dos trepa-moleques (carrapitos no alto da cabeça que exigiam grandes pentes de tartaruga ou de chifre para manter erguido o farto ornamento); depois se punham à janela a colher os resultados do seu aprumo.²

Todavia, segundo seu estudo, na verdade, a mulher, em especial ou mesmo durante a batalha farroupilha, fez mais do que manter-se coquete:

A documentação consultada mostra que a década da guerra civil revelou nomes femininos no exercício de distintas atividades e díspares funções, não raro acumulando duas ou mais atividades, desde a maternidade, a educação e a instrução dos filhos, a administração da charqueada ou da estância, a criação de criança abandonada, a costura, bordados, confeitos, a navegação e, pasmem, cultivando a intelectualidade que produziu trabalho pioneiro no jornalismo, na

² HÜBNER FLORES, Hilda A. Obra citada, p. 11.

literatura e, sobretudo, informando e denunciando acerca do que foi um dos capítulos mais destrutivos de nossa história.³

As primeiras mulheres que assumiram posição de destaque na vida intelectual foram Luciana de Abreu, Luísa de Azambuja, Amália dos Passos Figueroa, Revocata Heloísa de Mello e Delfina Benigna da Cunha.

Delfina, nascida em São José do Norte, filha de militar, ficou cega aos vinte meses de idade; todavia, logrou estudar e é considerada a primeira figura literária gaúcha e é seu o primeiro livro de versos publicado em tipografias rio-grandenses.

Luciana de Abreu foi convidada quando ainda professora pouco conhecida e tornou-se a primeira mulher a ingressar numa academia de letras.

Em 1873, Luciana pronunciou discurso sob o título *A Educação da Mulher*,⁴ onde destacou a situação feminina e, para que se tenha ideia do momento de mudança cultural pelo qual passava a nossa sociedade naquele século, transcrevo as suas palavras, que contrapunha, inclusive, o pensamento de alguns acadêmicos:

É insolito o meu comparecimento n'esta tribuna; a qualquer de vós vai parecer descomunal o meu arrojo, vindo até aqui dizer-vos algumas palavras acerca da educação da mulher; e de certo parece injustificado o procedimento que tenho, eu fraca mulher, ante tantas intelligencias esclarecidas, ante tão bellos talentos, vir expor a minha opinião, sem titulo algum que autorise a minha presença aqui.

Mas, senhores, nos banquetes de Aristipo, n'essa bella e illustrada Athenas, a par dos philosophos mais eminentes assentavão-se as meigas filhas do lyceu e da academia, que, com admiração olhavão para o modesto e quasi divino Socrates.

E eu, senhores, considerando que a intelligencia não tem privilegios, nem titulos exclusivos, e que a palavra, essa poderosa arma da civilisação, não deve ser escasseada, ainda pelos mais obscuros, ousei, ainda que tremula ao dar os primeiros passos, vir até aqui certa de que seria bem recebida.

Meus senhores, trata-se de preparar a mulher para preencher a sublime missão que lhe foi confiada pela Providencia; e tendes ouvido já d'esta tribuna palavras de animação e setenciosos preceitos que sem duvida estão gravados no cofre perfumoso do vosso coração.

Aproveito n'este momento a occasião de render uma homenagem sincera ao Parthenon Litterario que com dedicação e sacrificio se tem occupado na grande obra do futuro, da educação da mãe de familia.

Minhas senhoras, nós temos sido victimas dos prejuizos das preocupações do seculo. nós temos sido olhadas como seres á parte na grande obra da regeneração social, quando sem nós impossivel seria á humanidade aperfeiçoar-se e progredir; porque nós somos mãis e o primeiro e mais intimo vagido da infancia do homem recebemol-o nós em nosso seio, dispensando-lhe os cuidados que são a nossa vigilia, as nossas lagrimas, as nossas dores e alegrias, o nosso amor emfim.

Nós temos sido calumniadas, dizendo-se que somos incapazes dos grandes commetimentos, que somos de intelligencia fraca, de perspicacia mesquinha; e que não devemos passar de seres caseiros, de meros instrumentos do prazer e das

³ HÜBNER FLORES, Hilda A. Obra citada.

⁴ ABREU, Luciana. *Revista Parthenon Litterario*, dezembro 1873, p. 535-539.

conveniencias do homem; quando o nosso ensino tem preparado os mais perfeitos heróes da humanidade; e quando, á testa das nações, quer na cadeira, quer na officina modesta do operario, temos dado exemplos de assombrar os povos e os seculos!

Nós temos sido condemnadas á ignorancia, privadas dos direitos de cidadãos, e reduzidas á escravas dos caprichos politicos de legisladores imprevidentes e egoistas, quando beneficas espalhamos o bem-estar na vida intima social preparando o coração de nossos filhos para a virtude, e inspirando-lhes desde os primeiros dias o amor ardente pela liberdade e pelo progresso.

Haja vista, senhoras, a nação ingleza o progresso á que tem attingido; e porque não veremos n'esse facto a nossa salutar influencia?

Nem me objectem, senhoras, os vergonhosos excessos que dizem commetter as infimas mulheres inglezas no dia de exercer a mais nobre prerrogativa do poder popular, isto é, o voto. A isso vos responderia eu com o que se dá entre nós n'essas occasiões; e então não são as mulheres, os entes quasi despreziveis, são homens pela mór parte inteligentes e instruidos, que se aproveitam da miseravel educação que em geral, homens e mulheres, recebemos em um paiz como o nosso, onde se ensina tudo, menos o que valem a dignidade pessoal e os interesses da patria considerados herança commum de todos nós.

Perdoai-me, senhoras, esta digressão; perdoai-me que eu pouco abusarei da vossa complacente attenção.

Nós temos sido injuriadas atrozmente ainda, atirando-se-nos o baldão injusto de inconstantes e desrespeitadoras de nossos deveres e de incapazes das grandes acções, quando vivemos a vida do amor no estado de filha, de abnegação no de esposa, e das dôres profundas no de mãe. Chamão-nos borboletas, dão-nos epithetos ligeiros, quando devião considerar-nos martyres no eterno Golgotha da vida social.

Entretanto, na apreciação da virtude das mulheres, põe-se em relevo a injustiça dos homens.

Aquelles, que para o seu sexo levão a longanimidade a um ponto apenas concebivel, para o sexo debil levão a exigencia até o ridiculo da exageração.

A virtude é uma, senhores, uma deve ser em ambos os sexos.

Se no paraizo houve uma Eva, também em Nazareth houve uma Maria; se as Helenas e Cleopatras existirão, o mundo admirou as Joannas d'Arc e as Izabeis de Castella.

Para seduzir uma Eva houve no principio do mundo uma serpente; hoje, para cada Eva seduzivel ha um mundo de serpentes. Contra essa multidão de reptis que se arrastão pelos pavimentos de marmore e pelas alcatifas de velludo, só ha um recurso: a boa educação.

A pobre creatura que apenas sabe vestir-se e adornar-se para agradar porque se lhe não ensinou mais, crê em qualquer farçante que a lisongea e lavra talvez a sua propria perdição. E quem poderá censural-a com justiça?

Se a educação entre nós chegasse ao ponto onde devera chegar, serião os pais os primeiros confidentes de suas filhas, não seria essa honra reservada á escravas interesseiras e inimigas.

São vulneraveis, eu confesso, os defeitos que nos fazem ter as preocupações do mundo, a insufficiente educação que recebemos, o estado excepcional em que nos collocão; póde alguma de nós ser frivola até o ridiculo, ou descuidada até a sordideza; póde alguma de nós ser pretenciosa até o fôfo orgulho, ou submissa até a baixesa do cervilismo; póde ainda ser perversa e abominavel até o que ha de

mais hediondo nos instinctos humanos; concedo: mas, até quando ha de querer-se que sejamos anjos lançando-se-nos do céu da luz, da instrucção, e de nossa verdadeira posição?

Quererão que sejamos instruidas e sabias, fechando-nos as academias, os porticos dos templos da sciencia?

Quererão que sejamos todas immaculadas, quando a mocidade masculina se perverte impunemente logo nos primeiros annos, desde que abandonando o seio de suas mãis, vai para o dominio dos pais?

Quererão de nós os grandes commetimentos, as emprezas arrojadas, quando se incumbem de pensar por nós e vedão-nos todos os meios, quer materiaes, quer politicos ou moraes?

Nós não somos somenos ao homem: a nossa alma tem a mesma passividade e actividade que a d'elle, e tanto a sensibilidade como a intelligencia e liberdade participão do mesmo grão de capacidade e podem ter o mesmo grão de desenvolvimento n'um ou n'outro sexo.

O que convem pedir, o que venho aqui em vosso nome altamente reclamar, é, de parceria com a educação, a instrucção superior commum a ambos os sexos; é a liberdade de esclarecer-nos, de exercer as profissões a que as nossas aptidões nos levarem.

Dêem-nos educação e instrucção; nós faremos o mais. A nossa posição legitima na sublime missão de que estamos incumbidas, nós a tomaremos pelo nosso trabalho, e a humanidade ha de tudo ganhar com o nosso triumpho.

Permitti-me, senhoras, que termine fazendo-vos um apello, que será a nossa profissão de fé.

É preciso que a mulher se compenetre do importante papel que lhe está confiado, que faça mesmo lembrar ao homem que se elle é o rei da creação, ella é a legitima rainha.

Longe de nós os vicios que, pela nossa educação frivola, tem algumas vezes dado pretexto aos nossos detractores; longe nós a mentira, a dissimulação, o amor do luxo, da vaidade e da impostura. Não desprezemos o estudo, o silencio de nosso gabinete, nem o berço de nosso filhinho pelo turbilhão louco da valsa, nem pelo canto da sereia que se chama Moda e que muitas vezes em um só dia consome o laborioso trabalho de nossos pais, o suor de nossos maridos, o futuro, e não poucas vezes a honra de nossas familias.

Então, quando ouvirmos falar a um d'estes, bradaremos com energia:

Vós, que rebaixastes a dignidade da mulher, que a considerastes como um ser quasi desprezível, vinde! Eu vos chamo a juizo no tribunal de vossa propria razão.

O ser que vilipendiastes deu a vida a vossos heróes e a vosso sabios!

Os Alexandres e Napoleões, os Homeros e Camões quando cruzarão a perigosa quadra da infancia forão alimentados com o succo precioso dos peitos de uma mulher, seus primeiros passos forão por ella guiados, suas inspirações forão n'ella colhidas.

Recordai-vos vós mesmos: quem vos ensinou a balbuciar as primeiras palavras, quem modulou esse instrumento ingrato, que hoje contra ella voltais?

E os primeiros sons que soltastes não foi ainda um hymno dirigido á rainha dos anjos?

Podeis mostrar-nos algum dos quadros que representão a grande historia da humanidade, sem que appareça a mulher?

Na entrada do mundo antigo vereis Eva, a mãe do genero humano, a autora do grande cataclysmo do Edem.

Na entrada do mundo moderno, Maria mãe na graça, bemdita, immaculada co-redemptora do genero humano.

Em todos os magnificos sucesos do antigo e moderno mundo ver-nos-heis sempre exercendo alto poderio nos destinos dos povos e na ventura das nações.

Negaste-nos o direito de legislar; mas desde a abolição da lei salica, concedeste-nos o direito de dar a lei aos legisladores.

Negaste-nos o direito de obter cargos e honras, entretanto deixaste-nos o direito de distribul-as.

Fechaste-nos as portas da sciencia; mas nunca podereis privar-nos de avassalar os sabios e os heróes com os recursos de vosso engenho.

Em conclusão, senhoras, nós aparentemente os vencidos, somos na realidade os vencedores.

A MULHER NA ACADEMIA DE LETRAS

A questão feminina perpassa a história de todas as academias e a celeuma que envolveu a Academia Brasileira de Letras é digna de nota.

Em 1911, como relata Michele Asmar Fanini,⁵ a filóloga Carolina Michaelis teve seu nome cogitado para o quadro de correspondentes, na sucessão do russo Léon Tolstói, Cadeira nº 17, concorrendo com Anatole France. Na sessão de 9 de setembro de 1911 foi proposto, como preliminar, o exame da questão do sexo, mas optaram por destinar a vaga ao escritor francês porque o número de correspondentes portugueses estava preenchido, o que correspondia à verdade e, assim, sob a presidência de Rui Barbosa, evitaram discutir a questão de gênero. Da mesma forma, ainda é a pesquisa de Michele Fanini nos arquivos da ABL:

Durante pesquisa de criação da ABL, o nome da escritora Júlia Lopes de Almeida, foi cogitado por Lúcio de Mendonça para compor seu quadro de membros fundadores. Com exceção de José Veríssimo, Valentim Magalhães e Filinto de Almeida, este último, marido de Júlia Lopes, a sugestão foi negada, sob a alegação de que a agremiação, ainda embrionária, seguiria os passos da congênera francesa, a Académie Française de Lettres, fundada em 1635, cujo Regulamento restringia a candidatura aos indivíduos com sexo masculino.

Em 1930, Amélia Carolina de Freitas Beviláqua, ou Amélia Beviláqua, esposa do jurista Clóvis Beviláqua, candidatou-se para uma Cadeira na ABL e, em sessão de 29 de maio do mesmo ano, por quatorze a sete, negaram o pedido e o colegiado, liderado pelo Presidente Aloísio de Castro, interpretou o disposto no segundo artigo do Estatuto afirmando que o vocábulo “brasileiros” significava pessoa do sexo masculino.

Continua Michele Fanini, em sua pesquisa junto à ABL:

Clóvis Beviláqua rebate a oblíqua interpretação de seus pares com ironia, respaldando-se no precedente argumento de que, se assim o é, o dicionário da língua portuguesa, então em processo de elaboração pela própria Academia, certamente indicará que o verbete “brasileiro” se refere apenas aos indivíduos do sexo masculino. O autor do Código Civil sustenta sua observação sublinhando que, tal como estatui o art. 2º deste documento, conforme o qual “todo o homem é capaz de direitos e obrigações”, as mulheres estão implicitamente representadas, pois, como é do conhecimento de todos, “homem” representa uma categoria genérica.

Rachel de Queiroz foi a primeira mulher a ingressar na imortalidade acadêmica, em termos nacionais, ao ser eleita para a Cadeira nº 5, e isso em 1977.

Voltando no tempo.

No ano de 1976 discutiu-se, intensamente, a presença feminina na ABL. Nesse ano o Presidente era Austregésilo de Athayde. Em entrevista ao jornal *Opinião*,⁶ ele declarou:

⁵ FANINI, Michele Asmar. Tese de doutoramento pela Faculdade Sociologia, USP, julho de 2010: A (in)elegibilidade feminina na Academia Brasileira de Letras – Carolina Michaëlis e Amélia Beviláqua.

⁶ *Jornal Opinião*, Rio de Janeiro, edição de 16 de julho de 1976.

[...] Agora, vêm as pessoas outra vez saber se a mulher vai entrar para a Academia, só por causa do prédio novo. Mas se esquecem que, quando a Academia foi fundada, decidiu-se que ela seria uma associação fechada só para homens. A Academia Francesa tem 300 anos e nunca admitiu mulheres, por que a nossa que tem apenas 80 iria admitir? E você acha que se houvesse uma Academia Feminina de Letras elas iam deixar a gente entrar? Nem ia pegar bem a gente pedir...

Geralmente me apontam e à Academia como inimigo das mulheres. Eu até gosto muito de mulher, sabe? Sexta-feira passada setenta e cinco mulheres vieram me visitar e sentaram-se em nossas cadeiras, eu até falei para elas. Mas elas não podem ser imortais, é uma questão de norma. Eu acho que, mesmo que no futuro elas possam se candidatar, vai ser muito difícil entrar mulher na Academia. Não é só porque seja proibido, é que elas mesmas não têm tendências para a literatura. Veja a mulher como cientista, por exemplo – o que foi que a mulher inventou que prestasse? Ela não inventou nada, não tem capacidade, não tem inventividade criadora. As poucas mulheres que se destacaram na ciência, é porque o marido incentivou. Citam a Mme. Curie, mas se não fosse o marido dela...

Além do mais, a natureza dividiu as coisas entre homem e mulher com que objetivo? Há campos em que, por natureza, a mulher não entra. Você pode argumentar: mas há muitas mulheres inteligentes. Há, eu sei. Mas veja só: há muitas mulheres mais inteligentes que muitos homens, mas nenhuma mulher é mais inteligente que o mais inteligente dos homens. É natural, por que na literatura seria diferente?

Três dias depois, o jornal Folha da Tarde publicou a coluna de Carlos Drummond de Andrade, com o título Permitido para mulheres:

Confidenciava o imortal, após a votação:

– Fomos coagidos. Levaram para o salão aquela moça bonita, Maria José de Queiroz. Quem teria a coragem de votar contra?

*

Bastou a Ilustre Companhia franquear suas poltronas aos dois sexos, desponta a reivindicação: o terceiro também reclama seus direitos.

*

Para acadêmicos de certa faixa etária, a convivência com as colegas bem dotadas pela natureza será lá fin d'un beau jour. Há crepúsculos deslumbrantes que compensam um ano inteiro de chuva. E até o enfarte pode ser feliz.

*

Ao tomar posse, a imortal terá direito a falar 30 minutos ou o resto da vida?

*

Outra comentou:

– Depois de nos barrarem a entrada por tanto tempo, dá a impressão de que agora nos chamam para espanar o tédio lá dentro.

Ainda em outubro, foi a vez das mulheres escritoras comparecerem às páginas dos jornais.⁷

Declarou Clarice Lispector:

⁷ *Jornal Folha de São Paulo*, edição de 16 de outubro de 1976.

Um escritor não depende do sexo a que pertence para existir e jamais serei candidata. Sou essencialmente mortal. E não me agradaria que, ao menor espirro, me olhassem como uma possível vaga. Além disso, não sou de tomar chá com bolinhos às quintas-feiras. Tenho mais coisas para fazer.

Rachel de Queiroz:

Falar em vaga é pensar na morte de algum dos acadêmicos, o que seria desagradável e indelicado neste momento em que todos os lugares estão ocupados.

Helena Silveira:

Lugar de escritor – seja homem ou mulher – não é a Academia, mas a trincheira (que não é algo identificado com a morte, a lama ou a metralhadora; sua definição é para a trincheira da construção). Estamos construindo um país e não é tomando chazinhos que vamos resolver alguma coisa. Uma nação se constrói na rua, no dia a dia da rua, com o trabalho de todos. As mulheres não devem entrar na Academia; os homens é que devem sair dela.

Contudo, Helena Silveira recebeu – e aceitou – o Prêmio Afonso Arinos, outorgado pela ABL e o Prêmio Alcântara Machado, da Academia Paulista de Letras.

Logo em seguida, o *Jornal do Brasil* estampou ampla reportagem sobre o mesmo tema: a mulher na Academia.⁸

Disse Lígia Fagundes Telles:

Sou feminista, e nessa qualidade, não posso aceitar nenhuma porta fechada, mesmo que seja da imortalidade. [...] Nos nomes elegíveis, gostaria de estar presente à posse de escritoras como Dinah Silveira de Queiroz, Rachel de Queiroz ou Clarice Lispector. Mas não desejo que ninguém morra para isso. Hoje, não quero. Mas não sei o dia de amanhã.

Rachel de Queiroz, novamente:

Não sou candidata. [...] Foi importante o gesto de unanimidade por parte dos imortais que ainda se opúnham à idéia.

Maria Clara Machado:

Nunca me candidataria porque acho isso uma coisa do passado.

Dinah Silveira de Queiroz afirmou que a sua candidatura, seis anos antes, teve o intuito de provocar o debate e dar mais força aos que, dentro da Academia, defendiam o fim da discriminação. Sabia que não seria aceita. Quanto à mulher ser proibida de usar o fardão, disse que era uma tolice, pois o fardão diplomático era igual e as mulheres diplomatas não o usavam. Fardão de mulher é vestido de noite.

Nélida Piñon:

Não tenho vocação acadêmica. Sou uma criatura inquieta e acredito que uma academia não seja o local adequado para subverter normas, mas sim para acomodar corações. Em hipótese alguma me candidatarei, e de tal modo me preocupo com o futuro, de me deixar contagiar com essas glórias, ou pela própria esclerose, que me antecipo, fazendo declarações que jamais possam ser

⁸ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, edição de 19 de outubro de 1976.

esquecidas pela Academia. Eu conto com a memória da Academia para qualquer momento de fraqueza meu.

Retornando ao início deste capítulo, Rachel de Queiroz foi empossada na Academia Brasileira de Letras no dia 4 de novembro de 1977, ocupando a Cadeira nº 5; Ana Maria Machado, Cadeira nº 1; Dinah Silveira de Queiroz ocupa a Cadeira nº 7; Cleonice Berardinelli, Cadeira nº 8, Rosiska Darcy de Oliveira, Cadeira nº 10; Lígia Fagundes Telles, a Cadeira nº 16; e Nélida Piñon, a Cadeira nº 30.

No Rio Grande do Sul, o Parthenon Litterario contou com a presença de Luciana de Abreu, a primeira. Amália dos Passos Figueroa seguiu a trilha aberta. Isso, no século dezanove.

Em 1936 foi eleita para a Academia de Letras do RGS a escritora Walkyria Neves de Salis Goulart. Para o Instituto Rio-Grandense de Letras, foram eleitas Alzira Freitas e Edite Hervé. Em 1944, com a fusão das academias, tomaram posse na Academia Sul-Rio-Grandense de Letras Marieta Mena Barreto Costa e Camila Furtado Alves, permanecendo Walkyria Goulart.

Depois entraram para a imortalidade, na Academia Rio-Grandense de Letras, Mila Zulmira Guimarães Cauduro, Betty Yelda Brognoli Borges Fortes, Marília Beatriz Cibils Becker, Hilda Agnes Hubner Flores, Jane Tutikian, Zélia Helena Dendena Sampaio, Maria Eunice Garrido Barbieri, Maria da Glória Jesus de Oliveira e Kathrin Holzermayr Lerrer Rosenfield.

¹ HÜBNER FLORES, Hilda A. Obra citada.

¹ ABREU, Luciana. *Revista Parthenon Litterario*, dezembro 1873, p. 535-539.

PELOURINHO POA

<http://lealevalerosa.blogspot.com/>

A ereção do pelourinho representava assim, um grande acontecimento na vida da povoação.

- O Pelourinho era o lugar público (praça) de uma povoação (vila ou cidade) onde eram punidos e expostos escravos rebeldes e criminosos, ao escárnio público.

As execuções capitais (penas de morte) não eram feitas nos pelourinhos, mas na forca, erguidas em outro lugar.

- Muitos tinham no topo uma pequena casa em forma de guarita, feita de grades de ferro, onde os condenados eram expostos à vergonha pública.

Já em outros, existiam apenas argolas para prender e açoitar os presos.

- No Brasil, o mais comum era o pelourinho feito de madeira, com uma argola na ponta. Frequentemente utilizado para castigar escravos, o pelourinho acabou assumindo, em nosso país, o símbolo da violência da escravidão.

- No Brasil Colônia, o pelourinho, símbolo do Poder do Governo, geralmente levantado em frente à Casa da Câmara e da Cadeia (atual Câmara dos Vereadores) foi muito usado para castigar os escravos com açoites.

- Do Brasil Colônia restam apenas 5 pelourinhos: Paranaguá (PR), Alcântara (MA) Mariana, (MG), Óbidos (PA) e Rio Grande (RS).

Primeiro Registro em Porto Alegre

Data de 1782, o primeiro registro de um pelourinho em Porto Alegre, citado em um ofício da Câmara pedindo que se mandasse vir do Rio de Janeiro, capital da Colônia, um padrão indicativo de autonomia. O pedido não foi atendido.

Em 1784, o pedido foi reiterado.

- Nesta ocasião provavelmente veio o dito padrão e este foi instalado.

Em 1786, em uma escritura de compra e venda quando foi mencionado, - *seu local não é indicado*; apenas é dito que fora erguido em uma praça e que ali já não estava. Sua localização original, pois, é incerta.

Ergue-se o Pelourinho

Em 14 de novembro de 1810, em Porto Alegre, o novo ouvidor e corregedor Dr. **Antonio Monteiro Rocha**, mandou Ofício a Câmara ordenando que prontificasse o Pelourinho para as Cerimônias, e que fosse de pedra.

Nota:

- "*Nos tempos do Brasil Colônia e Reino d Brasil, a Freguesia precisava possuir um pelourinho para ser elevada a condição de Villa*".

- Assim foi feito, às pressas pelo pedreiro **Jacinto José**, que recebeu **177\$780** réis, a obra foi erguida em frente à Igreja das Dores, em plena Rua da Praia, a principal artéria da Freguesia, o local depois conhecido como Largo da Força.

- Esse monumento simbólico acabou não sendo muito utilizado; - **mas o foi!**



Modelo de Pelourinho - MG

- A elevação de “*Villa*” para Porto Alegre foi à definição da divisão política do município.

O Viajante historiador, **Isabelle, Arsène**, descreve o pelourinho de Porto Alegre **em 1833**:

“Cada dia, das sete às oito horas da manhã, pode-se assistir, em Porto Alegre, a um drama sangrento. Ponto de reunião – a praia, ao lado do Arsenal; de frente de uma igreja (das Dores), diante do instrumento de suplício de um divino legislador; vereis uma coluna erguida num maciço de alvenaria e ao pé... uma massa informe, alguma coisa certamente pertencente ao reino animal, mas que não podeis classificar entre bímanos e bípedes... é um negro!...”

Passai, retirai-vos dessa cena de desolação; o infortunado tem apenas membros mutilados, que mal se conhecem, sob os farrapos ensangüentados de sua pele murcha.”

Em 1833, este pelourinho foi indicado em um desenho, realizado por **Tito Lívio Zambeccari**, como estando localizado no largo fronteiro à Igreja das Dores.



- No mesmo ano, a Câmara aprovou o início da construção da cadeia pública, e solicitou que o pelourinho fosse transferido para outro local, pois onde estava estorvaria as obras previstas.

- Logo em seguida, a construção foi suspensa, e as pedras que já haviam sido trazidas foram usadas para a construção de um cais pertencente à Ordem Terceira de Nossa Senhora das Dores.

Último Registro do Pelourinho

De 1839, uma planta da cidade de Porto Alegre, ainda assinala neste local o pelourinho, no **item 48**, as margens do Guaíba na Praça do Arsenal, entres as ruas 15 - Rua Direita (atual Rua General Bento Martins) e 16 - Rua do Arroio (atual Avenida Padre Tome), em frente ao Arsenal de Guerra e a Intendencia.

- Deste mapa em diante a indicação do Pelourinho, não é mais citado em fontes históricas conhecidas.

*Silvana Moura está com Marino Boeira e
outras 23 pessoas*

·
[dosrnpSeotgg5chml02h6f641lllg 05ti1a03c87ta3g88u53h2403auag8](#) ·

61 anos da LEGALIDADE

A ÚLTIMA UTOPIA (Texto de [Marino Boeira](#))

Domingo é um bom dia para remexer velhos livros. Em meio deles encontrei uma brochura editada pelo Instituto Estadual do Livro em 1991, durante o governo de Alceu Collares, denominado Nós e a Legalidade – Depoimentos. Entre nomes de políticos (Aldo Pinto, Geraldo Stedile, Índio Vargas e Mila Cauduro) e de intelectuais importantes, como Moacyr Scliar e Alcy Cheuiche, estava também o meu depoimento com o título de A Última Utopia. Normalmente, algo que você escreveu há 30 anos sobre um evento histórico, envelhece e perde a importância que pode ter tido na época. Não foi o que me pareceu e por isso me atrevo a reproduzi-lo aqui pensando nas pessoas que não viveram aqueles dias

A perspectiva do tempo torna os fatos históricos mais claros. Olhando para trás, muitos anos depois, você sabe quem eram os heróis, quem eram os vilões. As sutilezas se apagam e fica mais fácil distinguir o certo do errado, o progressista do reacionário. O difícil é fazer essa distinção na hora em que os fatos estão acontecendo. Algumas vezes, porém, isso ocorre.

O chamado Movimento pela Legalidade talvez tenha sido um dos últimos grandes acontecimentos da História do Brasil onde a complexidade dos interesses em jogo não impediu que as pessoas percebessem a essência dos fatos

Aquele agosto de 1961 começara tranqüilo e terminara em meio a uma grande crise, justificando a tradição de ser um mês aziago para a política brasileira.

Jânio renunciara; Jango estava na China; a cúpula militar tramava o golpe que não conseguira completar em 54, com a morte de Getúlio. Tudo se resolveria no conforto dos gabinetes e o povo seria informado depois das decisões.

Este quadro confortável acabou se desestabilizando pela ação do Governador Brizola, do Rio Grande do Sul, que inseriu no processo um elemento até então considerado desprezível pelas elites que acertavam, entre elas, o futuro do País: o respeito às normas constitucionais que regulavam a sucessão presidencial. Se o Presidente Jânio Quadros havia renunciado, em seu lugar deveria assumir o vice-presidente eleito, João Goulart.

Como sempre acontecera na História recente do Brasil, travou-se então uma guerra de ameaças e pressões na busca da neutralização daquele político gaúcho, subitamente tornado tão inconveniente.

O importante era não derramar o sangue de irmãos, impedir uma guerra fratricida, buscar a tolerância tão tradicional na alma dos brasileiros e outras frases que a retórica conservadora sempre soube usar nessas ocasiões.

Só que o inconveniente não cedia. Brizola organizava uma resistência que desafiava todas as normas da prudência.

Naqueles dias de fim de inverno e início da primavera eu era apenas mais um jovem de 20 anos, encharcado de cinema e literatura, sonhando com a chegada de uma sociedade socialista para o Brasil.

Para mim, o radical populista que ocupava o Palácio Piratini não parecia ser a pessoa mais indicada para comandar esse processo de busca do socialismo

Os seus discursos de todas as sextas feiras pela Rádio Farroupilha eram motivos de ironias e piadas. Mas o Movimento pela Legalidade começou a mudar a ótica das coisas.

Naquele meio dia, que a memória localiza hoje entre fins de agosto e início de setembro, o Governador fez o discurso mais emocionante da sua carreira de político. Os “inimigos”, os “imperialistas” iriam bombardear o Palácio Piratini e ele convocava a todos para defender a legalidade ameaçada.

Uma das figuras mais utilizadas na literatura diz que o personagem fica com um “nó na garganta” e a “voz embargada” quando a emoção é demais. Naquele dia, eu fiquei com um “nó na garganta” e a “voz embargada” ao ouvir o Brizola pelo rádio. Como milhares de outros, fui também para frente do Palácio Piratini para defender a justiça da nossa causa. Como esses milhares, eu também tinha muito claro na cabeça, que havia um lado certo e um lado errado. Que havia heróis e vilões

Era o grande momento da virada da História do Brasil. Mesmo que houvesse luta, mesmo que se derramasse sangue, teria sido por uma causa justa. O país que emergisse dessa luta seria bem melhor, certamente. Era a prova por que passam todas as grandes nações, mas que o Brasil postergou.

As grandes raposas da política, os tancredos, os mazillis, os moura andrades, saíram rápidos de suas tocas e concertaram um grande acordo entre os militares golpistas com o janguismo. Nascia um espúrio parlamentarismo. Tiraram do Brizola a bandeira da Legalidade e o neutralizaram, enfim. Em 1964 ele tentou desfraldá-la novamente, mas não havia mais clima para isso. O Movimento da Legalidade de 1961 foi nossa última utopia. Depois disso vieram os anos de chumbo da ditadura e a pálida e mesquinha democracia dos nossos dias.

Porto Alegre tem tradição em Planejamento

Porto Alegre é a primeira Capital do país a ter um Plano Diretor. No início do século XX, surgiu a primeira tentativa de organizar o crescimento da cidade com o arquiteto João Moreira Maciel propondo o "Plano Geral de Melhoramentos", que data de 26 de agosto de 1914. Apesar de ser um plano tipicamente viário, era baseado em princípios orientadores bem definidos.

1917 – outubro, 30 - Aparicio Torelly e, o Barão de Itararé um dos pioneiros do jornalismo político e humorístico no país, e Athos Damasceno protestam pela guerra.